

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA PARA A
EDUCAÇÃO BÁSICA

DESDOBRAMENTOS DE UM PROCESSO DE ENSINO PARA AMPLIAR A
PARTICIPAÇÃO DAS MENINAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Sônia Corrêa de Andrade

BAURU-SP
2025

SÔNIA CORRÊA DE ANDRADE

**DESDOBRAMENTOS DE UM PROCESSO DE ENSINO PARA AMPLIAR A
PARTICIPAÇÃO DAS MENINAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-graduação em Docência para a Educação Básica junto à Faculdade de Ciência da Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, Campus de Bauru, sob a orientação da Professora Doutora Lílian Aparecida Ferreira.

BAURU-SP
2025

Andrade, Sônia Corrêa de.

Desdobramentos de um processo de ensino para ampliar a participação das meninas nas aulas de Educação Física/ Sônia Corrêa de Andrade, Lílían Aparecida Ferreira. Bauru- SP, 2025. 135 p.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP). Faculdade de Ciências, Bauru, 2025.

Orientadora Lílían Aparecida Ferreira

1.Diálogo. 2.Praxiologia Motriz. 3.Inclusão. 4.Ensino Fundamental.

I. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Faculdade de Ciências. II. Título.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE SÔNIA CORRÊA DE ANDRADE, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 28 dias do mês de fevereiro do ano de 2025, às 9h, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de SÔNIA CORRÊA DE ANDRADE, intitulada **"Desdobramentos de um processo de ensino para ampliar a participação das meninas nas aulas de educação física"** e produto educacional: **" "Maria Eugênia reclamou que a bola não chegava para ela": a participação das meninas nas aulas de Educação Física"**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Profa. Dra. LILIAN APARECIDA FERREIRA (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) Departamento de Educação Física / UNESP Faculdade de Ciências de Bauru SP, Prof. Dr. GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS (Participação Virtual) do(a) Departamento de Educação Física e Motricidade Humana / Universidade Federal de São Carlos, Prof. Dr. EVANDRO ANTONIO CORRÊA (Participação Virtual) do(a) Departamento de Educação Física / Faculdades Integradas de Jaú - SP. Após a exposição pela mestranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final APROVADA. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Profa. Dra. LILIAN APARECIDA FERREIRA



Documento assinado digitalmente
LILIAN APARECIDA FERREIRA
Data: 28/02/2025 11:44:33-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Faculdade de
Ciências -
Câmpus de
Bauru - Av.
Engenheiro
Edmundo
Carrijo Coube,
14-01,

DEDICATÓRIA

Dedico este mestrado aos meus pais Anestor (*in memorian*) e Yolanda (*in memorian*) que há 41 anos me apoiaram, incentivaram e abdicaram de muitas coisas para que eu pudesse realizar o meu sonho de me formar professora de Educação Física. Gratidão e amor eterno a vocês!

AGRADECIMENTOS

À minha querida amiga Yorahina e ao meu estimado amigo Cristiano, por estarem sempre ao meu lado, oferecendo apoio incondicional, esclarecendo minhas dúvidas e me incentivando a seguir em frente, mesmo nos momentos mais desafiadores. Vocês dedicaram um tempo precioso para me ajudar, e sabem bem que não foram poucas as vezes. Sou imensamente grata por nossa parceria e amizade! Sem vocês, essa jornada teria sido muito mais difícil. Amo vocês!

Aos integrantes do Núcleo de Estudos e Pesquisas das Abordagens Táticas dos Esportes Coletivos (NEPATEC), com quem aprendi e continuo aprendendo tanto. Esse é um espaço onde me sinto em casa e no qual desejo continuar minha trajetória de aprendizado por muitos anos. Vocês são incríveis!

Aos professores Glauco e Evandro, que tive a honra de ter em minha banca. Não poderia ter escolhido melhores mestres para esse momento tão importante. Minha gratidão por todo conhecimento compartilhado e pelo apoio inestimável. Vocês são excepcionais!

À minha amiga Ellen, que esteve comigo desde o início, me incentivando a ingressar no mestrado em uma instituição pública e sempre me lembrando de que eu era capaz. Seu apoio foi fundamental, especialmente nas aulas de inglês instrumental, abrindo caminhos para que eu pudesse chegar até aqui. Obrigada por toda motivação e por acreditar em mim. Amo você!

Às minhas filhas, Flávia e Paula, que, de tantas formas, me ajudaram ao longo desse percurso. Sempre prontas a solucionar os problemas do computador quando eu não sabia o que fazer, vocês foram essenciais. Flávia, sou especialmente grata por sua imensa ajuda no e-book – sem você, eu não teria conseguido. Amo vocês imensamente!

À minha irmã Iolanda, por todos os sábados recheados de pizzas caseiras e os almoços aos sábados e domingos, que foram um alívio em meio à correria. Sua força e apoio foram fundamentais para mim. Você é a minha melhor amiga. Amo você!

Aos meus pais que já não estão mais aqui, mas que me deram suporte financeiro para que eu cursasse a tão sonhada faculdade de Educação Física. Sem vocês, este mestrado não seria possível.

E, acima de tudo, agradeço a Deus por ter colocado em meu caminho minha orientadora, Lilian. Uma professora extremamente dedicada, paciente e generosa com seus alunos, principalmente comigo que não tinha noção de nada, de como começar... Até hoje a ternura e a paciência são ilimitadas quando vem de você, minha professora querida e inspiradora. Sua orientação não só me ajudou a crescer profissionalmente, mas também como pessoa. Espero poder continuar aprendendo com você e fazendo parte da sua trajetória. Seu conhecimento me transformou, me fez e me faz uma pessoa melhor. Obrigada por tudo, "Pro querida". Amo você!

RESUMO

Ao atuar como docente de Educação Física em uma instituição privada de ensino há 14 anos, venho me deparando com recorrentes comportamentos sociais entre os/as estudantes que potencializam a exclusão (e até a autoexclusão) das aulas de Educação Física, seja por gênero, diferença de habilidades ou outros tantos fatores. Estas questões vêm se destacando e comprometendo, sobretudo, as oportunidades e possibilidades de aprendizagens por parte das meninas. Tendo como orientação o diálogo, o processo de autonomia, as vivências das atividades, a mobilização de reflexões para a participação nas aulas de Educação Física e as estruturas e dinâmicas das práticas corporais, nosso objetivo foi analisar as implicações de um processo de ensino para a ampliação da participação das meninas nas aulas de Educação Física. Os/as participantes do estudo foram alunos/as de uma turma de 2º ano em 2023 e esta mesma turma, posteriormente no 3º ano em 2024, com ações que reuniram 10 aulas em 2023 e 12 aulas em 2024. A professora de Educação Física da turma assumiu também o papel de pesquisadora, sendo identificada como professora-pesquisadora. O estudo se balizou pela abordagem qualitativa, fazendo uso da pesquisa intervenção. As coletas de dados foram realizadas por meio de diários de aulas, rodas de conversas, entrevista com os/as alunos/as da turma, filmagens e registros de fotos. Os resultados nos permitiram identificar três categorias de análise: 1) Preconceitos de gênero: imobilizando a participação das meninas nas aulas de Educação Física; 2) Ações e reações das meninas; 3) Desafios e possibilidades para ampliar a participação das meninas e dos meninos nas aulas de Educação Física, evidenciando fatores que influenciavam na participação das meninas nas aulas de Educação Física, como também, alternativas para o ensino da Educação Física voltado para a equidade de gênero, inclusão e reformulação pedagógica. A pesquisa ressaltou a importância de um ensino inclusivo, incentivando práticas reflexivas para superar preconceitos e mobilizar oportunidades na Educação Física escolar.

Palavras-chaves: Diálogo, Praxiologia Motriz, Inclusão, Ensino Fundamental.

ABSTRACT

By working as a Physical Education teacher at a private educational institution for 14 years, I have repeatedly encountered social behaviors among students that reinforce exclusion (and even self-exclusion) from Physical Education classes, whether due to gender, differences in physical abilities, or various other factors. These issues have become increasingly evident, particularly affecting the learning opportunities and possibilities for girls. Guided by dialogue, autonomy development, active participation in activities, and reflective engagement in Physical Education classes, our objective was to analyze the implications of a teaching process aimed at increasing girls' participation in Physical Education. The study participants were students from a 2nd-grade class in 2023, who continued in the 3rd grade in 2024, with interventions conducted over 10 lessons in 2023 and 12 lessons in 2024. The Physical Education teacher of the class also took on the role of researcher, being identified as a teacher-researcher. The study followed a qualitative approach, utilizing intervention research. Data collection was carried out through class diaries, discussion circles, interviews with students, video recordings, and photo documentation. This research contributed to Physical Education teaching by addressing key aspects such as gender equity, inclusion, and pedagogical reformulation, identifying factors that influence girls' participation in Physical Education classes. The study highlights the importance of inclusive teaching, encouraging reflective practices to overcome prejudices and ensure equal opportunities in school Physical Education.

Keywords: Dialogue, Motor Praxeology, Inclusion, Elementary Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 - A (NÃO)PARTICIPAÇÃO DAS MENINAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA e O PROCESSO DE APRENDIZAGEM	18
1.1 Preconceitos de gênero: imobilizando a participação das meninas nas aulas de Educação Física	19
1.2 Educação para a diversidade	26
CAPÍTULO 2 - PAULO FREIRE E PIERRE PARLEBAS:	30
POSSIBILIDADES PARA O ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA.....	30
2.1 As inspirações freireanas	30
2.2 As ideias parlebasianas.....	33
2.3 Freire e Parlebas na Educação Física	37
CAPÍTULO 3 - TRAJETÓRIA METODOLÓGICA.....	40
3.1 Caracterização da pesquisa	40
3.2 O contexto da pesquisa.....	42
3.3 As coletas de dados	43
3.3.1 Diários das aulas.....	44
3.3.2 Rodas de conversas.....	45
3.3.3 Entrevista	45
3.3.4 Filmagens e registros de fotos	47
3.4 Organização das atividades para as aulas e para a pesquisa	48
3.5 Análise dos dados	55
CAPÍTULO 4 - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	57
4.1 Separação por gênero, domínio dos meninos, entendimento dos meninos em relação às meninas e conduta artificial dos meninos	57
4.2 Ações e reações das meninas.....	64
4.3 Desafios e possibilidades para ampliar a participação das meninas e dos meninos nas aulas de Educação Física	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS.....	83
Apêndice 1 - TCLE	90
Apêndice 2 - TALE.....	93

Apêndice 3 - Roda de conversa 2023	95
Apêndice 4 - Roda de conversa- 2024	100
Apêndice 5 - Diários de aula-2023	105
Apêndice 6 - Diário de aula-2024	116
Apêndice 7 - Entrevistas	129
Anexo 1 - Aprovação do comitê de ética	134

INTRODUÇÃO

*A arte de sorrir cada vez que
o mundo diz, não!
(Guilherme Arantes)*

Na década de 1970, quando eu tinha apenas sete anos, tudo era muito difícil financeiramente, especialmente para minha família. Lembro-me de como as coisas em casa eram limitadas e escassas, meu pai marceneiro e minha mãe cuidava dos filhos e da casa, mas eu era feliz.

Apesar de toda dificuldade, entrei na escola com a idade de sete anos, ou seis anos para quem completasse sete anos até o meio do ano. Minha mãe costumava dizer que meu pai nos apoiaria nos estudos até a 8ª série do fundamental (atualmente denominado 9º ano), mas, a partir daí, precisei arrumar um emprego com carteira assinada aos 14 anos, pois gastar com material escolar, era um custo muito alto para pessoas de baixa renda. Isso era comum na época.

Para quem conseguia concluir o ensino médio era como ter um diploma universitário, então trabalhei de dia e estudei a noite.

Mesmo com as adversidades e de um mundo que parecia dizer "não" para algumas pessoas, encontrava motivos para sorrir e seguir em frente.

Na escola, a realidade também era um reflexo das desigualdades sociais. Crianças de classe média frequentavam escolas públicas junto com aquelas de baixa renda, algo comum naquele período. As mais pobres, frequentemente, enfrentavam bullying, mas não me abalei, era a sociedade dizendo "não", e ainda assim, continuei sorrindo e dizendo "sim" à vida.

Todas as disciplinas oferecidas pela escola eram juntas com os meninos, exceto Educação Física que começava a partir da antiga 5ª série do primeiro grau (atual 6º ano, anos finais do ensino fundamental).

As aulas de Educação Física nos anos 1970 e 1980 se materializavam pela separação da turma entre meninos e meninas, sendo que, costumeiramente, uma professora ministrava aulas para as meninas e um professor para os meninos. Além dessa separação, os conteúdos tendiam a ser distintos. Os meninos, por exemplo, não tinham ginástica, enquanto as meninas não jogavam futsal.

A competitividade entre os estudantes era bastante incentivada em ambas as turmas (masculinas e femininas). As aulas aconteciam em formato de treinos e estavam voltadas para as disputas dos jogos entre as escolas de todo o estado de São Paulo. Nesse cenário, alguns estudantes eram revelados como atletas.

Naquele tempo, eu achava impossível alguém não gostar das aulas de Educação Física. Tive, por anos, a mesma professora. Ela diversificava os conteúdos de aula. Fazíamos quase tudo: ginástica, dança, jogos, atletismo e handebol, este era o conteúdo da aula das meninas, e tudo isso era feito em um pátio coberto, pois não havia quadra na escola. O gol era desenhado com giz branco nas paredes verdes que ficavam nas duas extremidades do pátio coberto. O mundo na escola também dizia não, mas continuei sorrindo, amava as aulas de Educação Física.

Na ansiedade de querer aprender outros esportes, comecei a assistir os jogos de tênis de campo pela televisão, esta época meu pai comprou uma televisão, branca e preta, fiquei deslumbrada e, no dia que completei 13 anos, meu irmão me deu uma raquete e uma bolinha para que eu pudesse jogar nos finais de semana em um clube feito pelos donos da Fábrica de Tecelagem “Elni” em São Bernardo do Campo. Pratiquei o tênis de campo por 13 anos, queria ser uma atleta profissional. Enquanto o clube se manteve aberto, treinava sozinha, sem professor, aprendia vendo os outros jogando ou quando me chamavam para jogar e me corrigiam. Na minha ingenuidade, acreditava que aquilo seria suficiente para me tornar uma atleta profissional. Contudo, precisei interromper esse sonho, pois, para competir em alto nível, seria necessário ingressar em um clube em São Paulo capital e investir em uma formação como tenista, algo que já era financeiramente inacessível naquela época, assim como ainda é nos dias de hoje, é um esporte para poucos, ficava só com os finais de semana para jogar.

Mais uma vez, o mundo me disse “não”, mas não perdi o sorriso. Foi então que decidi seguir outro caminho: tornar-me professora de Educação Física, uma forma de permanecer próxima ao esporte que tanto amava e amo. A Unimar (Universidade de Marília), realizou meu sonho de ser professora, ingressei em 1984 com 21 anos, foi uma das maiores alegrias da minha vida. Era a única possibilidade de me formar, pois com a mudança de meus pais para a cidade de Marília, e com meu pai já aposentado e minha mãe ainda “dona de casa”, não tinham, como em São Bernardo do Campo, me sustentar em outra cidade se

prestasse vestibular em uma faculdade pública e passasse. Fiz Unimar, com muito orgulho e com uma dedicação a qual nunca tive nas escolas que estudei, trabalhando durante o dia e estudando a noite.

Na faculdade me apaixonei pelo maior desafio em relação a um esporte, a natação. Quando criança, aos três anos de idade, caí em um poço, não muito fundo quando passeávamos em uma chácara de uma prima de minha mãe. Eu estava com minha tia, meu avô e a prima da minha mãe, que viu quando caí de costas no poço após me assustar com um cachorro que latia para mim. Ela rapidamente me salvou, puxando-me com uma corda, como segurei nesta corda aos três anos de idade, ninguém sabe explicar. Lembro da sensação de sair de algum lugar escuro para o claro e da volta para casa envolvida em uma coberta verde xadrez, isso é fixo em minha memória até hoje. A vida quase me disse não, mas continuei sorrindo e ministrei aula de natação por 14 anos depois de formada.

Já adulta, aos 25 anos, voltando para São Bernardo do Campo, formada e licenciada em Educação Física, descobri o ballet clássico. A dança se tornou minha terceira grande paixão, algo que começou como uma forma de corrigir uma postura cifótica e patológica, de difícil tratamento. Tive a oportunidade de me ver em uma filmagem durante uma travessia no Riacho Grande na cidade de São Bernardo do Campo, organizada pela academia onde eu trabalhava como professora de natação. Fiquei chocada ao perceber o quanto minha postura estava curvada, mesmo sendo tão jovem.

O ballet clássico me proporcionou uma compreensão mais profunda do meu corpo, permitindo que eu quase sentisse cada músculo em ação. Aprendi a perceber os movimentos de forma interna, sem depender do reflexo no espelho enquanto me movia. Essa experiência me trouxe um nível de consciência corporal que a Educação Física, até então, não havia me proporcionado.

No entanto, mais uma vez, o mundo me disse "não", afirmando que eu não poderia me tornar uma bailarina profissional, mesmo com o desejo de unir minha paixão pelo esporte à realização de me profissionalizar na dança. Ainda assim, mantive o sorriso no rosto e dancei até os 55 anos.

Associando as aulas de Educação Física com esse meu percurso no tênis na dança e na natação, esse campo de atuação se transformou em minha inspiração, sendo a profissão que escolhi seguir.

Durante muitos anos desde minha formação na Educação Física, ministrando aulas de natação em academias, aulas de Educação Física, em escolas públicas e particulares e a vivência no ballet clássico, tinha outro sonho, era fazer um mestrado na área de Educação Física em uma faculdade pública.

Aos 60 anos de idade ingressei na tão sonhada faculdade pública para fazer mestrado. Através dela e de minha fabulosa orientadora pude afirmar aquilo que já percebia desde minha infância nas aulas de Educação Física, sem contar os novos aprendizados e as novas amizades, coisa que amo fazer. Com o tempo fui percebendo que, muito além das minhas impressões de quando era aluna, uma criança que possui habilidades para as práticas corporais sente muito prazer em se movimentar, ama as aulas de Educação Física, mas para quem não tem as mesmas oportunidades ou incentivos, essas aulas podem virar um pesadelo, pois nem todo mundo tem “a arte de sorrir cada vez que o mundo diz, não”, seja qual for a situação. Vi várias amigas minhas viverem essa experiência, e dizer não para as práticas corporais.

Ao atuar no ensino da Educação Física, com o passar do tempo e uma busca constante para aperfeiçoar meu trabalho, comecei a ver de outra maneira aquilo que para mim era prazeroso. Os anos de experiência me mostraram que aquelas estudantes da minha época ainda existem, e, em número bem maior.

Sendo assim, o que fazer com as crianças já na idade de seis para sete anos que não querem participar das aulas de Educação Física? As meninas lideram o *ranking* com inúmeras desculpas para não fazerem as aulas.

Essas constatações vêm sendo por mim identificadas na escola privada em que eu atuo há 14 anos. No interior das aulas de Educação Física, me deparo com recorrentes comportamentos sociais entre as estudantes que potencializam a exclusão (e até a auto-exclusão) das aulas de Educação Física, seja por gênero, diferença de habilidades físicas ou outros tantos fatores. Estas questões vêm se destacando como um problema em minhas aulas, comprometendo as oportunidades e possibilidades de vivência das práticas corporais por parte das estudantes e trazendo implicações imediatas e futuras em suas vidas.

Ao direcionarmos o olhar para a diferença entre meninos e meninas que a sociedade constrói, percebemos que, desde pequenas, as crianças já ouvem falar “o que é de menino e o que é de menina”, alimentando uma identidade fixa e delimitada para cada um, discriminando o que é de menino e o que é de

menina. Isso vai sendo inserido na educação da criança, de tal forma que passa a ser “natural” e uma verdade assumida, dificultando as práticas corporais nas aulas de Educação Física. Segundo Altmann *et al.* (2018) essas dificuldades podem estar relacionadas a um apoio social mais limitado que as meninas percebem de familiares e amigos, à menor sensação de prazer que experimentam ao praticar atividades físicas, à baixa percepção de competência corporal e também à menor valorização e interesse que demonstram pela educação física.

Outro fator discriminatório estabelece aproximação com as aulas voltadas somente para incitar a competição e, muitas vezes, detectar talentos esportivos sem nenhuma preocupação inclusiva, tendo sempre alguns poucos alunos considerados “mais habilidosos” com mais destaque e participação ativa nas aulas, enquanto outros ficam à margem do processo de ensino, principalmente no caso das meninas, tornando um fato recorrente a não participação nas aulas de Educação Física (Brasil, 1998).

Para Tullio e Maciel (2020), é importante planejar e viabilizar atividades nas quais a participação seja o critério balizador, de modo que as estudantes possam interagir e vivenciar o respeito, a tolerância e a cooperação, mobilizando reflexões entre os participantes das aulas de Educação Física, amenizando exclusões e reconhecendo as diferentes formas de ser, pertencer e viver. Logo, “[...] ao executar planejamentos, é inegável que se trata de uma ferramenta que facilita a tomada de decisões de forma a alcançar os objetivos determinados com mais exatidão” (Tullio; Maciel, 2020, p. 168).

Segundo Freire (2019), aprender a conviver e a respeitar as diferenças na escola oportuniza aprender sobre a nossa própria humanidade, pois é na relação com o outro, com o diferente que conseguimos ser quem somos. Portanto, “A questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a de classe dos educandos cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista, é problema que não pode ser desprezado” (Freire, 2019, p. 42).

De acordo com Parlebas (2001), a estrutura e dinâmica das práticas corporais demarcam interações peculiares e que, sob certos aspectos, podem contribuir para que haja maior ou menor participação das meninas nas aulas.

Neste sentido, para que as aulas de Educação Física tenham uma

proposta educacional pautada na participação das meninas, integrando as diferenças, este estudo se assenta nas teorias Dialógica de Paulo Freire e na Praxiologia Motriz de Pierre Parlebas.

Nossa expectativa é que a associação dessas duas bases teóricas possam nos oferecer outros modos de olhar e resulte na construção de ações voltadas à participação das meninas nas aulas de Educação Física.

Tendo como orientação o diálogo, o processo de autonomia, as vivências das atividades, a mobilização de reflexões para a participação nas aulas de Educação Física, a estrutura e dinâmica das práticas corporais, surge nossa questão de pesquisa: Quais os desdobramentos de um processo de ensino para ampliar a participação das meninas nas aulas de Educação Física?

Tal interrogação se desdobrou no seguinte objetivo geral: Analisar as implicações de um processo de ensino para a ampliação da participação das meninas nas aulas de Educação Física.

Os objetivos específicos foram:

1. Identificar as situações que revelam a não participação das meninas nas práticas corporais desenvolvidas em aula;
2. Analisar as estratégias de participação criadas em aula, para a equidade de oportunidade entre os meninos e meninas nas aulas;

A partir destes objetivos esperamos que os resultados nos apresentem possíveis ações que contribuíam para mobilizar a participação das meninas nas aulas.

Como forma de apresentação geral desse texto de defesa, cumpre ressaltar que sua organização se efetivou pelo modelo capitular.

Nesse sentido, o Capítulo 1 irá tratar dos processos de exclusão, falta de interesse e a indiferença das meninas as atividades nas aulas de Educação Física, seja pela questão de gênero ou por falta de habilidades físicas, refletindo em seu comportamento nas práticas corporais.

No Capítulo 2 daremos destaque aos autores Paulo Freire e Pierre Parlebas que nos oferecem contribuições valiosas para a Educação Física, embora suas abordagens se originem de perspectivas diferentes.

Já no Capítulo 3, o destaque estará na trajetória metodológica construída para o nosso estudo. Falaremos sobre o ambiente da pesquisa, os participantes os planos de aula, as técnicas de coleta de dados e a forma de analisá-los.

No capítulo 4, será apresentada a discussão dos resultados com base em três categorias de análise: 1) Preconceitos de gênero: imobilizando a participação das meninas nas aulas de Educação Física; 2) Ações e reações das meninas; 3) Desafios e possibilidades para ampliar a participação das meninas e dos meninos nas aulas de Educação Física.

Nas considerações finais, retomaremos o propósito desta pesquisa, relacionando-o aos resultados alcançados e às reflexões geradas ao longo do estudo.

CAPÍTULO 1

A (NÃO)PARTICIPAÇÃO DAS MENINAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

O modelo padrão do ser humano construído pela sociedade representa características consideradas ideais ou perfeitas descrevendo um conjunto de atributos que se espera que as pessoas sigam ou aspirem, como gênero, etnia, aparência física, crenças entre outros.

Nas aulas de Educação Física, essas características tidas como ideais também se manifestam por meio de preconceitos como a questão de gênero e habilidades físicas, excluindo aqueles que não se enquadram nos padrões de feminino e masculino estabelecidos pela sociedade.

Segundo Prado (2016), nas aulas de Educação Física, essa exclusão se manifesta por meio de preconceitos de gênero e habilidades físicas. Quando uma mulher foge dos padrões de feminilidade que a sociedade impõe ou quando um menino demonstra interesse por práticas que não pertencem ao universo masculino, ambos são classificados como anormais pela sociedade. Nesse sentido, “[...] não raro tornam-se alvos de marcações sociais que procuram evidenciar essas ‘diferenças’ como sinônimo de uma ‘anormalidade’” (Prado, 2016, p. 60).

Ainda assim a Educação Física é fortemente influenciada por uma abordagem biológica em suas estruturas acadêmicas e científicas, pois muitos/as professores/as em suas aulas, dentro das escolas, seguem selecionando os mais habilidosos.

Para Ferreira (2017), há ainda um foco no treinamento e na aptidão física como sinônimos de saúde, visando formar atletas que acabam excluindo grande parte dos estudantes nas atividades.

A seguir, abordaremos os preconceitos de gênero e as limitações relacionadas às habilidades físicas que restringem a participação das meninas nas aulas de Educação Física, uma vez que muitas delas são as que mais

sofrem em relação a essa exclusão.

1.1 Preconceitos de gênero: imobilizando a participação das meninas nas aulas de Educação Física

A Educação Física, sendo uma área essencial do currículo escolar, possui um papel importante na promoção da inclusão dos menos habilitados, e das questões de gênero, sendo desafios pedagógicos enfrentados por professores.

Contudo, para Altmann (2011), as diferenças de habilidade entre meninas e meninos e que geram conflitos são desafios nas aulas de Educação Física, pois para a autora, durante muito tempo, estas diferenças eram atribuídas a fatores inatos e biológicos, mas estudos têm demonstrado que elas são frutos de contruções históricas e sociais.

Essas construções históricas que a sociedade impôs e impõem especificam o que é masculino e o que é feminino, pois, segundo McDermott (1996), a ênfase em aspectos físicos como força, velocidade e agressividade — está culturalmente ligada à masculinidade. Isso ocorre porque determinadas atividades ou esportes, que envolvem maior esforço físico ou características consideradas "brutas", são rotulados como "masculinos". Por outro lado, esportes ou atividades, com menor intensidade física ou associados à graça e delicadeza são classificados como "femininos". Essa divisão reforça estereótipos de gênero, limitando a participação de estudantes em certas práticas esportivas com base em preconceitos culturais sobre o que é adequado para homens ou mulheres. Desta forma, "A fisicalidade também está associada à masculinidade por meio da prática de rotular esportes/atividades como sendo masculinos ou femininos de acordo com a natureza física da atividade" (McDermott, 1996, p. 13).

Para Bonfim (2016), a educação que privilegia aqueles que possuem maior poder sobre os que se sentem inferiores, principalmente, entre as mulheres, mostra uma educação desestruturada socialmente. Entretanto para a autora a educação dual que desvaloriza as mulheres reforçando a dominação masculina, baseada em valores sexistas e machistas, perpetua a ideia de submissão feminina com relação a afetividade e de inferioridade na estrutura da sociedade, ou seja, "A ideologia patriarcal machista sempre esteve condicionando, moldando e limitando o mundo feminino" (Bonfim, 2016, p. 27).

Em nossa vivência escolar, nas aulas de Educação Física, observamos a presença do preconceito de gênero, que estabelece uma divisão entre atividades consideradas masculinas e femininas, determinando o que meninos e meninas devem praticar nessas aulas.

Segundo Monteiro (2016), isso imobiliza a participação de muitos estudantes, ou seja, certas atividades são “masculinas” (futsal, lutas) e as “femininas” (dança, ginástica, voleibol), ditando o que é de menino e o que é de menina. Nesse contexto, crianças que não seguem as expectativas sociais frequentemente enfrentam preconceito, pois há uma expectativa de que meninos e meninas optem por práticas esportivas alinhadas aos padrões estabelecidos para seu gênero, Monteiro (2016, p. 57). O mesmo autor ainda enfatiza que meninas que tem um comportamento mais agitado são frequentemente criticadas por sua falta de boas maneiras e vistas como “masculinizadas”, já os meninos, com o mesmo tipo de comportamento, para a nossa sociedade são crianças normais e saudáveis.

Diante do exposto, a função da escola, nesse contexto, é promover o diálogo sobre as diversidades, elaborar estratégias pedagógicas que abordem essas questões desafiadoras e garantir que as atividades desenvolvidas sejam inclusivas, contemplando todos os alunos, sem qualquer tipo de segregação.

Segundo So *et al.* (2021) os fatores da pouca ou a não participação das meninas nas aula de Educação Física se deve ao medo de se arriscar em jogos, atividades que ainda não aprenderam, ou não sabem fazer, a maneira como os meninos tomam o controle da situação durante as aulas propostas, a insegurança das próprias habilidades e o receio de serem julgadas pelos outros.

Para Uchoga e Altmann (2016), um dos motivos de as meninas se colocarem em segunda posição em relação aos meninos nas práticas corporais pode ter como possível explicação as expectativas corporais diferenciadas para meninos e meninas, o sucesso em alcançar um ponto no jogo, destacar-se e desempenhar papéis decisivos nas jogadas. Essas conquistas parecem estar socialmente mais associadas ao gênero masculino do que ao feminino. Para as autoras, as meninas, quando estão frente a frente nos desafios corporais, acreditam que obter sucesso correspondente à obtenção de ponto no jogo é maior entre os meninos. Portanto “[...] a crença de que eles, quando comparados a elas, são mais habilidosos já interfere de antemão nas maneiras de participar

do jogo” (Uchoga; Altmann, 2016, p.167).

Essa dinâmica pode resultar em uma menor motivação e interesse das meninas pelas aulas de Educação Física, além de impactar seu desenvolvimento físico e social. Nesse contexto para Uchoga e Altmann (2016), as meninas ao desempenharem o papel que delas se espera durante os jogos, participam de forma secundária, especialmente em atividades que exigem força física. Isso resulta em um desenvolvimento inferior de habilidades corporais e capacidades físicas em comparação aos meninos, um exemplo que as autoras citam seria em um jogo de queimada:

Ao obtê-la (a bola), passavam-na para algumas meninas que, após fazerem o número mínimo de passes estabelecidos, voltavam para eles, para que assim fosse arremessada. Dessa forma, os meninos arremessaram tentando queimar alguém 60 vezes e as meninas 28 vezes. (Uchoga e Altmann, 2016, p. 165 e 166).

Essas diferenças acabam sendo erroneamente percebidas como naturais, uma vez que as oportunidades desiguais nos jogos e esportes resultam no desenvolvimento de habilidades distintas entre os gêneros. Nesse sentido, “[...] reforço de comportamentos e atitudes distintas entre meninos e meninas são direcionadas aos corpos de ambos desde cedo, seja na família, entre brincadeiras com seus pares, seja, é claro, na escola” (Uchoga; Altmann, 2016, p. 167).

Segundo Prado *et al.* (2016), surgiram discursos que promoviam a diferença entre homens e mulheres atribuindo identidades e até necessidades fundamentais e distintas entre ambos, difundidas em âmbito cultural e legitimadas pela autoridade médico-científica e naturalizadas por homens e mulheres. Assim “[...] se atribuiu às mulheres a representação de donas de casa, dotadas de “instinto” maternal e, por isso, encarregadas da educação dos filhos. Suas atividades diárias as limitavam cada vez mais à esfera privada das instituições familiares” (Prado *et al.*, 2016, p. 66).

Ferla (2021) salienta a associação entre os espaços que o feminino e o masculino devem ocupar, ou seja, para o feminino o espaço privado e para o masculino o social do trabalho, automaticamente delega a mulher cuidar da casa e dos filhos e ao homem o trabalho externo, limitando assim o espaço que a mulher deve ocupar, pois muitas vezes isso começa desde a infância ainda no

ventre da mãe.

Segundo Medeiros *et al.* (2022), os estereótipos de gênero, muitas vezes, começam a ser formados ainda na gestação, quando os pais ficam na expectativa de qual será o sexo da criança, nas práticas como o chá revelação e a escolha de roupas, rosa para menina, azul para menino e brinquedos conforme o sexo do bebê, trazendo na mulher a fragilidade e delicadeza por gerar um filho. Destacam os autores:

[...] a mulher ser frágil, sensível, emotiva e delicada, enquanto os homens são associados às características como agressividade, força e agilidade. Esses fatores acabam sendo perpetuados durante toda vida e também na fase escolar. (Medeiros *et al.*, 2022, p. 218).

Para estes autores, as identidades de gênero de meninos e meninas se desenvolvem a partir das experiências vividas moldando suas atitudes e comportamentos sociais. Ingressando na escola, trazem consigo uma trajetória de interação no ambiente social, que envolvem os familiares, amigos, vizinhos com valores culturais desenvolvidos nestas relações (Medeiros *et al.*, 2022).

O fato de que antes mesmo de nascer as questões de gênero são manifestadas nas famílias é citado também por Verbera e Romero (2003), pois para as autoras os papéis de gênero costumam ser estabelecidos antes mesmo do nosso nascimento, moldando comportamentos distintos considerados apropriados para homens e mulheres. Esses valores são fortemente influenciados pelo ambiente em que vivemos, pela família a que pertencemos e pela educação que recebemos. Portanto “Partindo dessas ideias, das finalidades opostas e impostas para o sexo masculino e para o feminino, as crianças são estimuladas a vivências esportivas e brincadeiras cotidianas com características diferenciadas” (Verbena; Romero, 2003, p.116).

Não obstante, para Bonfim (2016), tudo isso vêm de ideias pré-concebidas e que ditam normas, definindo o que as crianças devem aprender desde cedo e o que não podem fazer. Desta maneira “[...] a educação familiar, através das atitudes e comportamentos dos pais podem influenciar em relação aos preconceitos de gênero e às violências contra a mulher [...]” (Bonfim, 2016, p. 28).

Todas essas questões relacionadas a gênero, mencionadas pelos

autores, são construídas e absorvidas dentro da nossa sociedade, e a escola, incluindo as aulas de Educação Física, não está isenta desse processo.

Martins (2022) destaca que, embora a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996) tenha eliminado a obrigatoriedade legal de separar meninas e meninos nas aulas de Educação Física, a segregação de gênero ainda persiste no dia a dia das práticas pedagógicas, contradizendo os princípios de equidade. Sendo assim “Ela permanece informalmente ao longo do fazer docente, em práticas como a divisão do espaço e tempo de aulas entre meninas e meninos, bem como na diferenciação das propostas de atividades/práticas oferecidas[...]” (Martins, 2022, p. 2).

Separar brincadeiras que sejam de menino e de menina torna inviável uma mudança que possibilite o acesso as práticas em conjunto, isso não seria a forma correta de acabar com os problemas que envolvem as questões de gênero, pois imobilizam aqueles que não se encaixam nos padrões que uma sociedade impõe sobre o que é perfeito para a menina e para o menino. Assim sendo, para Maldonado (2022, p. 03).

Nesse cenário, existem diferentes discursos atuando na sociedade e, desta forma, influenciando no comportamento homens e mulheres, adultos e crianças. Portanto, são as relações sociais que constroem os gêneros, deixando marcas nos corpos de todos e todas.

Oliveira e Daólio (2014), em um estudo feito em uma escola pública com o objetivo de analisar a participação e a apropriação de alguns alunos nas aulas de Educação Física, perceberam certa desigualdade que produzia uma hierarquia, assentada na habilidade ou desempenho dos estudantes, que resultava em alguns alunos jogando mais que outros, além do que o leque de esportes se limitava ao futebol, restringindo a participação das meninas. Desta forma “Do lado masculino, a reclamação de que as meninas não jogavam direito; do lado feminino, a reclamação de que os meninos não tocavam a bola para elas” (Oliveira; Daólio, 2014, p. 247-248).

Ainda neste mesmo contexto, Prado *et al.* (2016) destacam o Projeto n.º 224 de Rui Barbosa, Decreto Lei n.º 3.199 de 14/04/1947 artigo 54, Documento n.º 2 da Deliberação do Conselho Nacional de Desporto (CND) n.º 7/65, que buscava adequar as atividades físicas para as mulheres impedindo-as de

praticar qualquer atividade que fosse direcionada ao homem, como futebol e a luta. Por essa mesma lógica, as instituições como a família, a igreja e a mídia reproduziam e determinavam o comportamento do homem e da mulher na sociedade, fato que ainda hoje acontece. Sendo assim:

Com base nas marcas biológicas dos corpos, os discursos que pregavam a diferenciação entre homens e mulheres construíram representações de que esses sujeitos possuíam identidades, necessidades e “essências” distintas e específicas. (Prado *et al.*, 2016, p. 66).

Entretanto, segundo Feitosa e Pinto (2017), o estabelecimento de uma característica do feminino marcada pelo comportamento “frágil” da mulher já vem de muitos anos, trata-se de uma prática cultural. Ainda vemos enraizadas nas famílias esta separação entre meninos e meninas e como deve ser o comportamento de cada um no contexto escolar, preocupando-se com o que vestir, o que usar, como se portar, falar, pensar, agir. Para as autoras. Portanto, “O gênero se constrói por meio de um processo social e cultural, fruto da ideia do que pode ser considerado como feminino e masculino” (Feitosa; Pinto, 2017, p. 58).

Ferla (2021) assinala que esse comportamento é revelado e alimentado nas escolas, tanto é que, não é incomum, em aulas de Educação Física, a postura de muitas meninas que, ao enfrentarem a primeira dificuldade, mencionam a diferença biológica como sendo uma desvantagem para diversos enfrentamentos com os meninos. Deste modo, “[...] é na diferença biológica entre os sexos que a dominação masculina é justificada e construída socialmente [...]” (Ferla, 2021, p. 76).

Segundo Fabri (2017), quando um aluno que não consegue obter o sucesso esperado ao participar de um jogo, os colegas podem adotar atitudes excludentes, afastando aqueles que são considerados menos habilidosos, tornando-os alvo de brincadeiras ou zombarias.

Alguns estudantes sentem vergonha de participar das aulas de Educação Física, por se sentirem expostos. De acordo com Oliveira (2010, p. 89): “[...] parecia ter tirado um peso das costas, depois de sair de um jogo de voleibol”. Tal fato, para o autor, ocorria devido à vergonha de um estudante em virtude da exposição nas práticas corporais que aconteciam nas aulas.

Mörschbächer e Hickel (2022) abordam a exclusão social e cultural, destacando como ela é sustentada por ações e comportamentos que moldam e perpetuam certas culturas. Portanto “A exclusão está ligada aos gestos que instalam uma cultura, que para persistir se reproduzem indefinidamente, na qual as diferenças não podem fazer parte” (Mörschbächer; Hickel, 2022, p.17).

Todavia, para Prado *et al.* (2016), quando as práticas corporais e/ou esportivas são divididas em “masculinas” e “femininas” e acontecem de forma estereotipadas, geram atitudes que tendem a excluir algumas modalidades das práticas femininas ou masculinas. Ou seja, o futebol e muitas artes marciais, acabam se transformando em práticas excludentes para as meninas, enquanto o voleibol, a ginástica artística e a dança, passam pelo mesmo processo com relação aos meninos, impossibilitando que inúmeras aprendizagens possam ser desenvolvidas para ambos.

A dança na aula de Educação Física vai além do movimento corporal é uma prática que promove expressão, criatividade e inclusão. As autoras Valle e Zancan (2023), acreditam que o ensino de dança na escola deve incluir uma variedade de estilos, mas, acima de tudo, deve priorizar o desenvolvimento de um repertório amplo de movimentos corporais. Isso pode envolver tanto modalidades específicas quanto a prática de uma dança livre, sem estar necessariamente vinculada a qualquer estilo definido. Portanto “Por meio da dança, entramos em contato com os saberes corporais, que estão atrelados ao conhecimento pelos modos de mover, de sentir e de simbolizar” (Valle; Zancan, 2023, p. 09).

Para Feitosa e Pinto (2017), ainda é comum em algumas famílias a ideia de que a dança é uma atividade exclusiva para meninas, ignorando os inúmeros benefícios que a dança pode oferecer a todos. Essa visão, muitas vezes, acaba sendo levada para o ambiente escolar, influenciando as aulas de Educação Física. As autoras apontam que, nas escolas, a dança frequentemente não está integrada a um processo pedagógico que valorize o ensino e a aprendizagem. Esse processo deveria envolver ativamente os alunos, ajudando-os a compreender o corpo como uma expressão cultural construída (Nanni, 2008).

Com base nesse olhar, os profissionais envolvidos com as aulas de Educação Física devem proporcionar um lugar de experiências significativas, de modo que todos e todas possam participar.

Diante destes apontamentos, é necessário pensar e mobilizar estratégias de participação nas quais os/as estudantes tenham oportunidades legítimas e significativas para vivenciarem as práticas corporais, de modo que tenham condições de construir novas relações com o mundo e com as pessoas. De acordo com Marques (2019, p.106).

Durante as aulas de Educação Física, utilizar estratégias pedagógicas para que as diferenças motrizes não sejam um fator de exclusão é fundamental para que não ocorram reproduções sociais de desigualdades e injustiças sociais nas aulas.

Sendo assim, os conteúdos ministrados devem ser revestidos de entendimento em torno da valorização tanto daqueles/as que possuem certas habilidades quanto daqueles/as que ainda não as possuem. Para Fagundes *et al.* (2019, p. 2). Sendo assim “Por se tratar de manifestações socioculturais, perpetuadas de geração em geração, tem-se uma necessidade do estabelecimento de regras que padronizem e, em especial, possibilitem a materialização desses fenômenos”.

Segundo Betti e Zuliani (2002), o/a professor/a de Educação Física deve conceder aos estudantes uma vivência que oportunize o usufruto de todos os benefícios que as práticas corporais oferecem. Ou seja: “É tarefa da Educação Física preparar o aluno para ser um praticante lúcido e ativo, que incorpore o esporte e os demais componentes da cultura corporal em sua vida, para deles tirar o melhor proveito possível” (Betti; Zuliani, 2002, p. 75).

Na perspectiva de Rosário e Darido (2005), incorporar a diversidade de conteúdos na organização das aulas de Educação Física amplia o cenário de aprendizagens por parte dos/as estudantes. Sendo assim “A diversidade de conteúdo é considerada um ponto positivo na construção de uma sistematização ou de um planejamento, principalmente quando saem do eixo esportivo com vistas ao rendimento” (Rosário; Darido, 2005, p.172).

1.2 Educação para a diversidade

A sociedade nos impõe um “tipo ideal” de ser humano como forma predominante e perfeita em que todos, que fogem deste padrão, sofrem preconceitos e são discriminados. Para Amaral (1998, p.03).

[...] tipo ideal que, na verdade, faz o papel de um espelho virtual e generoso de nós mesmos corresponde, no mínimo, a um ser: jovem, do gênero masculino, branco, cristão, heterossexual, física e mentalmente perfeito, belo e produtivo.

De acordo com Santos e Gonçalves (2020), a atualidade tem se dedicado constantemente ao cuidado com o corpo, por meio de alimentação, exercícios, cirurgias e outras práticas, com o objetivo de alcançar o corpo ideal. Por isso, “A mídia utiliza vários meios para essa difusão e nisso as redes sociais têm sido um grande percussor dessa ideia de corpo perfeito e modelo de corpo ideal para ambos os sexos” (Santos; Gonçalves, 2020, p. 03).

No contexto escolar, ocorre algo semelhante ao que vemos na sociedade em geral, pois, em diversas ocasiões, a diversidade acaba separando os grupos ao invés de promover a interação social entre eles. Para Odon e Baptista (2024), a escola reflete o contexto social, que apesar de ser um ambiente que essencialmente constrói subjetividades e autoestima, são perceptíveis as distinções que favorecem a formação de grupos, tornando mais complexas as interações sociais: “Nesse cenário, a pressão para se conformar a determinados padrões e a busca por aceitação social são mais intensas, o que pode resultar na exclusão daqueles considerados diferentes” (Odon; Baptista, 2024, p. 03).

Segundo Abramowicz *et al.* (2011), a diversidade manifesta-se em todas as regiões do globo terrestre, independentemente da localidade de residência de qualquer pessoa, pois todos os anos em várias escolas, crianças e jovens migram para cidades, estados e até países diferentes, e isso não os tornam inferiores ou superiores em relação à sociedade na qual passarão a viver, mas são fatores para se discutir. Neste sentido “[...] imigração, gênero, sexualidade, raça, etnia, religião e língua são os principais fatores que desencadearam um processo de mobilização e discussão sobre a diversidade [...]” (Abramowicz *et al.*, 2011, p.87).

Felipe e França (2014) sinalizam que o que é “normal” para um é “diferente” para o outro, sendo assim não há sentido em discriminar a forma de ver, sentir e ser de cada um, pois a identidade de alguém é feita das interações e das relações que ela tem com as pessoas do meio em que vive, ou seja, as identidades são entendidas em contraposição umas com as outras. Portanto

“Pode-se compreender a constituição das identidades dos sujeitos sociais como um dos produtos das relações entre os indivíduos e, nesse sentido, a identidade do “normal” e do “diferente” se distingue por aquilo que eles/elas não são” (Felipe; França 2014, p. 54).

Com a imensa diversidade presente no mundo, a escola se destaca como um espaço onde essa pluralidade se reflete em inúmeros aspectos.

Para Sousa e Salustiano (2022), na educação, padronizar as identidades, não cabe em uma sociedade diversificada na qual cada um pode expressar sua especificidade. É importante enfrentar questões polêmicas como racismo, sexualidade, pobreza, inclusão de pessoas com deficiência e o papel das mídias.

O vasto universo das produções da cultura corporal de movimento, incluindo jogos e brincadeiras, esportes, danças, ginásticas e lutas, dentre outras, compartilha a característica de expressar, por meio do corpo, diversos aspectos da cultura humana (Brasil, 1998).

Apesar disso, segundo Ferreira e Novaes (2019), ao planejar uma variedade de atividades, os esportes coletivos, como futsal, voleibol, handebol e futebol, dominam amplamente o ensino nas aulas de Educação Física, independente do ano escolar.

Para Richter *et al.* (2011) o ensino do esporte escolar frequentemente segue os moldes do alto rendimento, focando em competição e exclusividade, mas há uma crítica que propõe práticas mais inclusivas e alinhadas ao contexto escolar. Para isso “O esporte como conteúdo escolar tem sido um dos temas mais presentes no debate acadêmico da Educação Física brasileira, em grande medida como objeto de crítica relacionada à influência da instituição esportiva sobre as práticas escolares” (Richter *et al.*, 2011 p.182).

Goulart (2018) aponta que, apesar da complexidade dos problemas na Educação Física, é possível abordar e solucionar algumas questões como o jogo e o esporte sendo um recurso educacional. Logo, “O jogo e o esporte aplicado na escola deve ser um instrumento educacional, contribuindo para a construção de valores éticos e morais, coibindo a competição exagerada ou a busca do resultado satisfatório a qualquer custo” (Goulart, 2018, p. 27).

Boscatto e Kunz (2009) confirmam que o foco aqui recai sobre o esporte, já que ele é uma das práticas mais recorrentes nas aulas de Educação Física. Essa abordagem, todavia, exige uma reflexão crítica para promover uma

formação mais humana e emancipatória.

De acordo com Odon e Baptista (2024), a diversidade é um conceito multifacetado que tem sido amplamente estudado e debatido em diversos contextos acadêmicos, incluindo a Educação Física. Para os mesmos autores, entender a diversidade significa ir além do simples reconhecimento das diferenças entre as pessoas, englobando uma ampla gama de características e identidades que moldam vivências e perspectivas em distintos ambientes, especialmente no educacional.

Moura *et al.* (2022) não falam da diversidade pelas diferenças entre as pessoas, mas o diversificar as atividades nas aulas de Educação Física, defendendo que a diversificação dos conteúdos nas aulas de Educação Física motiva os alunos a participarem das aulas e criam um ambiente no qual os estudantes possam participar e se sentirem valorizados. Deste modo “A adoção de conteúdos pouco conhecidos da cultura corporal da comunidade escolar pode auxiliar o professor a diversificar suas aulas e aumentar a motivação dos alunos em participar das aulas” (Moura *et al.*, 2022, p. 14).

Odon e Baptista (2024) salientam que para combater a exclusão nas aulas de Educação Física, é necessário reconhecer e valorizar as diferenças individuais que os alunos trazem para a escola. Além disso, o professor deve adotar práticas pedagógicas inclusivas, que promovam a participação de todos, respeitando suas singularidades e criando um ambiente acolhedor para a diversidade.

Para Goulart (2018) a responsabilidade dos professores é criar um ambiente inclusivo e participativo nas aulas, garantindo que todos os alunos, independentemente de suas habilidades ou características, tenham oportunidades iguais para aprender e desenvolver suas capacidades, pois todo indivíduo é capaz de evoluir e aprimorar suas potencialidades quando recebe apoio adequado e é incluído de forma ativa no processo educacional.

CAPÍTULO 2

PAULO FREIRE E PIERRE PARLEBAS: POSSIBILIDADES PARA O ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

As contribuições e perspectivas de alguns autores para a Educação ultrapassam décadas e seguem vivas, nos incitando a refletir sobre as ações nos processos de ensinar e de aprender na escola.

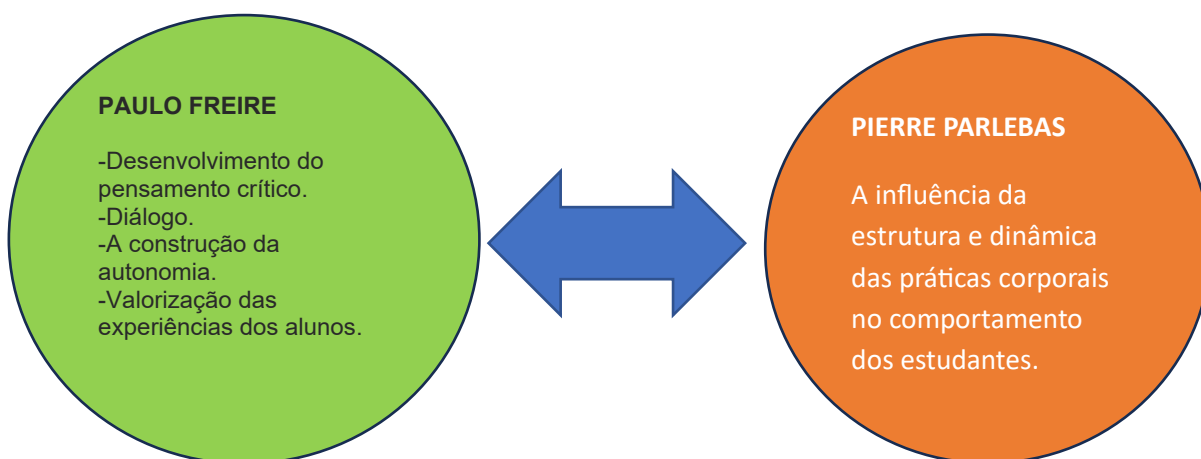
Esse, para nós, parece ser o caso do educador Paulo Freire e do professor de Educação Física Pierre Parlebas.

Em Freire (2019), encontramos a ênfase no diálogo e na construção da autonomia em prol do desenvolvimento do pensamento crítico, zelando pelas interações de respeito e a valorização das experiências dos/as alunos/as.

Parlebas (2001), ao criar a teoria da Praxiologia Motriz, nos oferece recursos para a análise das práticas corporais (jogos, esportes, danças, ginásticas, lutas, atividades circenses, práticas corporais de aventura etc.) e suas influências nos comportamentos dos alunos/as.

Daí entendermos que a combinação das ideias desses dois intelectuais pode contribuir para balizar as reflexões acerca da mobilização de estratégias nas atividades das aulas de Educação Física para ampliar a participação dos/as estudantes.

Figura 1: Elementos que caracterizam as obras de Paulo Freire e Pierre Parlebas e que podem estabelecer interrelação para o ensino da Educação Física.



Fonte: Feita pela autora

Freire (2019), defende uma educação que vá além da memorização de conteúdos, fazendo com que os estudantes reflitam sobre a realidade em que vivem permitindo compreender o mundo de maneira mais ativa e transformadora. O autor entende que a educação deve ser um processo dialógico, em que professor e aluno constroem conhecimento juntos. Para Freire (2019) a formação de sujeitos autônomos, envolve o incentivo e a participação ativa em prol do protagonismo dos alunos. Além disso, destaca a importância de valorizar as experiências dos estudantes, tornando a aprendizagem mais significativa e conectada com sua realidade.

Parlebas (2001) se refere ao impacto que a organização e a forma como as práticas corporais são conduzidas exercem sobre o comportamento dos estudantes. Deste modo, a estrutura das práticas corporais envolve regras, espaço, materiais e organização, podendo promover inclusão e cooperação. Já a dinâmica refere-se à condução das atividades, influenciando o engajamento, a motivação e o desenvolvimento social e motor dos alunos (Parlebas, 2001).

Assim, a maneira como as práticas corporais são estruturadas e dinamizadas, de acordo com Parlebas (2001) influencia o comportamento dos estudantes, podendo favorecer a colaboração, a autoestima e a inclusão, ou, se mal planejadas, reforçar exclusões e desigualdades.

Essa articulação de autores com seus pressupostos, resultou na Figura 1.

2.1 As inspirações freireanas

A história das ideias pedagógicas nesses últimos quarenta anos apresentam importantes marcos teóricos. Entre os mais significativos deles está, inquestionavelmente, as obras de Paulo Freire.

Paulo Reglus Neves Freire (1921-1997) ou somente Paulo Freire, nascido em Recife, PE, em 19 de setembro de 1921 teve e têm um papel relevante na Educação brasileira e mundial. Mundialmente conhecido pelas suas arrojadas experiências com a educação, esse educador pernambucano transformou a educação de crianças e adultos, nas falas, nas ações e nas publicações de seus livros, onde abriu um horizonte para um ensino voltado para o todo, para todas as classes sociais, e não somente para uma pequena minoria privilegiada, um

ensino renovador e crítico. Uma de suas falas modificou a forma de ensinar de muitos educadores, pois, não é só mudar de um lugar para o outro o conhecimento, mas possibilitar a quem aprende, construir sua própria história; [...] “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (Freire, 2019, p. 24).

Freire (2019) ressalta a importância do diálogo entre educador/a e educando/a. Para ele, não se trata de apenas trocar palavras, mas de estabelecer uma interação amorosa entre pessoas, mediada pelo mundo, que tem como objetivo final a transformação social. Por essa via, o autor acredita que dialogar é uma prática libertadora, na qual educador/a e educando/a criam juntos o conhecimento, baseado na humildade, no respeito e na fé da capacidade que cada um/a tem de pensar e agir de maneira crítica sobre o que nos cerca.

Para Freire (2019) esse diálogo deve fazer parte do educador e do educando. Sem diálogo há alienação por parte daquele que ensina, pois privá-lo da possibilidade de entender sua realidade e agir sobre ela é contraditório com o objetivo de libertação. Portanto, “O que nos parece indiscutível é que, se pretendemos a libertação dos homens, não podemos começar por aliená-los ou mantê-los alienados” (Freire, 2019, p. 93).

Para Freire (2019) a falta de autonomia de um/a aluno/a, muitas vezes, é resultado de um longo período de opressão, ou seja, muito tempo sendo controlada e limitada, começando a acreditar que é incapaz de agir por conta própria ou de tomar decisões importantes. “O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros” (Freire, 2019, p. 58).

Para Montiel (2019) destaca a importância de uma abordagem pedagógica nas aulas de Educação Física que vai além das práticas motoras, seja ela qual for, pois quando a Educação Física é orientada por valores como humanidade, diálogo e criticidade, ela contribui de maneira significativa para a formação integral dos estudantes: “Acredita-se que uma prática pedagógica da Educação Física pautada na humanidade, no diálogo e na criticidade favorece o desenvolvimento da ética, da autonomia e do pensamento crítico no âmbito escolar” (Montiel *et al.*, 2019, p. 4). Podemos dizer que são pensamentos inspirados em Paulo Freire (2018), quando as autoras elucidam sobre o diálogo que favorece o desenvolvimento da ética, autonomia e a criticidade dentro da

escola. Paulo Freire (2018) agrega dentro do diálogo o amor: “Não há diálogo, porém, se não há profundo amor ao mundo e aos homens” (Freire, 2018, p. 110).

Aniszewski e Henrique (2023), inspirados em Freire, argumentam que a desmotivação nas aulas de Educação Física é um problema complexo, causado por diversos fatores. Os autores indicam que é preciso atender a três necessidades básicas dos estudantes: autonomia, competência e vínculos sociais para aumentar a motivação intrínseca, ou seja, aquela que vem de dentro, sem necessidade de recompensas externas.

Para Paro (2011), promover uma educação verdadeiramente democrática, destacando a importância da autonomia dos alunos, é um desafio. O autor enfatiza que no ensino tradicional, os alunos são vistos como receptores passivos de conhecimento, relembrando a concepção bancária da educação citada por Paulo Freire (2018, p. 80). Portanto “Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão.”

Deste modo, em Freire (2018), a educação libertadora deve ajudar a reconhecer as próprias capacidades que cada um/a têm para se libertar dessa mentalidade opressiva, recuperando o seu poder de ação e sua autonomia. Freire (2019), neste sentido, jamais entendeu que, se a educação, sendo uma prática humana, poderia ser uma vivência apática e desprovida de emoção.

Por essa via, entendemos que a educação deve oportunizar aos/às estudantes uma experiência humana, fundamentada na autonomia, na reflexão crítica e na prática da ética ao longo de toda a sua trajetória de vida. Articulada a essas grandes contribuições, particularmente no ensino da Educação Física, temos a participação da Praxiologia Motriz.

2.2 As ideias parlebasianas

Pierre Parlebas nasceu em 19 de fevereiro de 1934 em Paris, França, é graduado em Educação Física pela Escola Normal Superior de Educação Física de Joinville, França. Foi professor do L'École Normale d'Éducation Physique (1965-1975) e do Institut National du Sport et de l'Éducation Physique (1975-1987). Tornou-se Doutor em Humanidades e lecionou Ciências Sociais e Matemática na Universidade Paris Descartes. Foi nomeado chefe de pesquisa do laboratório "Jogos Desportivos e Ciência da Ação Motriz". Em 1987 tornou-se

professor de Sociologia do Desporto na Universidade de Paris V. É presidente honorário do Centro de Treino de Métodos de Educação Ativa (CEMEA) (Ribas, 2002).

Com sua experiência profissional e acadêmica, centradas no interesse conceitual e didático pelas práticas corporais, suas reflexões e análises contribuíram para que fosse criada a teoria da Praxiologia Motriz. Segundo Ferreira (2017, p.13) “[...] traz uma possibilidade para se pensar o ensino e a aprendizagem da Educação Física na escola articulado à perspectiva da cultura corporal de movimento.”

Mas como podemos definir a Praxiologia Motriz? Para Otero e Burgués (2008), a Praxiologia Motriz busca analisar as ações motoras que surgem em qualquer contexto esportivo ou recreativo, resultantes de uma rede complexa de interações entre os participantes, independentemente de sua identidade ou características, Otero e Burgués (2008, p. 59).

Para Ramos (2020), a Praxiologia Motriz é reconhecida como uma ciência que foi criada pelo professor Pierre Parlebas, que tem como objetivo analisar as ações motrizes que ocorrem em qualquer contexto de movimento (situação motriz) ou em uma atividade lúdica.

Marques *et al.* (2024), a Praxiologia Motriz estuda exclusivamente o campo das ações motrizes, analisando os elementos e dinâmicas dos esportes, jogos e outras práticas motoras por meio de novos conceitos e interpretações.

Saraví (2007 p. 02), descreve que a Praxiologia Motriz surgiu no contexto histórico da Educação Física na França, quando Pierre Parlebas começou a ganhar reconhecimento com suas teorias. Segundo Saraví (2007), naquela época, no país, a Educação Física era fortemente influenciada pela psicomotricidade, uma abordagem que enfatizava o desenvolvimento motor e cognitivo das crianças por meio do movimento, e que no ensino secundário, predominava o esportivismo, ou seja, uma Educação Física centrada na prática esportiva tradicional, com enfoque tecnicista. Segundo Saraví (2007, p. 03) Parlebas cria um termo que se tornará fundamental em sua estrutura teórica, ou seja, a “[...] “sociomotricidade”, contrastando com a psicomotricidade, pois a sociomotricidade é tudo que fazemos ao compartilhar com os outros, sejam adversários ou companheiros”. Assim sendo, Saraví (2007) afirma que o

conceito de habilidades sociomotoras passaria a fazer parte do vocabulário da Praxiologia Motriz.

Tal teoria estabelece que a Educação Física que se ensina na escola é denominada de Pedagogia das Condutas Motrizes. Segundo Ferreira e Ramos (2017, p.17) “[...] a conduta motriz é a manifestação pessoal de cada praticante sobre a prática corporal que realiza, um estilo particular, um gesto específico, um sentimento sobre aquele movimento”. A definição dos autores Ferreira e Ramos (2017), mostra que a diversidade existe até mesmo no sentimento de interpretação que cada pessoa identifica na interação entre seu corpo com as outras pessoas, o espaço físico, o tempo e os materiais dentro de um jogo ou em qualquer prática corporal.

Para Ferreira e Ramos (2017, p.17) à medida que a Praxiologia Motriz nos oferece ferramentas para analisar detalhadamente as práticas corporais incluindo seu objetivo, os participantes, a lógica de funcionamento, os adversários, o espaço físico e as formas de comunicação entre os envolvidos, compreendemos que esses conhecimentos possibilitam novas maneiras de observar, vivenciar, compreender e ensinar as diversas expressões da cultura corporal de movimento.

Para aprofundar a compreensão da Praxiologia Motriz, apresentaremos uma breve explicação sobre um sistema desenvolvido por Pierre Parlebas (2001) dentro dessa abordagem.

Parlebas (2001) criou um sistema de classificação do esporte e dos jogos, um dos recursos praxiológicos que permite categorizar as práticas motrizes, organizando um sistema conhecido pela sigla CAI (Companheiro, Adversário e Incerteza do meio). A combinação desses três critérios (CAI) possibilita a caracterização de qualquer prática corporal (queimada, pega-pega, voleibol, futebol, dança de salão, skate etc.). Portanto, a combinação desses três elementos classifica as práticas corporais em oito categorias. Os destaques em cada sigla (C, A, I), traço embaixo da letra indicam a “ausência” desse elemento específico no conjunto correspondente de práticas corporais. Sequência feita por (Marques, 2019):

1. CAI: Psicomotriz em ambiente estável: São as práticas corporais nas quais não há interação direta entre companheiros e adversários, e não

existem incertezas decorrentes do ambiente físico, que é estável. São práticas individuais como yoga, pular corda, jazz (solo), ballet (solo).

2. CAI: Psicomotriz em ambiente instável: Práticas corporais em que os praticantes realizam e agem sozinhos, sem a presença de parceiros ou adversários, mas existe a incerteza do meio em que atuam, pois podem apresentar imprevistos como, por exemplo, skate na rua, escalada, surfe.
3. CAI: Sociomotriz de oposição em ambiente estável: Corresponde às ações sociomotrizes sem interação com parceiros, mas com adversários e realizadas em ambiente estável, como, por exemplo: judô, tênis de mesa, maratona.
4. CAI: Sociomotriz de oposição em ambiente instável: É uma ação sociomotriz sem interação com companheiros, e sim com adversários em um ambiente incerto e variável como, por exemplo, ciclismo de estrada, regata de vela.
5. CAI: Sociomotriz de cooperação em ambiente estável: Envolve interações de cooperação entre os parceiros em um ambiente estável e sem incertezas. Os exemplos incluem patinação em duplas, remo em dupla, acrobacias de circo, realizadas por pelo menos duas pessoas.
6. CAI: Sociomotriz de cooperação em ambiente instável: São ações de cooperação realizadas em um ambiente que é instável. Os exemplos, envolvem: montanhismo, mergulho em duplas etc.
7. CAI: Sociomotriz de cooperação e oposição em ambiente estável: Aquelas realizadas com parceiros/cooperação e adversários/oposição simultaneamente, em um ambiente estável, como, por exemplo, handebol, basquete, voleibol, futebol.

CAI: Sociomotrizes de cooperação e oposição em ambiente instável: Circunscrevem práticas corporais nas quais parceiros/cooperam entre si e adversários/se opõem entre si simultaneamente, em ambientes instáveis que exigem a leitura e interpretação de sinais para a tomada de decisão, como, por exemplo, o ciclismo de rua em equipe, regatas em duplas.

Segundo Ribas (2002), o sistema de classificação (CAI) permite entender os jogos considerando os diferentes tipos de interação e o ambiente em que são praticados. Essa categorização organiza os jogos com base nessas características, proporcionando uma nova e inovadora visão dessas atividades e gerando informações sobre suas estruturas organizacionais.

Diante das definições destes autores (Ferreira; Ramos 2007, Ribas 2008, Ramos 2020, Saraví 2007), podemos afirmar que a Educação Física, com base na perspectiva praxiológica, deve estar voltada para o desenvolvimento das condutas motrizes dos/as alunos/as. Sendo assim, é importante refletir sobre as implicações que determinadas práticas corporais trazem para os comportamentos dos estudantes.

2.3 Freire e Parlebas na Educação Física

Embora Pierre Parlebas e Paulo Freire sejam referências em suas áreas, é possível estabelecer comparações entre suas ideias por meio de estudos de autores renomados que analisaram o impacto desses educadores na transformação do cenário escolar em suas épocas.

Freire (2019, p. 61) expressa que reconhece a importância de respeitar a autonomia, a dignidade e a identidade do educando e buscar coerência entre esse conhecimento e a prática leva inevitavelmente ao desenvolvimento de certas virtudes ou qualidades.

Ferreira e Ramos (2017, p.14) descreve que “[...] ainda existem professores e aulas de Educação Física na escola que privilegiem os mais aptos e os mais habilidosos, que enfatizem o treinamento e a aptidão física como saúde, que objetivem a formação de atletas, que excluam alunos de suas práticas pedagógicas.

Podemos relacionar as reflexões de Freire (2019) com as de Ferreira e Ramos (2017), pois, segundo os autores, ao não respeitarmos a autonomia, a dignidade e a identidade dos estudantes, corremos o risco de transformar as aulas de Educação Física em um espaço voltado apenas para a formação de atletas. Isso resulta na exclusão daqueles que não possuem certas habilidades específicas, favorecendo alguns em detrimento de outros e, conseqüentemente, desconsiderando a individualidade e a identidade de cada estudante.

Dentro da Praxiologia Motriz criada por Pierre Parlebas (2001) podemos modificar nossa prática nas aulas corroborando para uma participação mais efetiva dos estudantes? Utilizando alguns conceitos da Praxiologia Motriz, como a identificação do tipo de atividade (CAI); mudança de regras ou construção de novas regras para uma atividade que incentive maior participação (lógica externa), incentivando os estudantes a refletirem sobre suas ações nos jogos e suas influências na participação ou não do/a colega? Estes que questionamentos devem ser feitos a todo profissional que queira uma Educação Física mais igual

Freire (2018) advoga por uma educação que seja libertadora e que permita aos excluídos e oprimidos reconhecerem suas próprias capacidades e potencialidades. Sob essa perspectiva, “O que nos parece indiscutível é que, se pretendemos a libertação dos homens, não podemos começar por aliená-los ou mantê-los alienados” (Freire, 2018, p. 93).

Trazendo essa defesa para a Educação Física, significaria criar um ambiente no qual todos e todas se sintam valorizados/as e em condições para participar ativamente das aulas, para isso a Praxiologia Motriz nos traz elementos que ajudam a elaborar essas práticas. Ferreira e Ramos (2017) destacam a importância da lógica interna e da lógica externa na organização e no ensino das práticas esportivas. Essas duas perspectivas ajudam a estruturar o ensino das modalidades esportivas de forma progressiva, começando por situações mais simples e evoluindo para desafios mais complexos. Além disso, contribuem para um aprendizado mais rico, integrando não apenas os aspectos técnicos e táticos, mas também o contexto histórico e cultural das práticas motoras, pois segundo Ferreira e Ramos (2017).

Tanto a lógica interna quanto a lógica externa oferecem contribuições importantes, pois auxiliam na organização das atividades de forma estruturada, permitindo que sejam abordadas de maneira progressiva, indo das situações mais simples às mais complexas. Além disso, essas perspectivas enriquecem o ensino dos esportes, considerando, por exemplo, os aspectos históricos presentes nas práticas motoras. (Ferreira; Ramos, 2017, p. 97).

Freire (2018) propõe uma educação crítica que desafia as estruturas de opressão. O/a professor/a deve focar em um conteúdo que não seja um modelo tradicional de ensino onde se “deposita” informações nos alunos, que são vistos

como recipientes vazios a serem preenchidos aceita a passividade, não aceita críticas e não induz à reflexão seus estudantes, a opressão e a falta de autonomia domina o ambiente escolar. Na concepção bancária da educação, o conhecimento é transmitido como um presente daqueles que se consideram detentores do saber para aqueles que são vistos como ignorantes. Para Freire (2018), essa ideia se baseia em um dos mecanismos da ideologia opressora: a crença de que a ignorância é absoluta e sempre pertence ao outro.

Dentro da Praxiologia Motriz, isso pode envolver a crítica às práticas excludentes e à valorização excessiva da competição e da performance atlética, buscando pela promoção de uma cultura de participação ativa e respeito à diversidade criando práticas. Para Taborda (2014, p. 5), “Entendemos que o contexto do jogo e/ou do esporte se reflete numa expressão da própria cultura, do propósito ser que está jogando, suas convicções e concepções de mundo, das relações existentes no contexto, das condições sociais inerentes a esse contexto”.

Em resumo, a combinação das ideias de Freire e Parlebas, aqui citadas por alguns autores, pode promover uma ampliação da participação dos/as alunos, em especial das meninas, nas aulas de Educação Física, criando um ambiente mais solidário, reflexivo e acolhedor.

CAPÍTULO 3

TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Este capítulo trata da trajetória metodológica desse estudo que tem como objetivo analisar as implicações de um processo de ensino para a ampliação da participação dos/as estudantes nas aulas de Educação Física.

3.1 Caracterização da pesquisa

Estudar uma experiência educativa em campo implica considerar que não há controle sobre variáveis e nem a prerrogativa de explicar os resultados como decorrentes exclusivamente das intervenções realizadas, uma vez que, em seu ambiente de ocorrência natural há muitos elementos que se entrecruzam e que formam uma imensa teia multifatorial. O reconhecimento desses limites para o nosso estudo nos alinha aos pressupostos da abordagem qualitativa de pesquisa. Para tal, assim como nos orientam Bogdan e Biklen (1994), trata-se de uma forma de olhar para o fenômeno comprometido com a sua descrição, marcada pelo contexto no qual ele é produzido e igualmente pelas impressões da pesquisadora.

Uma abordagem qualitativa, segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 47), apresenta cinco características fundamentais:

- 1- A fonte direta de dados é o ambiente natural: Os pesquisadores passam muito tempo em escolas, famílias, bairros e outros lugares para entender questões educacionais. Alguns usam equipamentos de vídeo ou áudio, mas muitos apenas utilizam papel e lápis. Mesmo quando usam equipamentos, complementam os dados com informações obtidas através do contato direto com as pessoas. Eles revisam todo o material gravado para analisá-lo. Pesquisadores qualitativos vão a esses lugares porque acreditam que as ações são melhor compreendidas no ambiente onde realmente acontecem.
- 2- A investigação qualitativa é descritiva: Os dados não são de números, coletados pelos pesquisadores são em forma de palavras ou imagens. Os resultados da pesquisa incluem citações desses dados para dar exemplos

e reforçar a apresentação. Os dados podem ser transcrições de entrevistas, notas de campo, fotos, vídeos, documentos pessoais, memorandos e registros oficiais. Os pesquisadores qualitativos não transformam essas informações em números. Em vez disso, analisam os dados em toda a sua riqueza, respeitando a forma original em que foram registrados ou transcritos.

- 3- Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos: Em estudos sobre ensino integrado nas escolas, os pesquisadores primeiro analisaram as atitudes dos professores em relação a certas crianças e, em seguida, observaram como essas atitudes se refletiam nas interações diárias.
- 4- Investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva: Os pesquisadores não buscam confirmar hipóteses prévias, mas constroem teorias a partir dos dados coletados. A teoria se desenvolve de "baixo para cima", com base em muitas informações individuais inter-relacionadas. Os dados qualitativos precisam ser organizados, apresentados, detalhados e examinados com cuidado. A análise desses dados busca entender e dar importância ao contexto específico da pesquisa.
- 5- O significado é de importância vital na abordagem qualitativa: Os pesquisadores que adotam essa abordagem buscam compreender como indivíduos distintos atribuem significado às suas experiências e vivências. Os pesquisadores qualitativos desenvolvem estratégias e métodos que possibilitam considerar as experiências a partir da perspectiva do informante. O processo de condução da pesquisa qualitativa se assemelha a um diálogo entre os pesquisadores e os participantes, sendo que estes são abordados de maneira imparcial por aqueles. Os pesquisadores qualitativos em educação estão constantemente interrogando os participantes da pesquisa, com o propósito de compreender "o que eles vivenciam, como interpretam essas vivências e de que forma organizam o mundo social em que estão inseridos"

Dentre as possibilidades possíveis no interior das abordagens de investigação qualitativas, essa pesquisa foi desenvolvida com base na

investigação do tipo intervenção. Essa perspectiva está voltada para entender, desenvolver e avaliar as ações realizadas na decorrer do estudo, captando a complexidade e a profundidade das experiências humanas, recheadas de influências sociais, culturais e históricas que influenciam os comportamentos e as ações da pesquisadora e dos/as participantes da pesquisa.

Cumprido ressaltar que a pesquisadora deste trabalho assumiu o papel duplo de investigadora e professora de Educação Física da turma e da escola que participou do estudo, sendo denominada de professora-pesquisadora.

Segundo Damiani *et al.* (2013, p. 60): “[...] o método da intervenção demanda planejamento e criatividade, por parte do pesquisador, bem como diálogo com a teoria - que auxilia na compreensão da realidade e na implementação da intervenção”.

Esse tipo de pesquisa envolve a introdução de novas metodologias, estratégias e materiais pedagógicos em um ambiente educacional real, seguido da observação e análise de seus efeitos sobre os/as estudantes e professores/as.

3.2 O contexto da pesquisa

A pesquisa aconteceu em uma escola privada de uma cidade do interior de São Paulo que contava, até o ano de 2023, com 237.627 mil habitantes. A instituição escolar envolvida, foi criada em 1934 com 23 unidades no Brasil, sendo cinco unidades no estado de São Paulo, uma Distrito Federal, duas no Tocantins, uma no Pará, uma no Rio de Janeiro, oito no Paraná e cinco no Rio Grande do Sul. A unidade que integrou essa pesquisa está situada em uma cidade no interior do estado de São Paulo.

Em tal instituição os níveis de ensino envolvidos vão desde a Educação Infantil até o 3º. Ano do Ensino Médio. À época desse estudo, contava com 700 alunos (em média), sendo oito turmas de Educação Infantil (duas salas de infantil 1, duas salas de infantil 2, duas salas de infantil 3 e duas salas de infantil 4). Nos anos iniciais do ensino fundamental, eram 14 turmas, sendo três de 1º anos, duas de 2º anos, três de 3º anos, três de 4º anos e três salas de 5º anos. Nos anos finais do ensino fundamental havia oito salas, sendo duas de 6º anos, duas de 7ºanos, duas de 8º anos, duas de 9º.anos. No ensino Médio eram três salas, sendo uma de 1º ano, uma de 2º ano e uma de 3º ano.

A escola contava, à época da pesquisa, com 104 funcionários entre professores e colaboradores. Sua localização está no centro da cidade, com uma comunidade de classe média alta. Na instituição, durante o ano todo, eram oferecidos eventos que faziam parte do currículo da escola como, por exemplo: festa, semana da família, encontro de colaboradores, dentre outros.

Em termos estruturais, a instituição possuía anfiteatro, biblioteca, capela, cinema, cantina, parque infantil, três quadras poliesportivas cobertas, espaço gourmet, espaço literário, horta vertical, sala de vida prática, sala de dança, sala de artes, sala de multimeios, sala *maker*, planetário, espaço de teatro, laboratórios de informática, de matemática, de robótica e de ciências.

3.3 As coletas de dados

A importância de escolher o método certo em qualquer pesquisa, é a base fundamental para conduzir a análise e chegar às conclusões do estudo. A escolha do método adequado não é arbitrária, mas deve levar em conta três aspectos principais: a natureza do problema investigado, o objetivo da pesquisa e os recursos disponíveis.

A pesquisa foi apresentada para a direção da escola no primeiro momento para depois, em reunião com os pais da turma escolhida, explicar qual a intenção da pesquisa e o motivo pela escolha da turma. Para isso foi colhida a assinatura dos responsáveis pelos alunos no Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE – apêndice 1). Na aula posterior a reunião a pesquisa foi apresentada aos alunos com o Termo de Assentimento Livre Esclarecido (TALE- apêndice 2).

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos da Universidade de onde partiu o estudo com o parecer número 6.216.746 (Anexo 1).

Para a pesquisa foram utilizados vários tipos de coletas realizadas por meio de diários das aulas, rodas de conversas, entrevista, filmagens e registro de fotos de algumas atividades.

Os/as participantes do estudo foram 24 alunos no ano de 2023, sendo 12 meninos e 12 meninas que estavam no 2º. Ano do Fundamental Anos Iniciais e no ano de 2024 no 3º Ano do Fundamental Anos Iniciais a turma forma-se por 14 meninos e 14 meninas

3.3.1 Diários das aulas

Segundo Zabalza (2004), os diários de aula são documentos onde professores registram suas impressões sobre o que acontece em suas aulas, e sua definição é ampla para incluir diversos tipos de diários, variando no conteúdo das anotações e no processo de coleta, redação e análise das informações.

Para Zabalza (2004, p.13-14):

- Os “diários” não têm por que ser uma atividade diária: para o autor, feitos duas vezes por semana cumprem muito bem sua função, variando os dias, sendo que o essencial é garantir uma continuidade consistente na coleta e redação das narrativas.
- Os diários constituem narrações feitas por professores e professoras (tanto efetivos como em formação). Seria igualmente interessante e abriria novas possibilidades técnicas contrastar percepções e análises entre grupos diversos, permitindo que os alunos também construíssem diários.
- O conteúdo dos diários pode ser coisa que, na opinião de quem escreve o diário, seja destacável. O conteúdo das narrativas pode ser completamente aberto ou pode ser influenciado por diretrizes pré-estabelecidas que definem quais tipos de assuntos devem ser registrados no diário.
- A demarcação espacial da informação recolhida costuma ser o contexto da aula. Outras áreas da atividade docente também podem ser registradas no diário sem restrições.

Para Zabalza (2004) os diários têm a vantagem de proporcionar uma visão contínua e progressiva dos eventos ao longo do tempo, diferenciando-se de métodos de observação que captam momentos específicos. Isso possibilita analisar como os eventos evoluem e se desenvolvem ao longo do tempo, oferecendo uma visão cronológica que pode revelar mudanças, padrões ou tendências que não seriam tão visíveis em observações pontuais.

Nos diários das aulas, produzidos pela professora-pesquisadora, foram anotados todos os elementos de destaque correspondentes ao tema do estudo, de modo que lhe seja possível, simultaneamente, captar elementos da pesquisa, assim como, ajustar ações realizadas nas aulas em prol da mobilização dos

estudantes para uma maior participação nas aulas.

3.3.2 Rodas de conversas

Para Moura e Lima (2014) a Roda de Conversa é um método de coleta de dados utilizado na pesquisa narrativa, onde o pesquisador participa ativamente da conversa, assumindo o papel de sujeito da pesquisa, enquanto simultaneamente gera dados que serão utilizados para análise e discussão.

Este método é destacado por sua capacidade de proporcionar um espaço de diálogo entre os participantes, permitindo detalhes da coleta de dados, fazendo com que o/a pesquisador/a participe mais ativamente ficando atento a alguns aspectos mais importantes.

De acordo com Bedin e Del Pino (2017, p. 156): “[...] na relação estabelecida com o saber, deve-se privilegiar as relações sociais e o próprio ambiente em que o estudante se encontra, pois, a aprendizagem ocorre a partir da troca de informações e/ou experiências”.

Para Moura e Lima (2014, p. 28): “No contexto da Roda de Conversa, o diálogo é um momento singular de partilha, porque pressupõe um exercício de escuta e fala”. Além disso, a interação dinâmica entre os/as participantes das rodas de conversas são encorajados/as a compartilhar suas histórias e pontos de vista de forma livre e espontânea.

Segundo Bedin e Del Pino (2017 p.156) “[...] na relação estabelecida com o saber, deve-se privilegiar as relações sociais e o próprio ambiente em que o estudante se encontra, pois a aprendizagem ocorre a partir da troca de informações e/ou experiências”.

As rodas de conversas foram caracterizadas por uma atividade que a professora realizava ao final das aulas e, algumas vezes, no meio das atividades, particularmente para solucionar problemas surgidos durante as atividades. Para a sua composição, todos se sentavam em círculo para dialogar sobre os fatos ocorridos durante a aula e relatar as suas impressões em relação às atividades desenvolvidas, como, por exemplo, o que foi positivo, o que foi negativo, o que poderia ser melhorado.

3.3.3 Entrevista

As entrevistas constituem uma das ferramentas para coletar dados de

pesquisas qualitativas. Elas permitem aos pesquisadores explorar profundamente os temas de interesse, captar nuances e obter revelações valiosas que podem não ser alcançados por outros métodos. A condução eficaz de entrevistas requer planejamento cuidadoso, habilidades de comunicação e uma abordagem ética rigorosa, garantindo que os dados obtidos sejam relevantes, confiáveis e respeitem os direitos dos participantes.

Elas oferecem uma oportunidade única de explorar profundamente as percepções, experiências e opiniões dos participantes, analisando os dados obtidos tendo cautela nas interpretações. Segundo Duarte (2004) o processo de coleta de dados realizado pelo pesquisador não é uma atividade com uma única dimensão, mas sim uma interação rica e reflexiva. Para Duarte (2004) durante a coleta de informações, o pesquisador não apenas obtém dados valiosos, mas também cria um ambiente onde o interlocutor pode:

- Refletir sobre si mesmo: A pessoa entrevistada ou estudada tem a chance de pensar profundamente sobre suas próprias experiências e identidade.
- Revisitar sua trajetória biográfica: Ela pode relembrar e reconsiderar os eventos e decisões que moldaram sua vida até o momento.
- Ponderar sobre sua cultura e valores: O interlocutor é levado a refletir sobre os aspectos culturais e os valores que orientam seu comportamento e visão de mundo.
- Considerar sua história e influências sociais: A reflexão se estende à história pessoal e coletiva, e às influências que o grupo social exerce sobre o indivíduo.
- Tradições comunitárias e do povo: A pessoa tem a oportunidade de pensar sobre as tradições e práticas culturais de sua comunidade e seu povo, entendendo melhor como elas se entrelaçam com sua própria identidade.

O processo de entrevista se deu através de questões nas quais os/as estudantes foram indagados sobre o processo de participação de todos/as nas atividades das aulas. O questionamentos foram:

- Você sempre participa das aulas de Educação Física? Por que?
- Durante as atividades que são realizadas em aula você tem as mesmas oportunidades que as demais pessoas?

- E seus colegas, meninos e meninas, eles têm as mesmas oportunidades de participar em igualdade? Por que?
- Em sua opinião, o que poderia ser feito nas atividades durante as aulas para que todos e todas participassem igualmente?

As crianças foram separadas em dois grupos, meninos e meninas. Foram separadas por gênero para que as meninas não se intimidassem frente aos meninos, pois muitas vezes, reproduzem o que os meninos falam, e por ser 1 aula por semana, as entrevistas foram feitas fora do horário das aulas de Educação Física, assim foi preciso tirar em grupos da sala de aula, para que a professora regente não ficasse sem alunos/as dentro da sala de aula. Todas as crianças foram entrevistadas, garantindo assim a escuta de todas as vozes no processo.

A interação com o pesquisado e o pesquisador funciona como um catalisador para uma introspecção mais profunda e uma compreensão ampliada da própria pessoa e de seu contexto social e cultural.

3.3.4 Filmagens e registros de fotos

Para Belei (2008, p. 192) “A evolução dos recursos tecnológicos permitiu uma melhoria no processo de observação. Os pesquisadores aprofundaram a coleta de dados de suas pesquisas por meio da videogravação.”

As filmagens na pesquisa, referem-se ao uso de gravações de vídeo e fotografia para coletar dados das atividades propostas pelo pesquisador. Esse método oferece uma maneira detalhada de capturar e analisar comportamentos e interações. Segundo Belei (2008, p.193): “Com a filmagem pode-se reproduzir a fluência do processo pesquisado, ver aspectos do que foi ensinado e apreendido, observar pontos que muitas vezes não são percebidos”.

No processo de pesquisa os vídeos foram feitos pela professora pesquisadora para analisar de forma mais precisa as reações dos estudantes, e registrar visualmente o processo de pesquisa pode aumentar a transparência e ajudar outros pesquisadores a reproduzir o estudo, verificando a validade dos métodos e resultados.

As imagens filmadas fornecem informações para embasar o texto escrito da pesquisa, e fotos das cenas mais importantes podem ilustrar os dados graças aos recursos tecnológicos.

3.4 Organização das atividades para as aulas e para a pesquisa

No terceiro trimestre letivo (no colégio pesquisado as aulas são feitas por trimestre) do ano de 2023 (setembro), após a identificação de situações que implicavam na não participação dos estudantes nas atividades das aulas de Educação Física, foram iniciadas as intervenções correspondentes ao estudo em questão. Os estudantes e a professora-pesquisadora se envolveram num processo de ensino com aulas que aconteciam todas as sextas-feiras de setembro até dezembro, cada qual com duração de 50 minutos, sendo 1 vez por semana.

Ao se encerrar esse ano letivo, essas atividades tornaram a ocorrer, agora às terças-feiras, de janeiro até abril, 1 vez por semana, com a duração de 50 minutos.

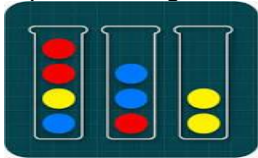
Para ambos os períodos, 2023 e 2024, ocorreram situações de interrupções das aulas, tais como feriados e festas/atividades da escola.

Abaixo segue os quadros descrevendo as atividades nos respectivos anos de 2023 e 2024, sendo que para o ano de 2023 foram ministradas 10 aulas e para o ano de 2024 foram ministradas 12 aulas.

Como parte dos requisitos do Programa de Mestrado, foi desenvolvido um produto educacional na forma de um e-book. Nele, as atividades mencionadas neste trabalho são detalhadas, acompanhadas de reflexões sobre sua aplicação, além de sugestões de artigos e filmes que podem enriquecer e aprimorar as aulas de Educação Física. Link para acesso: https://www.canva.com/design/DAGbcz2dn4s/Jgwtr5PUhfNk-x_SBwn0AA/edit?utm_content=DAGbcz2dn4s&utm_campaign=designshare&utm_medium=link2&utm_source=sharebutton

Quadro 1 – Descrição das atividades do ano de 2023.

01.09.23	
AULA 1/COLETAS	
Atividade: Jogo do handebol diferente Material: 1 bola e pulseiras coloridas para separar os times. Objetivo: Estimular a cooperação e a tolerância com os colegas de equipe. Desenvolvimento: 1-O gol das meninas valeria 2 pontos e dos meninos seria 1 ponto; 2-A bola teria que passar até o meio da quadra por 6 crianças (3 meninas e 3 meninos, sem repeti-las) e que na próxima posse de bola do time passaria pelas outras 6 crianças que não pegaram na bola. O time adversário só poderá fazer a marcação quando o time de posse de bola passar do meio da quadra.	Filmagem da aula Roda de conversa Diário de aula

3-Se o time adversário conseguir pegar a bola no ataque este reinicia a jogada como na regra 2. 4-Quicar a bola 3 vezes no chão, andando ou parado, e passar para o amigo da equipe. 5-Poderia quicar a bola no chão com as duas mãos sem que ninguém tentasse tirá-la da mão da criança que estava quicando a bola, mesmo quando estivesse no ataque. Isso foi feito para que as crianças tivessem mais segurança para dominar a bola durante o jogo.	
22.09.23	
AULA 2/COLETAS	
Atividade: Jogo dos copos Material: 60 copos plásticos. Objetivo: Aprimorar coordenação motora, ritmo e musicalidade. Desenvolvimento: Distribuir 2 copos para cada criança. A intenção desta atividade é trabalhar a integração em duplas e a atenção das crianças na atividade. A atividade foi feita em pares mistos. Segue o link da atividade. https://www.youtube.com/watch?v=TLwfkIVe3LU	Filmagem da aula Roda de conversa Diário de aula
29.09.23	
AULA 3/COLETAS	
Atividade: Skate com o jogo da velha Material: 2 skates, 1 tabuleiro de plástico grande e "X" e círculo de E.V.A. Objetivo: Incentivar o trabalho em equipe. Desenvolvimento: Descer uma rampa sentado (a) no skate com os objetos para fazer o jogo da velha (X ou círculo) em um tabuleiro que está no final da rampa. A criança desce e coloca o símbolo da sua equipe, o X ou círculo, sobe carregando com o skate na mão e entrega para o próximo da sua equipe. A equipe que fizer o trio primeiro, X ou círculo, ganha 1 ponto. Atividade: Jogo de pebolim e o jogo de aero hockey Material: 2 mesas de pebolim e 2 mesas de aero hockey Objetivo: Promover um trabalho em equipe Desenvolvimento: As crianças eram revezadas nos aparelhos para jogar, sempre 1 menino e 1 menina de cada equipe.	Filmagem da aula Roda de conversa Diário de aula
06.10.23	
AULA 4/COLETAS	
Atividade: Quebra cabeça de bolas. Objetivo: Incentivar a percepção sobre a cooperação e o esforço conjunto. Material: Bolinhas de piscina e organizador de gavetas (4).  Desenvolvimento: Recriei o ball spot puzzle que é muito jogado na internet. Para construir o jogo utilizei bolas coloridas de piscina e organizador de gavetas. A criança só poderia mover 2 bolas de cada vez, ou seja, uma em cada mão. Não poderia ter 3 bolas nas mãos ao mesmo tempo. Movia de um lado para o outro e não por cima como o jogo original da internet. Montei 4 organizadores com as bolas na cor amarela, verde, vermelha e azul. Fiz 4 tabelas de papelão, como modelo a ser seguido, com círculos coloridos em E.V.A. com sequências diferentes das cores para que as crianças copiem as sequências nos organizadores. As 4 tabelas feitas no papelão eram duas de nível fácil, ou seja, as cores eram na sequência dentro de cada divisão, já as de nível difícil, também duas tabelas, as cores eram misturadas. As crianças escolhiam que nível que gostariam de participar. A formação era de 2 equipes, cada criança poderia mover uma única vez as duas bolas, seguindo a tabela. A equipe vencedora era a que formasse o organizador de gavetas primeiro, na sequência da tabela.	Filmagem da aula Roda de conversa Diário de aula
20.10.23	
AULA 5/COLETAS	

Atividade: Não deixe a bola cair Material: Bola de voleibol Objetivo: Motivar o trabalho em equipe, com ênfase na execução da tarefa, cooperação e interação. Desenvolvimento: As crianças foram separadas em 2 equipes mistas na quadra de voleibol. Em cada lado da quadra as crianças eram divididas no ataque e defesa, ambos os lados. Quando todos que estavam na defesa tivessem sacado a troca era feita, quem estava na linha de ataque iria para a de defesa e vice-versa. As regras: 1-Você poderia sacar do jeito que soubesse, até mesmo arremessar, não precisa ir à linha de fundo, poderia sacar perto da linha de ataque, poderia sacar 2 vezes caso errasse a primeira. 2-A recepção da bola poderia ser através da manchete, toque ou segurar a bola (como é feito no câmbio), mas só era válido 3 pessoas pegarem na bola (3 toques), quem fosse a terceira pessoa que pegasse a bola deveria passar para a quadra adversária, da forma que quisesse, manchete, toque ou arremessando.	Registro de fotos da aula Diário de aula
27.10.23	
AULA 6/COLETAS	
Atividade: Brincadeiras aquáticas 1 Objetivo: Fomentar um ambiente de união e cooperação entre os jogadores, incentivando a interação, a participação e a confiança mútua. Material: Garrafinhas pet transparente, verdes, com tampas coloridas, copos transparentes, bolinhas de piscina branca, laranja, amarela, cones azuis, amarelos e brancos. Desenvolvimento: Nesta primeira aula de natação como temos algumas crianças que tem medo da água farei uma atividade para conhecer a piscina, então andaremos em volta dela (dentro) para que as crianças que sentem medo (estarão com boia de braço) conheçam melhor a piscina, a profundidade, não é funda. Em seguida farei uma brincadeira onde será colocado objetos que flutuam e que afundam por toda a piscina, dividir a classe em 2 turmas, mesclando as crianças que tem medo com as que não tem. As que têm medo pegam os objetos em cima da água e as que não têm medo, mergulham para pegar. Os objetos têm várias cores e cada cor tem uma pontuação: Garrafinhas pet transparente- (afundavam)- 10 pontos; Garrafinhas pet verdes- (flutuavam)- 10 pontos; Garrafinhas pet transparente com tampa roxa- (afundavam)- 10 pontos Garrafinha pet transparente com tampa laranja- (flutuavam)- 10 pontos Copos plásticos transparentes- (afundavam)- 10 pontos Bolinhas de piscina branca- (flutuavam)- 10 pontos Bolinhas de piscina laranja- (flutuavam)- 5 pontos Bolinhas de piscina amarela- (flutuavam)- 5 pontos Cones azuis- (afundavam)- 5 pontos Cones amarelos- (afundavam)- 5 pontos Cones brancos- (afundavam)- 10 pontos As equipes jogarão uma de cada vez e ao sinal da professora pegam os objetos e colocam na bacia respectiva da cor da sua equipe, e a equipe adversária fica esperando a vez para jogar.	Filmagem da aula Roda de Conversa Diário de aula
10.11.23	
AULA 7/COLETAS	
Atividade: Brincadeiras aquáticas 2 Objetivo: Estimular a autonomia e a cooperação. Material: Garrafinhas pet transparente, verdes, com tampas coloridas, copos transparentes, bolinhas de piscina branca, laranja, amarela, cones azuis, amarelos e brancos. Desenvolvimento: Fiz a mesma brincadeira da aula anterior onde coloquei objetos que flutuavam e afundavam por toda a piscina, dividi a classe em 2 turmas, mesclando as crianças que tinham medo com as que não tinham, porém as crianças que sabiam afundar teriam que incentivar as que não sabiam a colocar, pelo menos, o rosto na água. Continuamos com os mesmos objetos tendo a mesma pontuação.	Filmagem da aula Registro de fotos Roda de conversa Diário de aula

Garrafinhas pet transparente- (afundavam)- 10 pontos Garrafinhas pet verdes- (flutuavam)- 10 pontos Garrafinhas pet transparente com tampa roxa- (afundavam)- 10 pontos Garrafinha pet transparente com tampa laranja- (flutuavam)- 10 pontos Copos plásticos transparentes- (afundavam)- 10 pontos Bolinhas de piscina branca- (flutuavam)- 10 pontos Bolinhas de piscina laranja- (flutuavam)- 5 pontos Bolinhas de piscina amarela- (flutuavam)- 5 pontos Cones azuis- (afundavam)- 5 pontos Cones amarelos- (afundavam)- 5 pontos Cones brancos- (afundavam)- 10 pontos As equipes jogavam uma de cada vez e ao sinal da professora pegavam os objetos e colocavam na bacia respectiva da cor da sua equipe, e a equipe adversária ficava esperando a vez para jogar. A atividade foi invertida desta vez quem não mergulha iria pegar os objetos no fundo e quem mergulha pegaria primeiramente os objetos em cima da água e depois ajudaria os que não mergulhavam. Os que não mergulhavam começaram a pegar com os pés, mas colocavam o rosto na água para localizar melhor os objetos, isso foi um progresso porque deixaram a boia e colocaram o rosto na água, não mergulhavam a cabeça, mas colocaram o rosto. Desta vez as crianças estavam mais atentas as pontuações dos objetos.	
24.11.23	
AULA 8/COLETAS	
Atividade: Natação – respiração e adaptação ao meio líquido. Objetivo: Fortalecer a cooperação entre as crianças. Material: Pranchas de piscina e bacias. Desenvolvimento: Quem souber nadar fará batimento de pernas e braços sem prancha, e os que não souberem levarei com a prancha para aprender a respirar antes de movimentar os braços. Todos treinarão na borda da piscina a respiração.	Filmagem da aula Roda de conversa Diário de aula
01.12.23	
AULA 9/COLETAS	
Atividade: Respiração, e batimento de pernas nado crawl, aprendizado de um estilo. Objetivo: Promover a autonomia Material: Prancha de piscina Desenvolvimento: Nesta aula iniciar com as mesmas atividades da aula anterior, exceto o no final da aula (15 minutos) tirar a prancha das crianças, mesmo as que têm receio da água. As que já se soltam na água irão aprimorar o estilo. Para os que ainda têm receio e para que eles tenham mais segurança levarei com as mãos e cada um ao seu tempo “tentará” soltar as mãos das minhas.	Filmagem da aula Roda de conversa Diário de aula
08.12.23	
AULA 10/COLETAS	
Atividade: Jogo câmbio adaptado a piscina Objetivo: Incentivar o trabalho em equipe, visando fomentar a interação e a participação coletiva. Material: Bola leve de borracha e corda para separar as equipes na piscina. Desenvolvimento: Piscina dividida em 2 partes por uma corda. Regras: 1-Saltar para pegar a bola; 2-O arremesso (saque) é feito em várias partes por quem está no fundo da piscina e mesmo fazendo ponto têm que trocar para que todos possam arremessar; 3-O rodízio é simplesmente trocar do fundo para a frente; 4-Quem arremessa, caso for para fora poderá arremessar novamente até que a bola possa ficar em jogo; 5-A bola tem que passar pela mão de todos, ou seja, 8 vezes até arremessar para o outro lado.	Filmagem da aula Diário de aula

6-Não poderá arremessar a bola diretamente na água e sim na mão do adversário para que todos tenham a possibilidade de manusear a bola. 7-Os lados serão trocados assim que todos de um time arremessarem a bola.	
--	--

Fonte: Feito pela autora.

Quadro 2 – Descrição das atividades do ano de 2024.

30.01.24	
AULA 01/COLETAS	
Atividade: Jogo de conduzir a bola em volta do bambolê Objetivo: Incentivar a cooperação entre todos. Material: 3 bolas de futsal e 3 bambolês. Desenvolvimento: Formar 3 times mistos sentados em círculo, cada time com 1 bola e 1 bambolê no meio do círculo. Uma criança de cada vez ficará em pé e conduzirá a bola com os pés dando a volta no círculo até chegar no seu lugar e colocar a bola no bambolê que estará no meio do círculo. Assim que a criança colocou a bola no bambolê a próxima a sua direita saíra conduzindo a bola dela até que a última criança coloque a bola no bambolê.	Filmagem da aula e Roda de conversa Diário de aula
06.02.24	
AULA 02/COLETAS	
Atividade: Bola na caixa Objetivos da atividade: Estimular o trabalho em equipe para que criem estratégias onde todos possam participar com igualdade. Material: -Vários bambolês (quantidade maior que alunos) -Duas (2) caixas de papelão encapadas com cores diferentes (azul e vermelho); -1 bola; - Coletes para separar as equipes. Desenvolvimento: Separar 2 equipes e colocar os bambolês espalhados pelo chão com 1 (um) braço de distância entre um e outro, no limite da quadra de voleibol deixando a zona de ataque (voleibol) sem bambolês. Colocar uma quantidade de bambolês maior que o número de alunos. As caixas de papelão devem ficar no meio da linha de fundo da quadra de voleibol com um bambolê junto a caixa. Inicia-se o jogo com cada time do lado da caixa de cor <u>oposta</u> ao seu time, ou seja, crianças da equipe azul ficam do lado da caixa vermelha e crianças da equipe vermelha do lado da caixa azul. Tira-se “par ou ímpar” para ver quem começa com a posse de bola. Inicia-se o jogo. A regra principal desta atividade é que todos sem a posse de bola troquem de bambolê quando alguém pega a bola que foi arremessada ou rolada, seja da sua equipe ou da equipe adversária. A equipe contrária à da criança que arremessou a bola, pode tentar pegar, tirando somente 1 (um) pé do bambolê. Quando todos trocaram de bambolê a criança que está com a posse de bola a arremessa para o colega da equipe, e assim sucessivamente até que consigam colocar a bola na caixa. É computado 1 (um) ponto quando a bola é colocada na caixa e não arremessada. Feito o ponto volta ao início da brincadeira (1), sendo que a posse de bola será da equipe contrária a que iniciou. As bolas que saírem pelas linhas de fundo ou laterais será de posse da equipe contrária à equipe que a lançou para fora.	Filmagem da aula e registro de fotos Roda de conversa Diário de aula
20.02.24	
AULA 03/COLETAS	
Atividade: Jogo de arremessar no cone Objetivo: Promover a colaboração em equipe visando alcançar um esforço conjunto e cooperativo. Material: 3 bolas, 6 cones, Coletes, 6 bambolês. Desenvolvimento: A quadra de voleibol dividida em 3 partes (na largura, nos 9 metros), 2 cones colocados no final da quadra de voleibol (largura) dentro do bambolê em uma distância de 1 metro do ponto do término (na lateral) da quadra de voleibol, um de cada lado. As crianças formarão 2 equipes em cada parte da quadra, ou seja, 6 equipes. O jogo consiste em passar a bola entre os colegas	Filmagem da atividade e registro de fotos Roda de conversa Diário de aula

de equipe até que cheguem no seu respectivo cone para derrubá-lo (arremessar no cone). A criança que estiver com a posse de bola não pode andar. A bola tem que passar pelas mãos de todos antes de ser arremessada no cone. Quem derrubar o cone não poderá derrubá-lo de novo até que todos da equipe arremessem também, ou seja, cada um tem direito a 1 arremesso. Não há marcação individual, tentar pegar a bola na passagem de uma criança para a outra.	
27.02.24	
AULA 04/COLETAS	
Atividade: Jogo do tirar a fita Objetivo: Incentivar a percepção sobre o outro colaborando para alcançar um objetivo comum. Material: 1 bola, várias fitas de TNT de 30 cm cada para cada criança, de 2 cores diferentes. Desenvolvimento: Iniciar dividindo a turma em 2 equipes na quadra de handebol e cada equipe terá uma cor de fita que será colocada pela criança na calça ou shorts, na altura da cintura, na lateral do corpo, nem atrás e nem na frente. O jogo tem início na área do gol e o objetivo é entrar com a bola no gol adversário, para isso a bola terá que passar pela mão de todos da equipe. A bola não pode ser arremessada no gol. Pode correr com a bola na mão, arremessar ou entregar para o colega de equipe, da forma que for mais fácil para a criança que estiver com a posse de bola. Cada criança marca um colega da equipe adversária para tirar a fita, que só será tirada se o adversário estiver com a posse de bola, quando isso acontecer o time que está com a posse de bola deverá passar a bola para o adversário que reiniciará a partida. Nesta atividade não existe goleiro. Será contabilizado os gols feitos por todos desde que não repita a criança que já fez o gol. Não é permitido empurrar, segurar ou derrubar o adversário para obter a posse de bola. Caso haja gol o jogo reinicia.	Filmagem da aula e registro de fotos Roda de conversa Diário de aula
05.03.24	
AULA 05/COLETAS	
Atividade: Jogo do tecido Objetivo: Incentivar a confiança, a união em si e nos outros para um esforço em conjunto. Material: 2 tecidos de TNT com 1 furo no meio em cada um, 12 bolinhas de piscina, 2 caixas de papelão. Desenvolvimento: Formar 2 equipes mistas, uma ao lado da outra no meio da quadra de voleibol. Uma caixa de papelão para cada equipe posicionada no final da quadra de voleibol (comprimento). Cada equipe deve levar 4 bolinhas de cada vez até sua respectiva caixa sem que as bolinhas caiam pelo buraco do tecido. Se a bola cair no caminho a criança poderá pegá-la, colocá-la no tecido e recomeçar. A equipe que conseguir completar as caixas com 12 bolinhas será a vencedora.	Filmagem da aula e registro de fotos Roda de conversa Diário de aula
12.03.24	
AULA 06/COLETAS	
Atividade: Jogo do coneбол Objetivo: Incentivar a cooperação em grupo, priorizando a participação de todos. Material: Vários cones, 20 bolinhas de piscina vermelhas e 20 azuis, 4 caixas de papelão, 2 para cada equipe, sendo que 1 ficará dentro da quadra e a outra do lado de fora da quadra. Desenvolvimento: Esta atividade é feita em duplas na quadra de voleibol (no comprimento) um lado da quadra para cada time. Os 2 times são divididos em metade dentro da quadra e metade fora. Os que estão dentro ficam espalhados na lateral da quadra e seguram um cone cada um e a outra metade do lado de fora da quadra segurando as bolinhas que estarão na caixa de papelão com uma distância delimitada pela professora. Cada criança jogará somente para o colega que dupla, já demarcados pela professora. Ao sinal da professora as crianças que estão do lado de fora da quadra pegam as bolas que estão na	Filmagem da atividade Diário de aula

caixa de papelão e arremessam uma a uma para os colegas que estão segurando os cones dentro da quadra. Cada bola que a criança conseguir segurar no cone deve ser colocada na caixa de dentro da quadra para no final ver qual time conseguiu colocar mais bolas dentro da caixa. As bolinhas devem ser pegadas somente com o cone e não com a mão. Na próxima jogada inverter, quem está dentro e quem está fora.	
19.03.24	
AULA 07/COLETAS	
Atividade: Jogo de badminton adaptado Objetivo: Estimular o trabalho em grupo para que todos percebem que cada membro da equipe é importante. Material: Raquetes de plástico, 3 petecas, Corda Desenvolvimento: Quadra de voleibol dividida em 3 partes (na largura), 2 equipes em cada parte, uma corda para dividir a quadra ao meio, no comprimento. Diferente do Badminton onde temos 2 a 4 jogadores, nesta atividade tivemos 3 equipes de 4 a 5 jogadores em cada, uma equipe de cada lado da quadra (dividida). Arremessar a peteca de um lado para outro. Todos devem sacar e a cada rodada alternar as posições. Ganha a equipe que menos deixar a peteca cair.	Filmagem da aula Roda de conversa Diário de aula
26.03.24	
AULA 08/COLETAS	
Atividade: Jogo do maior número de passes Objetivo: Incentivar a participação de todos e o esforço conjunto. Material: 1 bola, Coletes ou pulseiras para identificação do time. Desenvolvimento: Na quadra de Handebol, 2 equipes, uma de cada lado da quadra. O jogo terá início perto da linha do gol. Uma equipe marca e a outra avança até o centro da quadra, fazendo passes para os colegas sem que a equipe adversária consiga pegar a bola. A equipe que marca se posiciona no início do lado oposto da quadra de quem inicia com a bola, a distância é bem grande. A criança com a posse de bola terá que evoluir dando apenas 3 passos ou arremessar direto para o colega de equipe assim que pegar na bola. A equipe adversária tentará roubar a bola fazendo marcação corpo a corpo. O último que pegou na bola deverá estar no centro da quadra. Caso a equipe adversária consiga pegar a bola a partida reinicia com a posse de bola da equipe que roubou a bola. A equipe que conseguir passar para todos os colegas sem perder a posse de bola chegando no meio da quadra, marca um ponto.	Filmagem da aula e registro de fotos Roda de conversa Diário de aula
02.04.24	
AULA 09/COLETAS	
Atividade: Jogo acertar a bola no bambolê Objetivo: Incentivar o trabalho em equipe, visando fomentar a interação, a participação ativa e a confiança mútua. Material: 1 bola, Coletes ou pulseiras para identificação do time Desenvolvimento: Este jogo tem algumas regras do handebol, mas não têm goleiro/a. As crianças são divididas em 2 equipes, cada uma de um lado da quadra de handebol. Ao sinal da professora a criança avançará para a quadra adversária quicando a bola somente 3 vezes no chão com as duas mãos e passará para o/a colega de equipe, terá que passar para 6 crianças (3 meninos e 3 meninas) antes de lançar a bola no bambolê que estará amarrado na trave do gol (ficará no meio do gol). A equipe adversária não poderá roubar a bola tirando, batendo ou marcando frente a frente quem estiver com a posse de bola. A bola só pode ser lançada na linha do gol da quadra de handebol. No lançamento da bola ao bambolê não poderá existir marcação ou bloqueio. A bola poderá ser roubada somente no ar quando for lançada. Ganha a equipe que mais fizer gol no bambolê.	Filmagem da aula e registro de fotos Roda de conversa Diário de aula
09.04.24	
AULA 10/COLETAS	
Atividade: Jogo da rede humana Objetivo: Estimular a participação de todos incentivando os que não se sentem seguros para jogar.	Filmagem da aula e

Material: 2 bolas, Coletes ou pulseiras para identificação do time Desenvolvimento: -Quadra de voleibol -3 times, sendo que 1 dos times fica no local da rede de voleibol (rede humana). Os dois outros times ficam nos lados opostos da quadra. Os dois grupos que se confrontam passam a bola arremessando por cima da rede humana até que a bola seja interceptada por algum componente da rede (tem que segurar a bola e não rebater). O grupo que perde a posse da bola passa à função de rede humana e assim sucessivamente. Todos têm que arremessar a bola para a equipe adversária.	registro de fotos Roda de conversa Diário de aula
16.04.24	
AULA 11/COLETAS	
Atividade: Jogo de conduzir a bola sentado/a Objetivo: Incentivar o olhar para aqueles que possuem alguma dificuldade física. Material: 2 bolas Desenvolvimento: Quadra de voleibol, 2 equipes sentadas e espalhadas pela quadra de voleibol na área da defesa, cada uma de um lado da quadra. Uma bola para cada equipe de cores diferentes. Ao sinal da professora um dos times inicia o jogo chutando a bola (sentado no chão) para o colega da equipe até que a bola cruze o meio da quadra. A bola deve passar pelos pés de todos da equipe antes de chegar no meio da quadra. A equipe que cruzar o meio da quadra com a bola primeiro será a vencedora.	Filmagem da aula e registro de fotos Roda de conversa Diário de aula
23.04.24	
AULA 12/COLETAS	
Atividade: Corfebol Objetivo: Incentivar a importância da participação de todos sem exclusão por gênero. Material: - 1 bola - Coletes ou pulseiras para identificação do time. Desenvolvimento: O jogo começa com equipes diferentes na mesma zona de jogo, uma ataca e a outra defende. Após dois pontos, as zonas são trocadas entre os jogadores de cada equipe. O jogo começa com uma bola ao alto no centro do campo. Jogadores não podem correr com a bola. A bola deve ser passada de jogador para jogador. Dribles e condução da bola não são permitidos. Após a troca de zonas, os atacantes se tornam defensores e vice-versa.	Filmagem da aula e registro de fotos Roda de conversa Diário de aula
	A entrevista foi realizada após o encerrament o do processo em horário e fora da aula de Educação Física

Fonte: Feito pela autora.

3.5 Análise dos dados

A análise dos dados, após transcrição e leitura, irá se balizar pela análise de conteúdo. Para o pesquisador qualitativo, esse momento é crucial. Ignorar um aspecto em favor de outro pode resultar na negação da subjetividade humana

ou na imposição de seus próprios valores, desrespeitando um princípio fundamental da pesquisa qualitativa. Os dados devem ser analisados com base nos significados atribuídos pelos participantes da pesquisa (Campos, 2004).

Em pesquisas acadêmicas e científicas, a análise de dados é crucial para validar hipóteses, responder perguntas de pesquisa e fornecer evidências concretas para conclusões. De acordo com Palmeira (2020, p. 16): “Sabe-se que a pesquisa é, de maneira geral, um conjunto de exercícios de investigação que obedece a uma série de critérios/métodos em busca de novos conhecimentos científicos.”

A precisão e a integridade dos dados são essenciais para garantir a confiabilidade dos resultados e a credibilidade da pesquisa.

A análise de dados em pesquisa é um processo fundamental que envolve a coleta, organização, interpretação e apresentação de dados para extrair informações significativas e tomar decisões informadas. Segundo Moraes (1999), a análise de conteúdo envolve a descrição e interpretação do conteúdo dos vários tipos de coletas de dados realizados na pesquisa. Trata-se de algo muito mais abrangente do que uma simples técnica de análise de dados, representando uma abordagem metodológica com suas próprias características e possibilidades.

As leituras dos dados foram realizadas com base em quadros, nos quais eram colocados, em formato escrito, todos os resultados das técnicas de coletas empreendidas no estudo. De posse desses quadros, foram feitas leituras intensas com vistas a identificar, inicialmente, elementos caracterizadores e , posteriormente, descrições que mostravam semelhanças. Esse processo se deu a partir de utilização de cores nos textos escritos, por exemplo, depois das identificações das sínteses das descrições relacionadas aos objetivos da pesquisa que eram destacadas com uma determinada cor, essa mesma ideia passou a ser buscada em outros fragmentos que passavam a ganhar essa mesma cor. Com essa coloração do texto, foram sendo reunidas as representações de cada cor que, em momento de finalização da análise, se juntaram a determinados grupos que deram origem às três categorias de análise que serão exploradas no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 4

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise realizada nesta pesquisa se efetivou nas reflexões sobre os dados coletados, tendo sido possível identificar tendências e relações que puderam nos ajudar a problematizar o objetivo principal do estudo, ou seja, as implicações de um processo de ensino para a ampliação da participação das meninas nas aulas de Educação Física.

Desse processo, surgiram as interlocuções e conjecturas que serão apresentadas e discutidas neste capítulo, o que foi possibilitado pela organização dos dados coletados em três categorias de análise:

1. Preconceitos de gênero: imobilizando a participação das meninas nas aulas de Educação Física;
2. Ações e reações das meninas;
3. Desafios e possibilidades para ampliar a participação das meninas e dos meninos nas aulas de Educação Física.

4.1 Preconceitos de gênero: imobilizando a participação das meninas nas aulas de Educação Física

Nesta primeira categoria foram encontradas situações nas quais a separação por gênero se fez presente pelos meninos em relação às meninas, em quase todas as atividades realizadas. A tendência de dominar determinados espaços e dinâmicas se mostrou significativa por parte dos meninos. As meninas, por sua vez, muitas vezes, se submetiam ao que eles estabeleciam, assumindo um papel inferior em relação a eles que, na maioria das muitas vezes, controlavam e lideravam as atividades.

Considerando que essa interação entre meninos e meninas nas aulas de Educação Física acaba tendo forte influência nas representações sociais de gênero, Medeiros *et al.* (2022, p. 218-219) destacam que “Dessa maneira, é importante ressaltar que é no âmbito social que as características sexuais femininas e masculinas são construídas e afirmadas.”

Com isso, as condutas de muitos meninos nas aulas, geralmente, não contribuíam com o que era solicitado pela professora. Por exemplo, na atividade ministrada em aula, chamada “Jogo do handebol diferente”, um jogo de oposição, as meninas se manifestaram na roda de conversa que a bola não chegava até elas.

[...] As meninas foram as primeiras a se manifestarem, pois perceberam que a bola não chegava na mão delas. Maria Eugênia (uma das mais participativas) reclamou que a bola não chegava para ela, mesmo o gol das meninas valendo mais. Os meninos não se manifestaram e perguntei por que a bola não chegava nas meninas como estava definido na regra número “2”. Júlio César disse que as meninas não corriam para pegar a bola, ficavam conversando e eles queriam jogar rápido. Questionei se eles estavam mais certos que as meninas não obedecendo a regra de passar a bola para 6 pessoas, ou seja, independentemente de ser menino ou menina eles não passaram para 6 crianças como combinado na regra.” (Diário de aula 1/2023)

A manifestação de um aluno em relação às meninas ao dizer que elas estarem conversando durante a aula fez com que este aluno não cumprisse uma das regras que era passar a bola para seis crianças (três meninos e três meninas, sem repeti-las). Dessa forma, foi observado que, nos jogos e brincadeiras com bola e de oposição, frequentemente, os meninos desprezavam as regras estabelecidas, concentrando-se no objetivo de fazer o ponto e vencer. Este comportamento acabava desmotivando as meninas a se engajarem para participarem da atividade.

Em pesquisa feita por Silva *et al.* (2022) em cinco regiões do Brasil, envolvendo escolas públicas e privadas, os dados mostraram que as meninas seguem sendo aquelas que menos participam das aulas de Educação Física em relação aos meninos. Dentre os fatores que podem contribuir com esse resultado estão: a quadra descoberta, a falta de materiais esportivos em condições de uso, a inatividade física entre outros fatores. Ainda assim, os autores enfatizam que a provável explicação para a não participação das meninas está associada a aspectos comportamentais, atitudinais e culturais. Segundo os autores “Cabe ressaltar ainda que aulas de Educação Física que envolveram atividade física de intensidade moderada a vigorosa mostraram menor participação de moças em comparação aos rapazes” (Silva *et al.*, 2022, p. 06). Tais cenários parecem colocar em destaque elementos que se vinculam à confiança, às percepções de capacidade física, bem como, as relações disso tudo com as normas sociais e

culturais que historicamente desestimulam a participação feminina, sobretudo por conta da perspectiva de fragilização das mulheres.

Identificamos também nessa categoria uma conduta artificial dos meninos em relação às regras das atividades quando era solicitado pela professora para passar a bola para elas, ou seja, os meninos depois de retomada a regra, de passar a bola para seis crianças, sendo destas três meninas, o fizeram rapidamente e de modo quase automático para desempenhar papéis preestabelecidos e não se engajaram de forma genuína nas interações com as meninas. Esta atitude artificial dos meninos evidencia a desigualdade de gênero presente nas relações entre eles, influenciando no modo como as meninas se posicionavam nessas interações e revelando que os meninos pareciam não reconhecer efetivamente a importância da participação das meninas nas atividades. Segundo Altmann (2018) as dificuldades das meninas podem estar relacionadas ao precário incentivo social que elas recebem tanto pelos amigos como pela família para a prática de atividades corporais mais intensas, reduzindo assim à falta de interesse, envolvimento e até o prazer, e resultando numa construção social que as identifica como incompetente para realizarem as práticas corporais.

Em outra atividade, para os jogos de interclasse do ano de 2023 e para diversificar as atividades, utilizamos as mesas de “pebolim para jogos em quarteto misto”. As meninas se manifestaram dizendo que não sabiam se participariam, isso parece revelar o sentimento de inferioridade delas com relação aos meninos ou a própria ausência de prazer em uma atividade na qual poderão ser julgadas e até humilhadas pelos meninos.

A primeira pergunta que fiz na roda de conversa foi ao Bernardo, questionando-o sobre o porquê de ter dito que as meninas não sabiam jogar? Ele não soube responder. Ayrton mais uma vez se manifestou dizendo que elas sabiam sim. Disse que as meninas jogaram tão bem quanto os meninos, pois algumas já jogam nos intervalos ou do lanche ou esperando os pais na saída (Roda de conversa-03/2023).

No jogo “Bola na caixa”, atividade de oposição e cooperação simultâneas, ou seja, os participantes precisam colaborar dentro de sua equipe para superar os desafios impostos pelos adversários, criando uma rede complexa de interações sociais e motoras. Segundo Lavega, (2008, p. 84) “[...] os

protagonistas intervêm com a colaboração de companheiros e a oposição de adversários”. Para os meninos nada deu errado, já as meninas reclamaram que os meninos não passavam a bola.

Durante a realização do jogo, os meninos corriam na frente focando na caixa onde a bola seria colocada e passando a bola somente para os meninos, mesmo que alguma menina estivesse em uma posição mais favorável para fazer o ponto.

O que deu errado segundo os meninos não foi nada, já as meninas reclamaram que pegaram muito pouco na bola. O que deu certo foi que o jogo era muito gostoso de brincar, isso foi unânime, mesmo as meninas pegando pouco na bola (Roda de conversa 02/24).

De acordo com o comportamento apresentado foi possível perceber que o domínio dos meninos, quando em quadra ou em atividades de oposição, se dava pela construção social que viviam nas atividades extracurriculares (aulas de futsal dentro e fora da escola, futebol e tênis de mesa), e nas quais tinham a oportunidade de vivenciarem diferentes experiências. Segundo Prado *et al* (2016), esse processo mais ampliado de vivência de práticas corporais por parte de alguns meninos acaba contribuindo para que eles apresentem um desempenho superior em certas atividades realizadas junto com as meninas, como em um jogo de futebol nas aulas de Educação Física. Escreve o autor que “[...] as experiências incentivadas para os meninos e por eles vivenciadas lhes permitiram explorar amplamente seus movimentos, sensações, emoções, bem como “treinar” habilidades, eles acabam, muitas vezes, por superar as meninas” (Prado *et al.*, 2016, p. 64).

Algumas meninas da escola participavam das aulas de ballet, natação e voleibol como atividade extracurriculares. Essa forma de organização dessas atividades por parte da própria instituição parece potencializar uma construção social e familiar de representação do que é masculino e do que é feminino, pois segundo Medeiros (2022) as relações de gêneros se iniciam quando a criança nasce e permanece ao longo da sua vida. Há com isso uma certa naturalização daquilo que deveria ser realizado pelos meninos e pelas meninas, aspecto que influencia sobremaneira a participação dos/as estudantes nas atividades das aulas de Educação Física, ainda que as turmas sejam mistas.

Na atividade de “Jogo de derrubar o cone”, mais uma vez, os meninos dominaram o jogo, apesar da explicação da regra, por parte da professora, de

que antes de arremessar a bola ao cone era necessário passar para todos do time, menino ou menina, pois as crianças estavam divididas em seis turmas, duas em cada parte da quadra, então o número de participantes era pequeno. Notamos, mais uma vez, o domínio dos meninos em quadra, pois mesmo retomando as regras, os meninos passavam a bola em forma de corrente para que todos pudessem colocar a mão na bola rapidamente, ou seja, a regra foi cumprida, mas somente um menino arremessava ao cone, tanto de um time como do outro. Neste caso a conduta artificial aconteceu mais uma vez, na medida em que passaram a bola porque isso era exigido pela regra, mas não houve consciência da importância da participação de todos, sobretudo as meninas, no jogo.

Na atividade seguinte “Jogo de tirar a fita” a participação dos meninos foi quase exclusiva, principalmente entre alguns que não respeitaram a regra logo na saída da bola, centralizando o jogo somente entre aqueles que eram mais habilidosos. Em tal atividade era necessário passar a bola para três meninas e três meninos antes de entrar no gol com a bola.

Na primeira saída no início do jogo, Júlio César passou a bola para Paulo e este para Bernardo que entrou no gol adversário. Estavam comemorando o ponto quando os meninos do outro time se manifestaram dizendo que eles não tinham passado a bola para seis pessoas da equipe, inclusive as meninas. Isso mostra o quanto os meninos participavam das atividades propostas se esquecendo das regras combinadas.

Durante o jogo os meninos arremessavam a bola para o colega e não deixavam o colega jogar, ou seja, corriam atrás da bola para que a bola fosse arremessada para eles de novo, sempre faziam o jogo entre 2 ou 3 colegas, os mais habilidosos. Não confiavam em todos os meninos, assim todos corriam atrás de quem estava com a bola (Roda de conversa 04/24).

A manifestação dos meninos do time adversário se deu, não pelo fato de que não passaram para três meninas e sim porque não tinham passado para as seis pessoas do time, porque se tivessem tido a oportunidade de passar só para os meninos, esses o fariam.

Perguntei o que poderíamos fazer para que todos não corressem atrás da bola quando ela era lançada. Eduardo sugeriu que a

marcação fosse 1x1. Todos concordaram e voltamos para o jogo com a marcação 1x1. A sugestão foi muito boa, conseguiram marcar o ponto, a partir daí. Ficou como regra fixa a marcação 1x1. (Roda de conversa 04/24).

Notamos que nas atividades que envolviam oposição, entre uma equipe e outra com ações que se desdobravam em marcação de pontos, as atitudes de competitividade dos meninos ficavam ainda mais acentuada em relação às meninas, queriam ganhar a qualquer custo, burlando ou ignorando as regras combinadas por todo o grupo.

Na atividade “Conduzir a bola sentado”, os meninos demonstraram maior insatisfação, pois não conseguiram ter o mesmo controle da bola que possuem quando estão em pé. Isso ocorre porque eles estão acostumados a manipular a bola com os pés enquanto estão de pé, mas essa habilidade não se transferiu para a posição sentada. Explicou-se que a proposta foi planejada intencionalmente para que os meninos enfrentassem um desafio diferente, já que conduzir a bola em pé é algo natural para eles, devido ao treino regular nas aulas de futsal da escola ou em atividades fora dela. Para as meninas, o desafio foi ainda mais significativo, pois elas não possuem o hábito de conduzir a bola com os pés, seja em pé ou sentadas, o que tornou a tarefa ainda mais desafiadora.

No “Jogo do Corfebol”, os meninos demonstraram comportamentos agressivos (empurrando, não deixando elas ocuparem os espaços e nem os pontos) em relação às meninas durante a marcação mista e tendo domínio da posse de bola. Foi necessário alterar a regra de marcação e de posse de bola várias vezes:

- Menina passaria a marcar menina e menino marcar menino (regra oficial do Corfebol);
- Passar a bola para todos do time antes de arremessar na cesta ou passar a bola para o ataque quando esta estivesse na defesa;
- Passar a bola, pelo menos, para dois meninos e duas meninas.

Como podemos perceber, meninos e meninas chegam às escolas já influenciados por estereótipos previamente formados e consolidados, e essa realidade não é diferente quando se trata das práticas esportivas. Para Correa *et al.* (2024, p. 19) “[...] a ideia de que não são capazes, ou que não são

habilidosas para as práticas esportivas por serem mulheres perpetua a tantos anos e são reforçadas tantas vezes no decorrer de suas vidas que a elas aparentam ser legítimas.”

Durante as atividades realizadas com essa turma, foram observadas pequenas mudanças especialmente entre as meninas, em relação à maior participação nas aulas de Educação Física. Ao realizar atividades mistas nas aulas, meninos e meninas participaram juntos das mesmas práticas. Isso proporcionou às meninas a oportunidade, desafiando a percepção de que elas não poderiam desempenhar as mesmas funções ou ter o mesmo nível de participação. Como resultado, os meninos começaram a reconhecer que as meninas também são capazes e podem integrar as atividades de forma igualitária. Esse processo contribui para a quebra de estereótipos de gênero e promove maior inclusão e respeito no ambiente escolar. No entanto, promover uma transformação mais imediata ou significativa enfrenta desafios, principalmente devido a influências externas, como as escolhas familiares de atividades extracurriculares. As famílias frequentemente inscrevem as meninas em modalidades como natação, balé e vôlei, que também são oferecidas pela escola, enquanto os meninos têm acesso prioritário a futsal e lutas, como o Taekwondo. Essa segmentação dificulta a aceitação de atividades integradas, nas quais todos possam participar igualmente. Muitas meninas acabam se sentindo inseguras em atividades mistas. Embora algumas cheguem a ingressar no Taekwondo, frequentemente desistem, já que a predominância de meninos na modalidade faz com que se sintam deslocadas.

Notamos, nesta primeira categoria, como os preconceitos de gênero afetavam a participação das meninas nas aulas de Educação Física, mostrando que os meninos dominavam as atividades propostas pela professora, desconsiderando as regras que auxiliavam na promoção da inclusão.

Para Freire (2019), essa realidade pode ser analisada sob a ótica da opressão cultural, na qual os estereótipos impostos socialmente limitam a autonomia das meninas, e a falta de diálogo e reflexão crítica sobre essas desigualdades reforça a aceitação passiva dessas normas. Freire (2019) propõe uma educação libertadora, na qual os alunos devem ser incentivados a questionar e reconstruir suas próprias realidades, tornando-se agentes transformadores. Assim, a reelaboração dos jogos em conjunto, permitindo que

meninos e meninas dialoguem e reformulem as regras, torna-se essencial para a superação dessas barreiras.

Sob a perspectiva de Pierre Parlebas (2001), a análise das interações motrizes nas práticas corporais realizadas em aula, revelaram que as meninas eram sistematicamente excluídas das dinâmicas de oposição, como nos jogos com bola. Os meninos se apropriavam do espaço e das ações estratégicas, enquanto as meninas assumiam um papel passivo ou artificialmente imposto. Parlebas (2001) enfatiza a importância de estruturar práticas corporais que incentivem a participação equitativa, modificando e adaptando práticas corporais nos quais a colaboração e a variabilidade das interações motrizes permitam que todos desenvolvam habilidades e confiança.

4.2 Ações e reações das meninas

Esta categoria concentra seu foco na relação das meninas, suas atitudes, manifestações e reações identificadas no decorrer da realização das atividades nas aulas de Educação Física.

Em uma das atividades, as meninas se manifestaram reclamando com a professora logo após o primeiro gol feito pelos meninos. A reclamação estava assentada na ideia de que nas atividades com bola os meninos não passavam para as meninas, mesmo que o gol das meninas valessem dois pontos ao invés de um ponto. Ainda assim os meninos não passavam a bola.

As meninas foram as primeiras a se manifestarem, pois perceberam que a bola não chegava na mão delas. Maria Eugênia (uma das mais participativas) reclamou que a bola não chegava para ela, mesmo o gol das meninas valendo mais (Roda de conversa, 01/2023).

A ação de alguns meninos em relação às meninas era de ignorá-las todas as vezes que elas pegavam a bola para ir em direção ao gol ou a cesta, já que para eles a finalização exitosa só ocorria quando era feita por um menino.

Nessa atividade em que o gol das meninas valia mais que o dos meninos, eles preferiram continuar jogando entre eles e não aproveitando a oportunidade de que alguma menina pudesse fazer o gol e ganhar dois pontos ao invés de um. As meninas por sua vez, na maioria das vezes, não reivindicam a bola para os meninos, mas reclamavam com a professora, ou seja, pediam para que

alguém intercedesse por elas.

Segundo Oliveira e Vianna (2024, p.11) “Nesse sentido, trazer as vozes de mulheres para o cotidiano da sala de aula é de supra importância para romper com o pensamento patriarcal no qual fomos educados”. Por isso, nos valendo dessa mesma perspectiva, começamos a chamar a atenção das meninas para que elas se manifestassem publicamente e, caso julgassem necessário, discordassem das atitudes dos meninos, especialmente para aquelas que estivessem desrespeitando as regras estabelecidas.

Identificamos que nas atividades que não havia oposição e valorização de pontuação de uma equipe sobre a outra, as meninas demonstravam mais interesse e envolvimento e, com isso, se sobressaíam sobre os meninos.

Em uma atividade na qual era necessário manusear dois copos, “Jogo dos copos” com vários movimentos das mãos e braços, acompanhados de uma música, elas se destacaram mais que os meninos. Já na aula seguinte, na qual experimentamos o “jogo pebolim para quarteto misto”, elas não se manifestaram dizendo que sabiam jogar, mesmo um colega afirmando que elas não sabiam jogar, ainda perguntaram se elas participariam destes jogos caso ele ocorresse no interclasse, e algumas meninas sabiam jogar. Mesmo os meninos vendo as meninas jogarem no intervalo, eles acreditaram que elas não participariam nesta modalidade no interclasse.

Nesse processo de selecionar as atividades que seriam incluídas nos jogos interclasses, as meninas pediram o voleibol e na expectativa de oferecer um formato de jogo de voleibol no qual todos e todas participassem, a professora criou o “jogo não deixe a bola cair”, no qual, ao mesmo tempo, cada um recebia e devolia a bola com três passes do modo como soubesse fazer (com manchete, toque, cortada, ou simplesmente, segurar a bola e passar). Os meninos não se arriscavam na realização das ações próprias do voleibol como as meninas, pois algumas faziam o curso extracurricular, se destacando nesta atividade. As meninas não deixavam de passar a bola para os meninos e estes, muitas vezes, não passavam para as meninas, mesmo as meninas jogando melhor que eles.

Nas aulas seguintes fomos para a piscina, uma estrutura disponibilizada na escola, anunciando como objetivo que os/as estudantes vivenciassem um ambiente diferente do da quadra com atividades que contribuíssem para a

adaptação ao meio líquido, alinhando o interesse das crianças pela água e o contexto no qual poucas sabiam nadar.

De modo semelhante ao voleibol, as meninas se destacaram nas atividades aquáticas. Um dos aspectos que parece ter contribuído para esse melhor desempenho delas, na comparação com os meninos, pode ser o fato de que muitas delas praticavam aula de natação como atividades extracurricular na escola.

Nesta primeira aula de natação como temos algumas crianças que tem medo da água (maioria meninos), fiz uma atividade para conhecer a piscina, então andamos em volta dela (dentro) para que as crianças que sentem medo (estavam com boia de braço) conhecessem melhor a piscina e a profundidade (Diário de aula 06/2023).

Ao final das aulas na piscina, a professora explicou que todos tinham habilidades para várias atividades que a professora ensinava nas aulas de Educação Física e que nas aulas de natação as meninas estavam em destaque, pois a maioria já tinha feito natação ou estava fazendo, com isso elas foram parceiras e ajudaram os meninos que tinham dificuldades. O mesmo deveria acontecer com os meninos em relação ao futsal e outros jogos que fazíamos em quadra, eles também deveriam ser parceiros das meninas e ajudá-las sempre que necessário.

Outro aspecto que parece contribuir com a dificuldade de interação e uma relação respeitosa sobre a questão do gênero na turma parece ser, além das estruturas e dinâmicas da própria escola – sobretudo com as atividades extracurriculares diferentes e separadas por gênero, a forte influência das famílias dos/as estudantes. Estas famílias demonstravam, de um modo geral, incentivar e potencializar uma exclusiva narrativa de representação cultural de gênero, isso podia ser notado, por exemplo, nos excessos da cor rosa, pinturas no rosto, sandálias com pequenas tiras, pulseiras e penduricalhos nos cabelos por parte das meninas que, recorrentemente, as limitavam em muitas das atividades das aulas de Educação Física, fazendo-as interromper a participação nas aulas ou até de impedi-las de retornar. Ademais, o que pudesse de algum modo, escapar das orientações da escola – de tradição religiosa, era tido como “anormal” e, por isso, não deveria fazer parte do currículo das aulas de Educação Física.

Sob esse aspecto, Prado *et al.* (2016) denunciam que o distanciamento de algumas crianças de certas atividades tende a se dar por medo do preconceito ou rejeição, como por exemplo, a dança para os meninos. Mesmo que o menino goste de dançar ele não insiste em fazer, pois sabe que está transgredindo uma norma na qual a dança é reconhecida como coisa de meninas.

Ao iniciarmos o ano letivo de 2024, não retornamos para a piscina, mas sim para as atividades em quadra. Após um longo período de 2023 trabalhando com a turma e dialogando sobre as questões de gênero, voltamos a identificar os mesmos problemas encontrados no ano anterior: meninos não passando a bola para as meninas e as mesmas não se manifestando.

Ao realizarmos o jogo “Bola na Caixa”, no qual a principal estratégia para se chegar à caixa adversária está no envolvimento e na participação de todos, tivemos novamente a repetição dos mesmos problemas que tínhamos em 2023.

Finalizei a conversa dizendo que todos precisavam prestar atenção no jogo e que cada membro da equipe era importante. Se um membro da equipe não prestasse atenção a equipe toda sofreria com isso (Roda de conversa 02/2024).

Ao pensar que essa turma, em sua grande maioria, vinha tendo aulas com a professora de Educação Física desde à Educação Infantil (até aquele momento do 3º ano), podemos notar a força da materialização das representações sociais de gênero no tempo que continuavam a revelar as atitudes dos meninos de tomarem a frente e as das meninas não reagirem. Reconhecemos o significativo papel da instituição escolar nesse processo, mas igualmente vamos nos dando conta de como esse trabalho educativo interage e concorre com outros cenários.

De acordo com Altmann *et al.* (2018), estudos feitos com meninos e meninas em uma escola de uma região metropolitana de uma cidade brasileira, mostrou que as famílias e os amigos influenciam na participação de atividades físicas e esportivas, facilitando ou não o desenvolvimento das habilidades corporais. Segundo os autores: “No seu dia a dia, meninos referiram vivenciar de forma mais frequente as atividades físicas e esportivas afeitas à educação física, favorecendo o desenvolvimento de habilidades corporais” (Altmann *et al.*, 2018, p. 08-09).

Dando sequência às atividades que foram realizadas com a turma, foi feito

o “Jogo de derrubar no cone”, com as turmas mistas, divididas em seis equipes na quadra.

Nesse período, começamos a observar que algumas mudanças começaram a acontecer entre a turma, algumas meninas começaram a se manifestar. No já citado jogo, enquanto a maioria dos meninos não passavam a bola para as meninas, Ayrton afirmava que tinha passado para a Cássia e ela estava conversando e não viu, mas Maria Eugênia pedia a bola e outras meninas também, mas os meninos não ouviram, com isso, Bernardo apresentou uma proposta para o caso.

Perguntei o que deu errado em cada time e Ayrton disse que passou a bola para a Cássia e ela estava conversando e não viu. Bernardo falou para o Ayrton que precisava chamar a amiga para depois arremessar a bola, que essa seria uma solução para a amiga “distraída” (Roda de conversa 03/24).

Diferente de outras aulas, neste dia as meninas se manifestaram sobre o “Jogo de maior número de passes”, modificando a atividade para que todos participassem com mais equidade.

Luísa disse que precisaria diminuir o número de participantes. Eu disse que isso não seria viável, pois todos teriam que participar ao mesmo tempo. Maria Eugênia disse que poderíamos fazer marcação 1x1 e não marcação livre. Reiniciamos com a marcação 1x1, mesmo assim não conseguiam chegar no meio da quadra (Roda de conversa 08/24).

Mesmo com a dificuldade identificada após a alteração realizada no jogo, percebemos que as reações dos/das estudantes começaram a aparecer.

No “Jogo de acertar a bola no bambolê”, era proibido qualquer tipo de marcação, já que a bola só poderia ser pega na hora do lançamento da equipe adversária. Com esse recurso o jogo transcorreu sem reclamações, pois as crianças que não tinham domínio da bola (quicar) conseguiram jogar sem interrupções bruscas e marcações dos mais habilidosos, principalmente entre as meninas.

A facilidade do jogo sem marcação possibilitou às meninas confiança no desempenho da atividade e a oportunidade de desenvolver habilidades não vividas no cotidiano. Para Severino *et al.* (2015, p.41) “Ainda sobre a questão do

desenvolvimento motor, mencionou-se a ausência de vivências motoras como responsável pela pouca prática de habilidades por parte das meninas [...].”

As atividades sem marcação abriram um caminho para a participação mais efetiva das meninas, sem distrações ou conversas paralelas, o que possibilitou um jogo mais fluído e participativo.

Outra conduta que nos chamou a atenção foi a empatia apresentada pelas meninas no “Jogo de conduzir a bola sentado/a”, uma atividade voltada para pessoas com deficiências físicas, apesar de toda dificuldade apresentada pelas meninas, pois conduzir a bola nos pés em pé, para elas é bem difícil, sentadas a dificuldade foi ainda maior. As reações de empatia também estiveram presentes entre os meninos, mas entre as meninas foi mais destacada a manifestação de se sentir no lugar e na condição do outro.

Maria Eugênia disse que conhece uma pessoa que anda de cadeira de roda e disse que deve ser muito ruim. Luísa e Cássia gostaram da atividade, disseram ser divertida e diferente (Roda de conversa 11/24).

A introdução da prática do “Corfebol” se deu para que as crianças entendessem como era possível praticar um esporte que tivesse menino e menina jogando juntos, bem como, que os familiares dos/das estudantes conhecessem que havia um esporte assim.

Nesta atividade, caracterizada pela interação de oposição e cooperação, voltamos aos mesmos problemas das relações entre os meninos e as meninas. Eles tomavam a frente da atividade e não passavam a bola para as meninas. A professora, mais uma vez, precisou intervir e relembrar as regras combinadas no início do jogo.

O jogo teve início com marcação mista, porém, muitas vezes, dois a três meninos marcavam uma mesma menina, o que acabava a impedindo de jogar. Com essa problemática observada, a professora interrompeu o jogo e apresentou o que estava acontecendo, solicitando do grupo que pensasse em alguma alternativa para resolver a questão. Ayrton deu a sugestão de marcação 1x1 e reiniciamos o jogo. Entretanto, outros problemas se manifestaram, pois os meninos se mostravam mais agressivos para marcar e tiram a bola da mão, jogando o corpo e até machucando uma aluna.

Paulo disse que as meninas não prestam atenção e conversam muito. Perguntei para as meninas se era verdade e elas disseram que não, que só algumas meninas conversavam. Regiane disse para o Paulo que estava do lado dele chamando, pedindo a bola, e ele fez que não escutou (Roda de conversa 12/24).

Paramos o jogo e decidimos usar a regra oficial da modalidade, menina marcava menina e menino marcava menino. Posteriormente, para dar continuidade ao jogo foi necessária a regra de sempre passar para duas meninas e dois meninos antes de arremessar a bola à cesta, sendo assim o jogo aconteceu com uma maior participação de toda a turma. As meninas começaram a se manifestar pedindo a bola, mas os meninos pareciam não ouvir.

Mais uma vez, notamos que os jogos de oposição e cooperação despertavam a competitividade no grupo, especialmente entre os meninos, que não conseguiam ver o quanto as meninas podiam participar tão bem quanto eles. Todavia, seguimos em defesa da prática pré-desportiva para mulheres e homens, mesmo com os desafios que elas nos apresentam, particularmente na educação básica. Concordamos com Lim e Dixon (2018), ao sinalizarem que vários estudos revelam que o esporte atua como uma poderosa ferramenta de transformação pessoal para as meninas e mulheres: “Estudos sobre a participação feminina no esporte sugeriram que as mulheres que participam ativamente do esporte ganharam um senso de competência, confiança, independência e controle sobre seus corpos e vidas” (Lim; Dixon, 2018, p. 2).

Nesse contexto relatado, a ampliação da participação das meninas nas aulas de Educação Física requer um começo que possa se dar com a adaptação das regras de algumas práticas corporais. Essas mudanças visam fortalecer a autoconfiança das meninas para que possam, no futuro, jogar de igual para igual com os meninos, buscam também sensibilizar os meninos sobre a importância da contribuição delas, reconhecendo que, em muitas atividades, elas podem se destacar mais do que eles. De igual maneira, há outras tantas mudanças sociais necessárias em direção à equidade de gênero, envolvendo um compromisso também com os desafios revelados pela organização escolar e as perspectivas dos familiares dos/das estudantes, mudanças nas modalidades esportivas escolhidas para a prática, sem serem definidas exclusivamente para meninos ou meninas. As crianças devem contar com o apoio da família e o incentivo da escola para participarem da modalidade de sua preferência. Além disso, é

fundamental incluir jogos mistos que mostre o quanto é importante a participação de todos e todas, desde a Educação Infantil, incentivando a prática de jogar em grupo e promovendo a interação entre todos.

Nesta segunda categoria, o estudo evidenciou que as representações sociais de gênero influenciavam na participação das meninas nas aulas de Educação Física, perpetuando hierarquias, especialmente nas práticas esportivas. Mesmo com medidas para incentivar a inclusão, como a atribuição de maior pontuação aos gols femininos, os meninos ainda monopolizam as jogadas.

Paulo Freire (2019) explica essa dinâmica como reflexo da educação bancária, em que normas culturais são absorvidas sem questionamento. Para superar essa lógica, propõe-se uma abordagem dialógica, incentivando a reflexão e a participação ativa das meninas na construção de regras mais justas.

Pierre Parlebas (2001), por sua vez, mostra que a estrutura dos jogos influencia a exclusão: em esportes de oposição e cooperação simultâneas, como futsal, os meninos centralizavam as decisões. Já em atividades sem confronto direto, como jogos rítmicos e aquáticos, as meninas participavam mais ativamente.

Apesar das dificuldades, o estudo revelou avanços na participação feminina, sobretudo quando havia alteração nas regras para favorecer a inclusão e quando ocorria uma reflexão crítica e sensibilização coletiva sobre as práticas corporais que estavam realizando. Pequenos avanços foram observados, como a maior manifestação das meninas na solicitação da bola e a conscientização gradual dos meninos sobre a importância da colaboração. Para que haja mudanças efetivas, é essencial o engajamento da escola, da família e da sociedade na desconstrução de estereótipos, incentivando a prática mista desde a infância e promovendo a equidade de gênero nas atividades esportivas.

4.3 Desafios e possibilidades para ampliar a participação das meninas e dos meninos nas aulas de Educação Física

Nessa última categoria, exploramos situações que ocorreram nas aulas a respeito de enfrentamentos para desenvolver atividades que mobilizassem a integração e participação de meninos e meninas nas aulas, bem como,

alternativas possíveis que se mostraram e nos surpreenderam positivamente nessa trajetória.

Na primeira aula do ano de 2024, realizamos o jogo “Conduzir a bola fora do bambolê”, seu desenvolvimento era conduzir a bola com os pés até a retirada do bambolê que envolvia alguns/mas colegas. A proposta da atividade foi criar uma brincadeira em que as crianças que dominavam bem a condução com a bola no pé ajudassem os/as que não dominavam tão bem.

Ao sentirem dificuldade para realizar esta atividade, a turma se manifestou dizendo que não queria mais fazê-la, pois era difícil de fazer a atividade.

Iniciei a roda de conversa perguntando se gostaram da atividade e todos disseram que sim, mas que é muito difícil tanto menino como menina e que não gostariam de fazer novamente (Roda de conversa 01/24).

No “Jogo de quebra cabeça de bolas”, que exigia muita atenção e rapidez de raciocínio, meninas e meninos apresentaram dificuldades.

Figura 12 : Jogo de quebra cabeça com bolas



Fonte: Acervo da autora

As dificuldades identificadas se mostraram relacionadas ao fato de os/as alunos/as estarem tendo contato com uma atividade nova e que, portanto, requereria a iniciação de um aprendizado, sendo uma novidade tanto para as meninas como para os meninos. Nas atividades que exigem o uso do pensamento, as crianças inicialmente apresentam dificuldades, mas, após repetidas tentativas, conseguem realizá-las com mais fluidez.

Na primeira vez que fizeram algumas crianças não entenderam o jogo, o/a amigo/a colocava a bola no lugar certo e o/a seguinte, na sua vez, trocava a bola de lugar, com isso alguns resolveram ajudar, dizer que cor de bola trocar. Quando nos sentamos para conversar disseram que gostaram do jogo. Ayrton disse que tinha muita gente distraída que não prestava atenção e que nãoalaria o nome porque tudo bem, estavam todos aprendendo. Perguntei se os demais concordavam e todos disseram que sim (Roda de conversa 05/2023).

Medina *et al.* (2013) descrevem o fato do pensamento, rigidamente cristalizado e abstrato, restringe nossas ações corporais concretas, ele também limita as expressões mais livres e espontâneas do movimento, das emoções e do próprio raciocínio, que são aspectos essencialmente humanos e sociais. Para Medina *et al.* (2013, p. 16):

[...] somos seres humanos e sociais, nossa existência se dá tanto no plano das ideias quanto no das ações, e quando o pensamento se torna excessivamente abstrato e inflexível, ele nos impede de vivenciar plenamente nossas emoções, nossos gestos e até nossa criatividade.

Nas aulas de Educação Física em que as atividades foram realizadas na piscina, notamos que parecia haver mais equilíbrio e, portanto, interações de respeito e de solidariedade entre as pessoas que conseguiam realizar as demandas solicitadas e aquelas que demonstravam dificuldades em realizá-las. É possível que estar em um ambiente menos habitual que a quadra esportiva nas aulas possa ter influenciado para que as manifestações de outras condutas ocorressem por parte do grupo.

Nossa roda de conversa foi feita cada vez que os grupos jogavam os objetos. As crianças perceberam que mesmo os que não tinham medo não pegavam os objetos mais valiosos, que faltou atenção de todos, dos que mergulhavam e dos que não mergulhavam para pegar os objetos de maior valor. Não houve disputa de menino e menina, mas todos jogaram de igual para igual, aliás na atividade de piscina as meninas têm menos medo que os meninos. Como era a primeira vez que estavam brincando com os objetos todos estavam devagar para assimilar pontuação de cada objeto (Roda de conversa 6/2023).

As aulas de Educação Física, realizadas em espaços abertos e expostas as vistas de muita gente, parecem gerar um certo constrangimento para as crianças, o que tende a inibir suas ações, já que controlar a bola em uma quadra esportiva, por ser algo mais corriqueiro, ao menos para os meninos, é muito

diferente do que controlar o próprio corpo na água. Segundo Santos e Ferreira (2020, p. 172) “[...] a estrutura escolar destinada à Educação Física ainda pode representar um obstáculo para a implementação de práticas pedagógicas alinhadas a essas novas perspectivas”. Isso ocorre porque muitas escolas restringem as aulas a quadras poliesportivas, seguindo uma tradição enraizada. Essa lógica, muitas vezes, é mantida pelas gestões e organizações escolares, que priorizam a exclusividade desse espaço para a realização das atividades de Educação Física.

Durante a realização do “Jogo de câmbio na piscina”, as disputas entre gênero, particularmente com relação ao domínio masculino, foram bastante diluídas ao compará-las com as que ocorriam em quadra. As crianças demonstraram participar, brincar e aproveitar mais a atividade.

Nesta aula não houve dificuldades ou disputas entre meninos e meninas, estavam gostando tanto de jogar que não se prenderam na pontuação das equipes, inclusive me perguntaram quanto estava o jogo e não soube responder porque estava atenta a performance de cada um, principalmente das crianças que tem medo da água e tudo correu naturalmente. Não quiseram ficar à vontade para brincar na piscina e sim continuar o jogo até o término da aula. Mais uma vez o ambiente aquático não favoreceu ninguém, pois não estávamos fazendo uma disputa de quem nadava mais rápido, ou quem sabia nadar melhor, simplesmente fizemos atividades em que todos participavam de forma em que cada um dava o melhor de si. As crianças que tinham medo já estavam bem mais à vontade no ambiente aquático e se sentindo mais seguras (Diário de aula, 12/2023).

Segundo Melz e Varoto (2015, p. 07) “[...] o professor deve incentivar a criança a liberar seus movimentos espontâneos, evitando que ela os reprima, como é comum na sociedade moderna”. O corpo expressa tanto emoções quanto pensamentos, manifestando-se por meio dos gestos e da movimentação corporal, por isso é capaz de criar e atribuir significado, na medida em que o movimento corporal é sempre renovado e repleto de criatividade. Deste modo, o professor pode proporcionar aos alunos vivências corporais que estimulem a sensibilidade, a expressividade, a criatividade e a espontaneidade de seus gestos, além de desenvolver sua comunicação por meio do lúdico.

No “Jogo do tecido”, as crianças demonstraram que estavam se divertindo bastante e com grande entusiasmo.

Durante a aula, foi necessário ajustar a atividade devido ao excesso de

empolgação. Os próprios alunos contribuíram com sugestões para simplificar a brincadeira, já que não conseguiram transportar as 12 bolas inicialmente estipuladas pela professora. No início, consideraram a atividade fácil e, por falta de concentração e atenção, deixavam as bolinhas caírem do tecido. No entanto, ao final da dinâmica, perceberam que a tarefa exigia mais foco e cuidado do que haviam imaginado, o que os mobilizou a realizar outras ações.

No final da aula nos sentamos para conversar e a maioria gostou da atividade. Rodrigo disse que era divertido, mas muito difícil e que tinha que prestar atenção para levar várias bolas e muitos amigos não prestaram atenção (Roda de conversa 05/24).

Ao desenvolvermos o “Jogo de badminton adaptado” notamos que gerou bastante interesse dos/as estudantes, embora fosse uma atividade simples de rebater as petecas na raquete.

As crianças gostaram muito e não se preocuparam com a contagem de pontos e nem com quem seria o/a vencedor/a da atividade.

Esta atividade foi novidade para as crianças que não se preocuparam em contar os pontos ganhos ou perdidos. Sentados perguntei se gostaram da atividade, se acharam difícil e se modificariam alguma coisa. Igor disse que gostou da atividade, mas que era difícil, algumas crianças concordaram com ele. Não mudariam nada, mas queriam jogar mais vezes para melhorar as tacadas (Roda de conversa 07.2024).

Ao realizarmos o “Jogo de derrubar no cone”, caracterizado pela interação de oposição e cooperação entre os/as participantes, não houve predomínio dos meninos, pois a regra precisou ser alterada proibindo fazer marcação.

Cada um que pegava a bola teria o domínio sobre a mesma sem interrupção de ninguém, após quicar a bola, no máximo três vezes no chão, era necessário passar para o colega e, somente após isso, arremessá-la ao gol. Para os que estavam dentro do bambolê (ou marcação com giz), a bola teria que ser passada por três meninos e depois por três meninas.

Por ser uma atividade em que não havia marcação estavam mais relaxados para jogar, sendo assim, não houve reclamações e estavam bem atentos aos passes caso faltasse uma menina ou um menino para passar a bola antes de lançar no bambolê. Pediram para jogar novamente na aula seguinte (Diário de aula 09/24).

Esta regra sem marcação foi estabelecida na terceira parte da aula para que as meninas conseguissem participar ativamente da atividade.

Em aula posterior, foram criadas, pela professora e toda a turma, outras atividades, ainda que recorrentemente os/as estudantes se manifestassem dizendo que era a professora que deveria criar as atividades para as aulas. O “Jogo da rede humana” foi um deles e as crianças gostaram, pois todos pegaram na bola e não houve cobranças dos meninos em relação às meninas.

Os debates trazidos por esta categoria deram foco aos desafios e às possibilidades acerca da ampliação da participação das meninas (e também dos meninos) nas atividades das aulas de Educação Física. Observamos certa resistência com relação à vivência de atividades novas e pouco conhecidas pela turma, sugerindo a necessidade de que sejam pensadas outras formas para realizá-las. De igual modo, houve dificuldade para a criação de novas formas de realizar uma mesma atividade, mudando regras e estruturas, o que pode indicar que os/as estudantes desta específica instituição escolar ainda são pouco mobilizados para participar do próprio processo educativo, achando, muitas vezes, que este papel deve ser circunscrito à professora.

Freire (2019) cita que apesar das diferenças, quem ensina também aprende e se transforma no processo, assim como quem aprende também participa ativamente da própria formação e influencia a formação dos outros. Para o autor “É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado.... não há docência sem discência” (Freire, 2019, p. 25).

Ademais, pudemos notar nessa categoria de análise que os elementos da Praxiologia Motriz, trazidos por Parlebas (2001), atravessaram todo o processo construído, nos alertando para a importância de jogos nos quais não se destacavam as situações de competição e a contagem de pontos para saber quem era o campeão. Jogos não conhecidos pelos/as estudantes e que eram realizados em outros espaços, que não a quadra esportiva, também se revelaram como possibilidades para a construção de interações mais respeitadas e solidárias entre a turma. Aqueles jogos nos quais havia uma distância ou ausência de confronto direto (sem marcação), de igual maneira parecem ter contribuído para a revelação de interações de mais envolvimento no

jogo e menos conflitos entre os/as participantes.

Na última categoria as dificuldades iniciais enfrentadas pelos/as alunos/as ao experimentar jogos novos mostraram a resistência ao desconhecido e a importância da persistência para a aprendizagem. A prática pedagógica adotada buscou promover a cooperação e valorizar a adaptação das regras e a escuta ativa dos estudantes.

À luz de Paulo Freire (2019), observamos que a relação entre ensino e aprendizagem se deu de modo dialógico, ou seja, tanto professor/a quanto alunos/as ensinavam e aprendiam no processo. Ao possibilitar que as crianças refletissem sobre os jogos e pudessem reformular as atividades, rompeu-se com a visão tradicional de ensino como mera transmissão de conhecimento e incentivou-se uma educação libertadora e crítica. No entanto, a dificuldade dos/as estudantes em sugerir novas formas de jogo reforçou o quanto ainda estão habituados a um ensino mais diretivo.

Pierre Parlebas (2001), por meio da Praxiologia Motriz, contribuiu para nos possibilitar compreender que a estrutura dos jogos influenciava diretamente nas interações sociais e a dinâmicas do grupo. Observamos que jogos sem contagem de pontos ou competição direta favoreceram um ambiente mais inclusivo, respeitoso e solidário. Além disso, ao diversificar os espaços de prática como a piscina, foi possível notar maior equilíbrio na participação, demonstrando que a adaptação do meio físico pode ser um fator relevante na inclusão de todos/as.

O estudo evidencia que a reelaboração dos jogos e a criação de novas dinâmicas contribuem para uma Educação Física mais democrática e integradora, promovendo experiências corporais que valorizam tanto o aprendizado técnico quanto o desenvolvimento social e emocional dos/as alunos/as.

Como profissionais de Educação Física, é essencial desenvolver atividades que engajem crianças e adolescentes de maneira inclusiva, garantindo que todos participem com prazer, explorem novas experiências e reconheçam as preferências e habilidades uns dos outros, incentivando o respeito pela diversidade e pelo inédito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas considerações finais iremos lembrar o propósito desta pesquisa, conectando-o aos resultados obtidos e às reflexões geradas pelo estudo. O objetivo geral foi analisar as implicações de um processo de ensino para a ampliação da participação das meninas nas aulas de Educação Física.

Os objetivos específicos foram identificar as situações que revelam a não participação das meninas nas práticas corporais desenvolvidas em aula; analisar as estratégias de participação criadas pelos estudantes e pela professora, para a equidade de oportunidade entre os meninos e meninas nas aulas.

A pesquisa foi realizada com estudantes do 2º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais durante as aulas regulares de Educação Física do segundo semestre de 2023 e no primeiro semestre de 2024 a mesma turma ingressados no 3º ano em uma escola privada no interior de São Paulo.

Os resultados foram estruturados em três categorias de análise.

Na primeira: “Preconceitos de gênero: imobilizando a participação das meninas nas aulas de Educação Física” onde a professora-pesquisadora observou e fez intervenções identificando a hegemonia masculina, resultando em um domínio dos meninos sobre as atividades. Os meninos tendem a assumir uma posição de protagonismo, muitas vezes associada a uma compreensão limitada sobre o potencial das meninas nas práticas pré desportivas. Essa percepção pode gerar um comportamento artificial por parte dos meninos quando a professora pesquisadora pede para que as meninas participem de forma igualitária, sem consciência dos direitos que as meninas têm, mas por obrigação obedecem às regras definidas no início de cada atividade, isso ao mesmo tempo em que reafirmam seu papel dominante. Essas dinâmicas reforçam estereótipos de gênero e dificultam a criação de um ambiente verdadeiramente inclusivo e igualitário dentro das aulas de Educação Física. Ao longo das atividades desenvolvidas com essa turma, foram notadas pequenas mudanças, especialmente entre as meninas, que passaram a participar mais das aulas de Educação Física. No entanto, alcançar uma transformação rápida ou

mais expressiva é desafiador, principalmente devido a fatores externos, como as preferências familiares por atividades extracurriculares.

Na segunda categoria: “Ações e reações das meninas”, mostrou a passividade de algumas meninas com relação as atividades propostas, isso foi um aspecto recorrente identificado neste estudo. A imobilidade e a dependência das meninas em relação aos meninos indicam um bloqueio que está associado à falta de estímulo, confiança e as oportunidades iguais de participação. Muitas meninas demonstram pouca reação diante dos desafios apresentados nas atividades reforçando a necessidade de intervenções pedagógicas que incentivem a autonomia para que se sintam seguras e motivadas a participar ativamente das aulas de Educação Física. Reclamam com a professora pesquisadora, sem tomar atitudes como cobrar as regras diretamente aos meninos. Da mesma forma, é fundamental considerar outras transformações sociais necessárias para a promoção da equidade de gênero, o que envolve também um compromisso com os desafios estruturais da escola e com as expectativas das famílias dos estudantes.

Ampliar a participação das meninas nas aulas de Educação Física requer adaptações nas regras de algumas práticas corporais para fortalecer sua autoconfiança e promover a igualdade com os meninos. Além disso, é essencial conscientizar os estudantes sobre a relevância da presença feminina nas atividades. Essa questão também envolve transformações sociais mais amplas, exigindo o compromisso da escola e das famílias para alcançar a equidade de gênero.

Na última categoria: “Desafios e possibilidades para ampliar a participação das meninas e dos meninos nas aulas de Educação Física”, notou-se que a falta de engajamento dos estudantes, tanto meninos quanto meninas, também foi um ponto relevante desta investigação. A dinâmica das atividades propostas muitas vezes não atende às expectativas dos estudantes, tornando-se desmotivante e sem impacto positivo no desenvolvimento dos alunos.

Para os meninos, a falta de desafios adequados pode levar à desinteresse ou à busca por competitividade excessiva. Para as meninas, a ausência de oportunidades de protagonismo e a sensação de exclusão tornam as atividades pouco atrativas.

Embora expressem insatisfação em algumas aulas, isso ocorre por meio de reclamações à professora, sem questionar a equidade na participação. Além disso, observou-se que muitas meninas demonstram concordância passiva, sem expressar suas próprias opiniões, o que limita sua autonomia.

As atividades em que não há competitividade é desmotivante para a maioria dos estudantes. A escola trabalha com muita competitividade em vários setores, incluindo o pedagógico. Os jogos do interclasse já são trabalhados desde o primeiro semestre, incentivando a competitividade, dentro da lei do mais forte e mais hábil. No entanto, o problema não está na competição em si, mas na falta de inclusão daqueles que desejam participar de atividades esportivas e não se sentem motivados ou preparados para certas atividades, em especial as meninas. Para as competições do interclasse, seria mais adequado utilizar jogos pré-desportivos em vez de esportes com regras oficiais, tornando-os mais acessíveis. Essas adaptações devem garantir uma participação inclusiva, permitindo que todos contribuam com seu melhor desempenho, por meio de regras modificadas e mais abrangentes.

A adaptação de jogos e dinâmicas surge como uma estratégia eficaz para oferecer experiências enriquecedoras e motivadoras, garantindo que todos os estudantes possam desenvolver suas habilidades físicas e sociais de forma justa e inclusiva.

A pesquisa até aqui desenvolvida trouxe contribuições significativas para que os meninos pudessem valorizar mais as meninas dentro das aulas de Educação Física, reconhecendo e incentivando a participação delas nas atividades, principalmente nos jogos de oposição.

Neste sentido, podemos identificar vários benefícios para o ensino da Educação Física, principalmente quando o assunto é equidade de gênero, a inclusão e a reformulação das práticas pedagógicas identificando fatores sociais, culturais e pedagógicos que determinam o envolvimento das meninas nas aulas de Educação Física. Refletir sobre estereótipos de gênero e suas influências na construção da identidade das alunas quanto as práticas motrizes.

Outro aspecto é que é possível desenvolver estratégias inclusivas que favoreçam o desenvolvimento de um ambiente motivador e acolhedor para as meninas, com propostas de jogos e atividades que valorizem diferentes habilidades motoras, incentivando a participação ativa das meninas na

reelaboração das atividades e fortalecendo sua autoestima, bem como, o senso de pertencimento.

As atividades apresentadas nesta pesquisa destacam a necessidade de o docente reconhecer a importância de um ensino inclusivo. Para isso, é fundamental desenvolver práticas reflexivas que auxiliem na superação de preconceitos, especialmente no contexto dos esportes. Dessa forma, podemos construir um ensino mais democrático, assegurando que todas as crianças tenham as mesmas oportunidades de participação e aprendizado nas aulas de Educação Física.

Toda pesquisa possui limitações e aspectos que podem ser aprimorados. Acredito que a maior fragilidade e limitações desta pesquisa seria o fator cultural e familiar, pois diferentes contextos culturais influenciam a percepção das meninas sobre a Educação Física, como sendo frágeis, delicadas, dificultando a o reconhecimento de que são capazes de fazer qualquer atividade que o/a professor/a propuser, pois mesmo com propostas pedagógicas inovadoras as barreiras culturais e institucionais podem dificultar a implementação de mudanças.

Algumas estratégias poderiam ser adotadas na escola, como a conscientização das famílias sobre o esporte feminino no Brasil e no mundo e como os familiares veem a participação das meninas em atividades esportivas. Esse preconceito, muitas vezes, envolve a falta de conhecimento sobre a Educação Física na escola, que precisar mostrar a importância da participação delas nas aulas de Educação Física, os benefícios que estas aulas podem trazer como autonomia, independência, reflexão sobre o outro e do seu papel na sociedade, propondo mudanças que beneficiem a todos e todas.

Quanto ao/a professor/a se empenhar em criar estratégias para a comunidade escolar, gestores, docentes e famílias, criando e aplicando estratégias de ensino inclusivas, desenvolvendo metodologias que incentivem a participação das meninas nas aulas de Educação Física.

Espero que este estudo alcance muitos profissionais de Educação Física, tanto de escolas públicas quanto privadas, para que reconheçam a importância da Educação Física na vida das pessoas. Nós profissionais da área devemos estar mais engajados nas mudanças que podemos oferecer na vida de nossos discentes sabendo que um pouco de nós contribuiu para a formação do cidadão

ao partilharmos conhecimentos e que aprendermos também. Que sempre foi uma troca de quem aprendeu primeiro com quem está a aprender, pois vivemos e vivenciamos realidades diferentes, pois é fundamental que todos os estudantes, independentemente de saberem ou não fazer uma "cesta", tenham o direito de participar de qualquer atividade proposta nas aulas de Educação Física.

Por fim, para uma professora como eu, que iniciou o mestrado após 36 anos de formada, aos 60 anos de idade, essa experiência apenas reafirmou que o essencial em qualquer aprendizado é amar e buscar constantemente o aprimoramento naquilo a que nos dedicamos. Esse percurso acadêmico trouxe clareza e reforçou convicções que já possuía, mas ainda não sabia como aplicar. Além disso, esclareceu dúvidas e aumentou ainda mais minha motivação para continuar aprendendo e explorando novos horizontes, ampliando meu conhecimento nessa área de conhecimento tão fundamental para a vida de cada indivíduo.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICZ, Anete; RODRIGUES, Tatiane C.; CRUZ, Ana C. J. A diferença e a diversidade na educação. **Contemporânea**, v. 1, n. 2, p. 85-97, 2011.
- ALTMANN, Helena *et al.* Gênero e cultura corporal de movimento: práticas e percepções de meninas e meninos. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.26(1), p.1-16, 2018.
- ALTMANN, Helena *et al.* Gênero em Educação Física: “meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar?” **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 19(2), p.491-501, maio-agosto/2011.
- AMARAL, Lígia A. Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação. *In*: AQUINO, Júlio G. **Diferenças e preconceito na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1998, p. 11-30.
- ANISZEWSKI, Ellen, Henrique, José. Relação entre a satisfação da competência, autonomia e vínculos sociais e o desinteresse pelas aulas de educação física no ensino fundamental. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.9, p. 1-23, 2023.
- BEDIN, Everton, DEL PINO, José Cláudio. Concepções de professores sobre situação de estudo: rodas de conversa como práticas formadoras. **Revista Interfaces da Educação**, Paranaíba, v.8, n.22, p.154-185, 2017.
- BELEI, Renata A. *et al.* O uso de entrevista, observação e vídeo gravação em pesquisa qualitativa. **Cadernos de Educação**, Pelotas [30]: 187 - 199, janeiro/junho 2008.
- BETTI, Irene C. R. Esporte na escola: Mas é só isso, professor? **Motriz**, v. 1, n.1, 25-31, junho/1999.
- BETTI, Mauro; ZULIANI, Luiz R. Educação Física Escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 1, n. 1, p. 73-81, 2002.
- BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari K. **Investigação qualitativa em Educação**. Porto/Portugal: Porto Editora, 1994.
- BONFIM, Cláudia R. S. Apontamentos sobre os preconceitos de gênero e a violência contra a mulher no Brasil. **Revista Espaço Acadêmico**, n.183, Ano XVI, p. 26-38, agosto de 2016.
- BOSCATTO, Daniel J.; KUNZ, Elenor. Esporte: possíveis diálogos com a escola. **Revista Visão Global**, Joaçaba, v. 12, n. 1, p. 55-66, jan./jun. 2009.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física**. Ensino de primeira à quarta série. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAMPOS, Claudinei J. G. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, n. 57, v. 5, p.611- 614, set/out, 2004.

CORREA, Natalia M. J. C. *et al.* Corfebol uma proposta de prática pedagógica para promover a equidade de gênero nas aulas de Educação Física. **Corpoconsciência**, Cuiabá-MT, v. 28, e17928, p. 1-26, 2023.

DAMIANI, Magda F. *et al.* Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n. 45, p. 57-67, maio/agosto 2013.

DUARTE, Cátia P., MOURÃO, Ludmila. Representações de adolescentes femininas sobre os critérios de seleção utilizados para a participação em aulas mistas de educação física. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v.13, n. 01, p.37-56, janeiro/abril de 2007.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Revista Educar**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004.

FABRI, Eliane I. **Narrativas e histórias em quadrinhos**: reflexões sobre o preconceito e exclusão nas práticas corporais. Dissertação (Mestrado em Ensino). Programa de Pós-Graduação em Docência para a Educação Básica, Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2017.

FAGUNDES, Felipe M. *et al.* Como identificar a lógica interna das práticas motrizes de interação? Uma proposta de ferramenta de análise a partir da Praxiologia Motriz. **Kinesis**, Santa Maria, v. 37, p.01-15, agosto 2019.

FEITOSA, Roberta P.; PINTO, Celeida B.G.C. O ensino da dança e a relação de gênero na educação básica. **Universitas: Ciências da Saúde**, Brasília, v. 15, n. 1, p. 57-65, jan./jun. 2017.

FELIPE, Delton A.; FRANÇA, Fabiane F. A diversidade na Educação Escolar: O currículo como artefato cultural. **Atos de pesquisa em Educação**, v. 9, n. 1, p. 49-63, jan./abr. 2014.

FERLA, Ledi. Violência contra mulheres: superação e enfrentamento, uma realidade possível. **Revista Movimentação**, Dourados, MS, V.8, nº.15, p. 72 a 82, jul./dez. 2021.

FERREIRA, Danrlei S.; NOVAES, Varlei. Como o Atletismo está inserido nas Aulas de Educação Física. **Revista Trajetória Multicursos**, volume 11, p.61-82 n. 1, jun/jul/ago. Ano 2019.

FERREIRA, Lilian A. A pedagogia das condutas motrizes no ensino do conteúdo esporte na Educação Física escolar. *In*: RIBAS, João F. M. (organizador). **Praxiologia Motriz na América Latina**: aportes para a didática na Educação Física, Ijuí: Editora Unijuí, 2017, p.93-112.

FERREIRA, Lilian A.; RAMOS, Glauco. N. S. Educação Física Escolar e a Praxiologia Motriz: lógica interna e os universais ludomotores nas relações com a cultura corporal de movimento. *In*: FERREIRA, Lilian A.; RAMOS, Glauco N. S. R. (organizadores). **Educação Física Escolar e Praxiologia Motriz**: Compreendendo as práticas corporais, Curitiba: Editora CRV, 2017, p.13-31.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, 60ª edição, 143p., Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 65ª ed.; 256p.; 2018.

GOULART, Antonio R. **Jogos pré-desportivos na Educação Física escolar**: Linhas de ensino, desenvolvimento motor e psicomotricidade. Editora Labrador. São Paulo, 2018. Edição do Kindle.

JACOBY, Lara F.; GOELLNER, Silvana V. A. Educação Física em uma escola militar: de turmas separadas por sexo e por altura a turmas mistas. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 26, p. 1-13, 2020.

LAVEGA, Pere. Classificação dos jogos, esportes e as práticas motrizes. *In*: RIBAS, João F. M. (org.). **Jogos e Esportes**: Fundamentos e Reflexões da Praxiologia Motriz; 1ª ed., Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2008, 208 p.

LIM, So Youn; DIXON, Marlene A. A conceptual framework of sport participation and women's empowerment. **Managing Sport and Leisure Magazine** (1), Abingdon, p. 1-15, July 19, 2018.

MALDONADO, Daniel T., Educação Física Escolar, corpo e saúde: problematizações a partir das ciências humanas. **Corpoconsciência**, Cuiabá-MT, v. 26, n. 1, p. 1-19, jan./ abr., 2022.

MANDOLINI, Ana Cláudia M. **Projetos de trabalho inspirados na perspectiva crítico-emancipatória**: autonomia dos alunos nas aulas de Educação Física. Dissertação (Mestrado em Ensino). Programa de Pós-Graduação em Docência para a Educação Básica, Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Bauru, 2021.

MARQUES, Rodrigo. G. V. **Conflitos nas aulas de educação física escolar**: reflexões assentadas na pesquisa ação e na praxiologia motriz. Dissertação (Mestrado em Ensino). Programa de Pós-Graduação em Docência para a Educação Básica, Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Bauru, 2019.

MARTINS, Mariana Z. *et al.* Associações entre gênero, classe e raça e participação nas aulas de Educação Física. **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**, Espírito Santo, v.27. p.01-08, 2022.

MARTINS, Mariana Z., SILVA, Bruna S. Incorporar meninas nas aulas de esporte: pensando possíveis articulações entre os estudos de gênero e a pedagogia do esporte. **Pensar a Prática**, Espírito Santo, v. 23, 2020.

MCDERMOTT, Lisa. Toward a feminist understanding of physicality within the context of women's physically active and sporting lives. **Sociology of Sport Journal**, Human Kinetics Publishers, Inc. Kingston, ON, Canada, n. 13, p.12-30, 1996.

MEDEIROS, Tatiana R. *et al.* As hierarquias de gênero no ensino da Educação Física: a prática pedagógica nos olhares de alunos/as e de professores do ensino fundamental II. **Revista Diversidade e Educação**, v. 10, n. 2, p. 213-242, 2022.

MEDINA, João Paulo S. *et al.* **A educação física cuida do corpo... e "mente"**: novas contradições e desafios do século XXI. Campinas, SP, Editora Papirus, 2013, 26ª ed., 159 p.

MELZ, Júlia I.; VAROTO, Fernando A. Atividades recreativas na educação física escolar: importância no desenvolvimento integral das crianças do 1º ciclo do ensino fundamental. **Centro Universitário Unifafibe – Bebedouro**, São Paulo; Ano IV – n. 3 – dezembro/2015.

MONTEIRO, Marcos V. Gênero e a naturalização das diferenças na Educação Física Escolar. **Temas em Educação Física Escolar**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, jan./jun. 2016, p. 53-71.

MONTIEL, Fabiana C. *et al.* Ética, autonomia e pensamento crítico nas aulas de Educação Física no ensino médio. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 31, n. 58, p. 01-21, abril/junho, 2019.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista de Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MORSCHBACHER, Juliana S., HICKEL, Neusa K. Deslizamentos nos modos de exclusão e a emergência do capacitismo. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 29, n. 1, Passo Fundo, p. 15-42, jan./abr., 2022.

MOURA, Adriana F.; LIMA, Maria Glória. A reinvenção roda: roda de conversa, um instrumento metodológico possível. **Temas em Educação**, João Pessoa, v. 23, n.1, p. 98-106, jan.-jun., 2014.

MOURA, Diego L. *et al.* A utilização de conteúdos diferentes não garante qualidade nas aulas: O caso do ensino do Rugby nas aulas de Educação Física. **Prática Docente**. v. 7, n. 2, e22039, maio/ago. 2022.

NANNI, Dionísia. **Dança Educação**: pré-escola à universidade. 5ª. Edição. Rio de Janeiro: Editora Sprint, 191p., 2008.

ODON, Camila C.O., BAPTISTA, Tadeu J.R. Abordagens do termo diversidade na educação física: Uma revisão sistemática da literatura. **Revista Corpoconsciência**, Cuiabá-MT, v. 28, e 17947, p. 1-18, 2024.

OLIVEIRA, Joelândia N.U.; VIANNA, Luciano J. A perspectiva feminista decolonial e o currículo de Pernambuco: a prática da leitura de autoras pré-modernas como ação promotora da equidade de gênero no contexto escolar. **Revista Caderno Pedagógico – Studies Publicações Ltda**, Curitiba, v.21, n.6, p. 01-23. 2024.

OLIVEIRA, Rogério C. Não levo jeito professor. *In*: DAOLIO, Jocimar (org.). **Educação Física escolar**: olhares a partir da cultura. Campinas: Autores Associados, 2010.

OLIVEIRA, Rogério C.; DAOLIO, Jocimar. Na “periferia” da quadra: Educação Física, cultura e sociabilidade na escola. **Pro-Posições**, v. 25, n. 2 (74), p. 237-254, maio/ago., 2014.

OTERO, Francisco L.; BURGUÉS, Pere L. Fundamentos da Praxiologia Motriz. *In*: RIBAS, João Francisco M. (organizador). **Jogos e Esportes: Fundamentos da Praxiologia Motriz**, Santa Maria, Editora da UFSM, 2008, p.45-79.

PALMEIRA, Lana L. L. *et al.* A análise de conteúdo e sua importância como instrumento de interpretação dos dados qualitativos nas pesquisas educacionais. **Cadernos de Pós-graduação**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 14-31, jan./jun. 2020.

PARLEBAS, Pierre. **Juegos, deporte y sociedades**: léxico de Praxiologia Motriz, 1ª Ed. Barcelona: Editorial Paidotribo, 2001.

PARO, Vitor H. Autonomia do educando na escola fundamental: um tema negligenciado. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 41, p. 197-213, jul./set. 2011. Editora UFPR.

PRADO, Vagner M. *et al.* Condutas Naturalizadas na Educação Física: uma questão de gênero? **Revista Currículo sem Fronteiras**, v. 16, n. 1, p. 59-77, jan./abr. 2016.

RAMOS, José Ricardo S. Reflexões sobre a prática interativa na Equoterapia à luz da Praxiologia Motriz. **Revista Conexões: Educação Física Esporte e Saúde**, Campinas: SP, v. 18, p.1-13, 2020.

RIBAS, João F. M. **Contribuições da Praxiologia Motriz para a Educação Física Escolar**: Ensino Fundamental. Tese (Doutorado em Educação Física), Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2002.

- RICHTER, Ana. C.; GONÇALVES, Michelle. C.; VAZ, Alexandre. F. Considerações sobre a presença do esporte na educação física infantil: reflexões e experiências. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 41, p. 181-195, jul./set. 2011.
- ROSÁRIO, Luís F. R.; DARIDO, Suraya. C. A sistematização dos conteúdos da educação física na escola: a perspectiva dos professores experientes. **Revista Motriz**, Rio Claro, v.11, n.3, p.167–178, set./dez. 2005.
- SANTOS, Juliana L.; FERREIRA, Lilian A.; **Temas em Educação Física Escolar**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 169 – 184, jul./dez. 2020.
- SANTOS, Mariany S.; OLIVEIRA, Vivianne G. Uso das redes sociais, imagem corporal e influência da mídia em acadêmicos dos cursos de educação física. **Revista Eletrônica de graduação e pós-graduação em Educação**, Goiás, v.16, nº 03, 2020.
- SARAVÍ, Jorge R. Praxiología motriz: Un debate pendiente. **Educación Física y Ciencia**, vol. 9, p. 103-117, 2007.
- SEVERINO, Claudio D. *et al.* A prática do basquetebol por meninas nas aulas de educação física escolar no município de Volta Redonda: a visão dos professores. **Revista Motricidade** -Edições Desafio Singular. Rio de Janeiro, vol. 11, n. 2, p. 36-47, 2015.
- SILVA, Venicius D. *et al.* Correlatos da não participação nas aulas de Educação Física entre escolares brasileiros nas cinco regiões do Brasil. **Revista Brasileira Educação Física Esporte**, São Paulo ;36:e36178118, p. 1 a 12, 2022.
- SO, Marcos *et al.* Gosto, importância e participação de meninas e meninos na educação física no ensino médio. **Educación Física y Ciencia**, 23(1), p.1-18, 2021.
- SOUSA, Eustáquia S.; ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na Educação Física escolar. **Cadernos Cedes**, n. 48, p. 52-68, agosto/1999.
- SOUSA, Mirtes A.; SALUSTIANO, Dorivaldo A. Diversidade no currículo escolar: perspectivas de professoras da educação básica. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 23, p.147-160, jan./mar., 2022.
- SOUSA, Nilza C.P. *et al.*, O ensino da dança na escola na ótica dos professores de Educação Física e de Arte. **Revista Brasileira Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.03, p.505-520, jul./set., 2014.
- TABORDA, Douglas S. **Aproximações teóricas entre a Praxiologia Motriz e a proposta transformação didático-pedagógica**: Por um diálogo de possibilidades. 2014, p.1-151, Dissertação de mestrado em Programa de pós-graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Maria, 2014.

TULLIO, Maria Isabel; MACIEL, Maria E. Planejamento das aulas de Educação Física Escolar. **Fac. Sant'Ana em Revista**, Ponta Grossa, v. 4, p. 166 - 181, 2º sem., 2020.

UCHOGA, Liane A. R.; ALTMANN, Helena. Educação Física Escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos das aulas. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, n. 38, v. 2, 163-170, 2016.

VALLE, Flavia P.; ZANCAN, Rubiane. Dança na Escola... Para Quê? **Revista Bras. Estud. Presença**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, 2023.

VERBERA, Eliete do C. G.; ROMERO, Elaine. As relações de gênero no esporte por discentes da rede pública municipal de Juiz de Fora. **Revista Movimento**, Rio Grande do Sul, vol.9, n.2, p. 113-125, maio/agosto 2003.

ZABALZA, Miguel A. **Diários de aula**: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre: Editora Artmed, 2004.

APÊNDICE 1-TCLE**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA CAMPUS DE BAURU****Faculdade de Ciências****Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os responsáveis
pelos/as alunos/as****Bauru, _de _____de 2024**

O Colégio xxxxx convida você a autorizar a participação de seu filho ou filha na pesquisa intitulada **ESTRATÉGIAS DE INCLUSÃO QUE MOBILIZEM A INTERAÇÃO ENTRE ESTUDANTES NAS PRÁTICAS CORPORAIS EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.**

O objetivo da pesquisa é buscar estratégias de inclusão que mobilizem a interação entre estudantes nas práticas corporais nas aulas de Educação Física.

Este estudo será realizado por mim, Sônia Corrêa de Andrade, docente de Educação Física da instituição e pesquisadora, pós-graduanda do curso de Mestrado em Docência para a Educação Básica, sob orientação da professora Doutora Lilian Aparecida Ferreira do Departamento de Educação Física da UNESP/Bauru.

A pesquisa será realizada junto às aulas regulares de Educação Física da turma, durante o período letivo e no horário designado ao/à seu/sua filho/a. As coletas de dados serão feitas por meio de: 1. Diários das aulas feitos pela professora-pesquisadora, constando as descrições das situações que ocorrerem nas aulas e que se relacionarem ao objetivo da pesquisa; 2. Rodas de conversa: dinâmica realizada no final da aula e em círculo para ouvir os/as alunos/as da turma sobre as impressões deles/as sobre as atividades realizadas; 3. Entrevista com os/as alunos/as em grupos de três a cinco alunos/as para captar suas análises das vivências realizadas, bem como, esclarecer aspectos que possam ter sido observados ou manifestados nas rodas de conversa; 4. Filmagem

de alguns jogos realizados pelos/as alunos/as para posterior análise da

pesquisadora. Estes ficarão sob a posse exclusiva da professora-pesquisadora e serão utilizados somente para fins acadêmico-científicos, não havendo qualquer exposição pública do/a seu/sua filho/a.

Os riscos da pesquisa estão vinculados a eventuais desconfortos para falar nas rodas de conversa, ser observado/a e filmado/a, ou responder às questões da entrevista. No caso das aulas propriamente ditas, outros riscos se relacionam às possíveis ocorrências em relação às práticas dos jogos como quedas, escoriações, trombadas, eventos comuns à prática corporal em grupo. Em caso destas ocorrências, a pesquisadora irá oferecer todo o suporte necessário ao/à aluno/a, indo desde o acolhimento e auxílios imediatos, assim como, acesso à direção da escola e equipes médicas de saúde. Para além destes riscos, cumpre destacar que, nos comprometemos assegurar a guarda de todo e qualquer registro de gravações e vídeos, zelando pelo seu arquivamento em local seguro, acessando seu uso somente para fins acadêmico-científicos.

Enquanto benefício, essa pesquisa poderá trazer contribuições para que os/as alunos/as sejam mais participativos nas aulas, reconhecendo as diferenças, respeitando, valorizando e incentivando os/as amigos/as.

Não precisa autorizar a participação do/a seu/sua filho/a se não quiser, é um direito seu. Também não terá nenhum problema se ele/ela quiser desistir depois de ter iniciado sua participação. Caso seja esse o caso, poderá enviar mensagem ao e-mail xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx ou para o telefone (xx) xxxxxxxx para a retirada do consentimento. Nesta situação, enviaremos para seu contato a sua resposta de retirada do consentimento para a realização do estudo.

Caso você ou seu/sua filho/a não entenda/m algo, não goste/m de qualquer situação que identificar correspondente às aulas, às rodas de conversa, à entrevista ou à filmagem dos jogos, você pode me contatar pelos meios já citados para que possamos conversar a respeito.

Não haverá qualquer auxílio financeiro para participar da pesquisa. Em caso de eventuais danos decorrentes da mesma e que sejam devidamente comprovados, a indenização será garantida.

Uma via deste documento ficará contigo e outra comigo.

Você e seu/sua filho/a não receberão nenhum tipo de auxílio financeiro para participar da pesquisa. Os seus direitos como pessoa serão respeitados, seguindo as orientações das Resoluções nº 466 de dezembro de 2012 e nº 510 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde que tratam da dignidade humana nas pesquisas científicas.

Eu _____ a
utorizo
meu/minha filho/a _____
participar da pesquisa.

Caso seja necessário, você também poderá entrar em contato com o coordenador do Comitê de Ética da Faculdade de Ciências/UNESP/Bauru, o Prof. Dr. Mário Lázaro Camargo pelo telefone: (14) 3103-9400 ou pelo e-mail: cepesquisa@fc.unesp.br

APÊNDICE 2 - TALE

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA CAMPUS DE BAURU

Faculdade de Ciências

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

Bauru, __de _____de 2024.

Por se tratar de crianças pequenas, entre 6 e 7 anos de idade, este termo será lido e apresentado para cada uma delas, constando a manifestação de aceite ou não no final.

Sou a professora Sônia Corrêa de Andrade, professora de Educação Física aqui do colégio e da sua turma.

Gostaria de lhe convidar para participar de atividades bem legais que ocorrerão nas aulas de Educação Física.

Essas atividades irão ocorrer por meio de jogos e alguns esportes, modificando algumas regras e dinâmicas conforme necessitar e serão bem divertidas.

Tudo que a gente fizer aqui nestes jogos eu vou registrar por escrito.

Vocês terão um espaço para falar sobre suas impressões e seus comportamentos nestes jogos tanto nas rodas de conversa, que ocorrerão no final de algumas aulas, quanto na entrevista que será feita em grupo de três a cinco alunos da turma. Alguns jogos também serão filmados para que eu possa ver direitinho tudo o que acontece em nossas aulas.

Todas estas atividades poderão ajudar você e seus colegas a aprender mais e melhor sobre os jogos, bem como, sobre seus comportamentos em tais jogos.

Você não é obrigado a participar. Se não quiser não tem problema algum, você continuará fazendo as atividades das aulas de Educação Física normalmente.

Caso você fique com vergonha ou se machuque em algumas destas atividades, vou estar aqui para ajudá-lo/a ou para socorrê-lo/a.

Ao longo destas atividades, caso você não entenda alguma coisa ou não goste de qualquer situação, pode me procurar que conversaremos sobre a questão para buscarmos uma forma de resolvê-la.

Responda, após olhar estas duas figuras, qual sua opção de escolha. As duas alternativas são:

- 1) a figura joia em verde: caso você queira participar;
- 2) a figura joia em vermelho: se você não quiser participar.

Responda, após olhar estas duas figuras, qual sua opção de escolha. As duas alternativas são: **a figura joia em verde:** caso você queira participar; **ou a figura vermelha:** se você não quiser participar.



() SIM

() NÃO

Nome completo do/a aluno/a

APÊNDICE 3- RODA DE CONVERSA 2023

Roda de conversa 1 - 01.09.23

Atividade: Jogo do handebol diferente

Quando iniciamos a roda de conversa a primeira pergunta foi o que acharam do jogo. As meninas foram as primeiras a se manifestarem, pois perceberam que a bola não chegava na mão delas. Maria Eugênia (uma das mais participativas) reclamou que a bola não chegava para ela, mesmo o gol das meninas valendo mais. Os meninos não se manifestaram e perguntei por que a bola não chegava nas meninas como estava na regra número “2”.

Júlio César disse que as meninas não corriam para pegar a bola, ficavam conversando e eles queriam jogar rápido. Questionei se eles estavam mais certos que as meninas não obedecendo a regra de passar a bola para 6 pessoas, ou seja, independentemente de ser menino ou menina eles não passaram para 6 crianças como combinado na regra.

O Ayrton foi o único menino que obedeceu às regras colocadas no jogo, pois já tinha a consciência de entender que as meninas não são tão habilidosas por não treinarem, o que ele falou antes mesmo do início do jogo.

Finalizei a conversa explicando que sim, as meninas não praticavam esportes como eles (no caso o futsal que a escola oferece, só masculino) por este motivo eles “estavam” mais integrados no jogo e que no ano passado jogando o Corfebol as meninas jogaram muito bem e foram cestinhas, e isso aconteceu porque todos aprenderam juntos ao mesmo tempo, se ajudaram e os meninos reconheceram a habilidade das meninas em fazer a cesta no Corfebol.

Roda de conversa 2 – 22.09.23

Atividade: Jogo dos copos

Como sabia que neste dia ficaria na sala de aula pois as quadras estavam fechadas para a manutenção do telhado, preparei esta atividade.

Nesta atividade algumas crianças tiveram dificuldade de fazer, mesmo fazendo etapa por etapa, mas não teve destaque nem de menino e nem de menina. Mesmo algumas crianças tendo dificuldades todos gostaram da atividade e pediram o link para fazer em casa com os pais, exceto a Cássia que começou a chorar porque não conseguia passar da primeira etapa. Começamos

fazendo sozinhos depois em duplas, ela se recusou a fazer. Ao término da atividade nos sentamos para conversar e perguntei qual era a dificuldade para ela e ela disse que tudo. Falei que não era a única a ter dificuldade, que a atividade exigia muita atenção. Igor adorou a atividade e todos disseram a mesma coisa, exceto Carolina e Caio que também teve dificuldade, mas disse que gostou. Precisei passar via conecta (programa de comunicação da escola com os pais) o link da atividade para que fizessem em casa.

Roda de conversa 3 – 29.09.23

Atividade: Skate com o jogo da velha, pebolim para jogos em quarteto misto e aero hockey.

Na primeira atividade a do skate todos foram bem com algumas dificuldades na hora de fazer o jogo da velha e descer de skate, mas foram poucas crianças, tanto menino como menina.

Já nos jogos de mesas algumas meninas perguntaram se elas também participariam, questionei o motivo da pergunta e o Bernardo disse que elas não sabiam jogar, mas Ayrton novamente disse que elas não sabiam por que quem jogava nos intervalos eram eles. As meninas ainda se acham inferiores aos meninos.

Tanto no pebolim como no aero hockey as turmas eram mistas.

A primeira pergunta que fiz na roda de conversa foi ao Bernardo o porquê de ter dito que as meninas não sabiam jogar? Não soube responder. Ayrton mais uma vez se manifestou dizendo que elas sabiam sim. Disse que as meninas jogaram tão bem quanto os meninos, pois algumas já jogam nos intervalos ou do lanche ou esperando os pais (na saída). As mesas ficam no pátio coberto a disposição das crianças que querem jogar. Na maioria das vezes os meninos é que jogam, mas muitas meninas sabem jogar, jogam nos intervalos, por isso, quando perguntei quem sabia jogar o pebolim muitas levantaram a mão, mas não se manifestaram quando o Bernardo disse que não sabiam jogar.

Roda de conversa 4 – 06.10.23

Atividade: Quebra cabeça de bolas.

Esta atividade que exige atenção a maioria das crianças foram bem. Só faltou atenção de algumas crianças tanto meninos como meninas, pois eles iam um de cada vez mudar as bolas para colocar na sequência do tabuleiro. Na

primeira vez que fizeram algumas crianças não entenderam o jogo, o/a amigo/a colocava a bola no lugar certo e o/a seguinte, na sua vez, trocava a bola de lugar, com isso alguns resolveram ajudar, dizer que cor de bola trocar. Quando nos sentamos para conversar disseram que gostaram do jogo. Ayrton disse que tinha muita gente distraída que não prestava atenção e que não falaria o nome porque tudo bem, estavam todos aprendendo. Perguntei se os demais concordavam e todos disseram que sim.

Roda de conversa 5 – 20.10.23

Atividade: Não deixe a bola cair

Não fizemos roda de conversa

Roda de conversa 6 – 27.10.23

Atividade: Brincadeiras aquáticas 1

Nossa roda de conversa foi feita cada vez que os grupos jogavam os objetos.

As crianças perceberam que mesmo os que não tinham medo não pegavam os objetos mais valiosos, que faltou atenção de todos, dos que mergulhavam e dos que não mergulhavam para pegar os objetos de maior valor. Não houve disputa de menino e menina, mas todos jogaram de igual para igual, aliás na atividade de piscina as meninas têm menos medo que os meninos. Como era a primeira vez que estavam brincando com os objetos todos estavam devagar para assimilar pontuação de cada objeto.

Roda de conversa 7 – 10.11.23

Atividade: Brincadeiras aquáticas 2

A roda de conversa se deu como na aula anterior, cada vez que as equipes jogavam discutíamos onde estavam os erros e onde poderiam melhorar. A aluna Cássia que não tem tanta “habilidade” nas atividades na quadra, na água é um peixe 🐟 (segundo os amigos). Não houve discussões como as atividades na quadra onde algumas crianças reclamam que o amigo não passa a bola, principalmente em relação as meninas. E isso falei com eles que cada um tem

habilidade em alguma coisa mais do que o outro, mas não significa que o que tem menos habilidade seja aonde for não possa participar ativamente da aula.

Costumo dizer aos pais que aulas de natação na escola tem um milagre chamado “amigo”. A criança aprende muito rápido porque o amigo passa essa confiança. Quando está em uma escola específica de natação o ambiente, o professor, os colegas são diferentes e isso traz uma certa demora no aprendizado, já na escola em que eles se encontram todos os dias é diferente, pois se conhecem melhor, fica mais acolhedor. Nesta aula todos prestaram mais atenção nas pontuações dos objetos. Alexandre que tem medo da água conseguiu se soltar mais nesta aula e estava atento aos objetos mais valiosos.

As equipes decidiram se reunir e montar estratégias. Com isso o jogo começou a ficar mais disputado, mas sem discussões. As crianças se divertiram bastante.

Roda de conversa 8 – 24.11.23

Atividade: Natação – respiração e adaptação ao meio líquido.

Esta aula de natação foi o início para aprender um nado, pois como a aula é só na piscina no final do semestre preciso trabalhar algum estilo com as crianças. As crianças com dificuldades precisei levar segurando uma prancha para se soltarem mais e aprenderem a respiração que é a parte mais difícil de aprender nas aulas de natação. Quando a criança domina a respiração os braços e pernas são mais fáceis de aprender.

Precisei terminar a aula 5 minutos antes para a nossa roda de conversa, porque queria ver se alguma criança perguntaria o porquê de separar meninos e meninas para nadar, não perguntaram. Precisei aguçar perguntando se tinha alguma coisa de diferente na aula, se tinha feito alguma coisa de diferente, disseram que sim as respostas foram: não brincamos e fizemos a aula de natação. Deixei para discutir na aula seguinte, não tinha tempo.

Roda de conversa 9 – 01.12.23

Atividade: Respiração, e batimento de pernas nado crawl, aprendizado de um estilo.

Iniciei a aula com a roda de conversa, pois na aula anterior faltou responderem à pergunta que fiz: Porque separei meninos de meninas na aula de natação. Júlio César disse que os meninos sabiam nadar melhor que as meninas. Perguntei se todos concordavam com a resposta dele e a minha surpresa foi que todos discordaram dele exceto Bernardo que concordou com o Júlio César. Perguntei para o Bernardo por que ele achava que era isso se ele não sabia nadar? Uma observação a parte é que toda criança que entra na água e não tem medo diz que sabe nadar. Digo que nem sempre quem entra na água sabe nadar e ele me desafiou dizendo que ele sabia, assim pedi para ele nadar crawl e costas pelo menos, não sabia. Então expliquei o que era nadar, nadei os 4 estilos e expliquei como se nadava cada um, que tinha que aprender a respiração para poder nadar em uma piscina maior, que só entrar na água não é saber nadar. Pedi para a Isabela nadar para mostrar que ela sabia nadar o crawl e perna de costas (já fez e faz natação). Cássia também demonstrou que sabia nadar. Como ele não teve argumento, expliquei o porquê de ter separado meninos de meninas, que foi pelo filtro que não está protegido pela tela de proteção e como todas as meninas têm cabelo comprido, corriam o risco de ser puxado pelo filtro (mesmo estando de touca) e que era muito perigoso. Gostaram da aula, aliás sempre gostam de aula de natação só pelo fato de entrar na água no calor.

Roda de conversa 10- 08.12.23

Atividade: Jogo câmbio adaptado a piscina

Não fizemos roda de conversa

Apêndice 4- Roda de conversa- 2024

30.01.24**Roda de conversa 1-Jogo de conduzir a bola com os pés em volta do bambolê.**

O objetivo desta atividade é trabalhar uma atividade de Futsal para observar a conduta das crianças que não tem domínio com a bola nos pés, e se os alunos que têm domínio darão incentivo àqueles que ainda não desenvolveram esta habilidade.

Nesta atividade as crianças fizeram com tranquilidade e sem cobrança dos que não tem contato com o futsal, não conseguem conduzir com facilidade a bola nos pés. Dei a opção de que se a bola fosse longe poderia pegá-la com a mão e voltar para perto do círculo e continuar a condução.

Apesar de separar a atividade em 3 turmas, sendo um jogo de oposição, os meninos não cobraram das meninas que não conseguiam ser rápidas na condução da bola. Na roda de conversa não reclamaram da atividade.

06.02.24**Roda de conversa 2- Bola na caixa**

Na roda de conversa questionei

1-O que deu errado no jogo e o que deu certo,

2-Se todos participaram da atividade se conseguiram pegar na bola e

3-Quais mudanças eles fariam. As respostas foram sucessivamente:

1-O que deu errado segundo os meninos não foi nada, já as meninas reclamaram que pegaram pouco na bola. O que deu certo foi que o jogo era muito gostoso de brincar, isso foi unânime, mesmo as meninas pegando pouco na bola.

2-As meninas disseram que pegaram pouco na bola, que os meninos não passavam a bola para elas, mas elas quando na posse da bola “também” não passavam para os meninos, questionei.

3-A primeira sugestão foi dada por Matilde, disse que poderíamos fazer meninas contra meninos. Disse que não era este tipo de mudança, mas mudanças no jogo, mudar alguma coisa no jogo, mas que meninas e meninos teriam que participar juntos. Acharam que não precisava mudar nada. Falei que

algumas meninas não pegaram na bola, os meninos todos pegaram na bola, meninas não. Bernardo disse que elas conversam muito e não prestam atenção no jogo. Márcia disse que era verdade que tinham amigas que conversavam muito e que a solução era para que elas parassem de conversar.

Finalizei a conversa dizendo que todos precisavam prestar atenção no jogo e que cada membro da equipe era importante. Se um membro da equipe não prestasse atenção a equipe toda sofreria com isso.

O objetivo do jogo que era criar estratégias para chegar até a caixa para marcar o ponto foram feitas por algumas crianças, menina como menino, mas alguns ainda se distraem muito.

20.02.24

Roda de conversa 3-Jogo de arremessar no cone

Iniciei a brincadeira colocando 3 meninas para escolher o time e 3 meninos para escolher o time, foi por sorteio. Tinham que escolher 1 menino e 1 menina.

Não houve reclamações sobre ninguém pegar na bola, apesar de ainda algumas crianças ficarem distraídas durante o jogo.

Perguntei o que deu errado em cada time e Ayrton disse que passou a bola para a Cássia e ela estava conversando e não viu. Bernardo falou para o Ayrton que precisa chamar a amiga para depois arremessar a bola, que essa seria uma solução para a amiga “distraída”.

Bernardo perguntou como ele poderia sair rápido da marcação e Paulo disse que tem que ser rápido e mostrou para o amigo como fazer.

Como a bola teria que passar pela mão de todos antes de ser arremessada no cone as crianças começaram a fazer uma corrente entregando a bola para “os menos habilidosos” e se colocando para arremessar no cone. Sempre um aluno ficou como líder e dirigia o jogo, na turma 1 o Júlio César, na turma 2 o Ayrton e na turma 3 o Igor. Nunca nenhuma menina se manifestava a não ser para reclamar comigo que só um menino estava fazendo o gol.

Na segunda etapa da partida coloquei 3 meninas como líderes: Márcia, Regiane e Maria Eduarda.

27.02.24

Roda de conversa 4 -Jogo de tirar a fita

Durante o jogo as crianças arremessavam a bola para o colega e não deixavam o colega jogar, ou seja, corriam atrás da bola para que a bola fosse arremessada para eles de novo. Não confiavam no amigo todos corriam atrás de quem estava com a bola. Paramos a brincadeira e fizemos a roda de conversa no meio da atividade para tentar encontrar soluções para os problemas encontrados.

Perguntei o que poderíamos fazer para que todos não corressem atrás da bola quando ela era lançada. Eduardo sugeriu que a marcação fosse 1 a 1. Todos concordaram e voltamos com a marcação 1 a 1. A sugestão foi muito boa, conseguiram fazer gol a partir daí. Ficou como regra fixa a marcação 1 a 1. Igor disse que tinha uma estratégia, perguntei qual era, ele disse: atacar e defender. Não soube explicar o que seria o atacar e defender, ou como fazer.

05.03.24

Roda de conversa 5- Jogo do tecido

Ayrton disse que Bernardo balançava muito o pano e a bola caía com facilidade e que muitos não prestavam atenção e quando a bola chegava perto do colega ele não levantava o pano para que a bola não caísse na lateral do tecido.

Todos, inclusive da outra equipe concordaram com o Ayrton. Ficou decidido que todos prestariam mais atenção. Ainda assim não conseguiram chegar a levar as 12 bolas.

Júlio César veio perguntar se poderia curvar um pouco o tecido para tentar levar. Disse que não especifiquei na regra como deveria levar, tecido totalmente esticado ou não.

12.03.24

Roda de conversa 6-Jogo do conebo

Não fizemos roda de conversa

19.03.24

Roda de conversa 7-Jogo de badminton adaptado

Esta atividade foi novidade para as crianças que não se preocuparam em contar os pontos ganhos ou perdidos. Sentados perguntei se gostaram da atividade, se acharam difícil e se modificariam alguma coisa. Igor disse que gostou da atividade, mas que era difícil, algumas crianças concordaram com

ele. Não mudariam nada, mas queriam jogar mais vezes para melhorar as tacadas.

26.03.24

Roda de conversa 8-Jogo do maior número de passes

Fizemos no meio da atividade.

Nesta atividade a participação das meninas foi maior. Nenhuma equipe marcou ponto, pois não conseguiam fazer os passes para todos para chegar até o meio da quadra.

Perguntei o que aconteceu que nenhuma das 2 equipes conseguiram chegar no meio da quadra.

Rodrigo disse que é difícil passar a bola para todos, são muitos colegas, a maioria concordou.

Perguntei qual seria a solução, se alguém teria uma ideia para modificar o jogo. Luísa disse que precisaria diminuir o número de participantes. Disse que todos teriam que participar ao mesmo tempo. Maria Eugênia disse que poderíamos fazer marcação 1 a 1 e não marcação livre.

Reiniciamos com a marcação 1 a 1, mesmo assim não conseguiam chegar no meio da quadra. Alguns alunos/as ainda tem dificuldade em segurar a bola.

02.04.24

Roda de conversa 9 -Jogo de acertar a bola no bambolê

Não fizemos a roda de conversa.

09.04.24

Roda de conversa 10-Jogo da rede humana

Esta atividade as crianças não tiveram dificuldade, gostaram, não teve reclamações, e como combinado na aula anterior pedi que trouxessem ideias para que todos em um jogo conseguissem participar mais efetivamente, como foi o jogo da aula anterior. Ninguém trouxe nenhuma ideia para que pudéssemos melhorar o jogo da aula passada.

16.04.24

Roda de conversa 11-Jogo de conduzir a bola no pé, sentado

Iniciei a roda de conversa perguntando se gostaram da atividade e todos disseram que sim, mas que é muito difícil tanto menino como menina e que não gostariam de fazer novamente.

Retomei a conversa dizendo que muitas vezes é assim que as pessoas que não sabem jogar se sentem e que devíamos incentivá-las em todas as atividades que a professora oferecer para a turma.

23.04.24

Roda de conversa 12 - Corfebol

Foi feita no meio do jogo, precisei parar e perguntar por que os meninos não passavam a bola para nenhuma menina do grupo?

Paulo disse que as meninas não prestam atenção e conversam muito. Perguntei para as meninas se era verdade e elas disseram que não, que só algumas meninas conversavam. Regiane disse para o Paulo que estava do lado dele chamando e ele fez que não escutou.

A maioria das meninas concordaram. Mudei a regra onde antes de passar a bola para o ataque (caso a bola estivesse na defesa) teria que passar por 2 meninas e 2 meninos, porque alguns meninos quando estavam na defesa lançavam a bola para a equipe que estava no ataque sem passar para nenhum/a colega que estava com ele na defesa. Muitas bolas eram longas e não chegavam do outro lado da quadra.

APÊNDICE 5- DIÁRIOS DE AULA-2023

Data: 01.09.2023
Turma: 120- 2º. Ano Fundamental Anos Iniciais
Horário: 9:20
Atividade: Jogo de Handebol diferente
Objetivo: participação de todos com igualdade.

A aula teve início com a chamada e em seguida expliquei qual seria a atividade que faríamos no decorrer da aula.

Expliquei que faríamos o jogo de Handebol diferente e que as regras seriam:

1-O gol das meninas valeria 2 pontos e dos meninos seria 1 ponto;

2-A bola teria que passar até o meio da quadra por 6 crianças (sem repetir) e que na próxima posse de bola do time passaria pelas outras 6 crianças que não pegaram na bola. O time adversário só poderá fazer a marcação quando o time de posse de bola passar do meio da quadra.

3-Se o time adversário conseguir pegar a bola no ataque este reinicia a jogada como na regra 2.

4-Poderia dar até 3 passos estando com a posse de bola.

5-Poderia quicar a bola no chão sem que ninguém tentasse tirá-la da mão da criança, mesmo quando estivesse no ataque. Isso foi feito para que as crianças tivessem mais segurança para dominar a bola durante o jogo.

A maioria dos meninos questionaram o porquê de o gol das meninas valerem mais. Antes que eu desse a explicação o Paulo disse que as meninas não sabiam jogar e eram mais fracas. Expliquei que o gol das meninas valeria mais para que elas tivessem mais oportunidade de jogar. Nenhuma menina protestou.

Ayrton disse que não era que as meninas não sabiam jogar como disse Paulo, mas que as meninas só não sabiam jogar como os meninos porque elas não treinavam como eles. Elogiei o Ayrton e pedi que ele falasse para que todos pudessem ouvir.

Perguntei para a turma se o Ayrton estava certo, todos concordaram com ele, depois que o elogiei os outros meninos se manifestaram dizendo o mesmo que ele, ou seja, concordaram para receber elogios e não porque acreditam no que o Ayrton falou.

Nenhuma menina se manifesta discordando do Paulo. Eu que preciso aguçar as meninas a responder o que estão pensando e a falar se concordam ou não. Percebo que este tipo de “quietude” vem de casa, dos pais, ou seja, menina não pratica esporte. Uma menina de outra turma não participou do interclasse, os pais não deixaram, disseram que esporte machuca as meninas, por este motivo a filha não participaria.

O JOGO

Iniciamos o jogo com todas 12 de cada lado. Os meninos, no começo, obedeceram às regras, passando a bola para as 6 crianças antes de atacar. Não montaram estratégias e sim, passaram para todas as meninas antes de invadir a área de ataque e trocaram passes só entre eles, para fazer o gol, ou seja, mesmo o gol das meninas valendo mais os meninos não colocaram as meninas a frente para que fizessem o gol. Já no meio da aula precisei parar e invalidar os gols (quando havia), pois a bola não passava pelas 6 crianças como era a regra, ou seja, mesmo não havendo ataque do time adversário até passar do meio da quadra, os que se julgavam mais “habilidosos” jogavam entre eles até chegar no gol descumprindo a regra número “2”. E assim foi até o final de aula quando nos sentamos para conversar.

O jogo empatou em 2 a 2, sendo que os gols foram dos meninos.

Data: 22.09.2023
Turma: 120- 2º. Ano Fundamental Anos Iniciais
Horário: 9:20
Atividade: Jogo dos copos
Objetivo: participação de todos com igualdade.

Como sabia que neste dia ficaria na sala de aula pois, as quadras estavam fechadas para a manutenção do telhado, preparei esta atividade.

Nesta atividade algumas crianças tiveram dificuldade de fazer, mesmo fazendo etapa por etapa, mas não teve destaque nem de menino e nem de menina. Mesmo algumas crianças tendo dificuldades todos gostaram da atividade e pediram o link para fazer em casa com os pais, exceto 1 menino e 1 menina. Notei que neste tipo de atividade que não há competição mesmo exigindo uma certa habilidade e atenção as meninas ganharam destaque, pareciam estar mais atentas que os meninos.

Data: 29.09.23
Turma: 2º.Ano Fundamental Anos Iniciais
Horário: 9:20
Atividade 1: Skate com o jogo da velha
Objetivo: Incentivar o trabalho em equipe
Atividade 2: pebolim para jogos em quarteto misto e jogo de aro Hockey
Objetivo: Promover o trabalho em equipe

Atividade 1:

Formou-se 2 equipes mistas uma com o “X” e outra com o “círculo”. As equipes ao sinal da professora desciam a rampa sentados no skate, cada equipe com 1 skate, levando os respectivos símbolos para ir formando o jogo. Descia 1 símbolo de cada vez (uma criança de cada vez) até que uma das equipes formassem o jogo, ou seja, formar 3 símbolos iguais e juntos na vertical, horizontal ou diagonal.

As crianças adoraram a atividade por ser dinâmica, diferente e tanto meninos como meninas tiveram dificuldade tanto na parte física (descer de skate) como de raciocínio rápido, realizar o jogo da velha.

Atividade 2:

Esta atividade foi feita para que as crianças conhecessem os aparelhos que a escola havia adquirido para diversão nos intervalos. Tive a ideia de usar para os jogos interclasses, mas não foi possível, assim todos brincaram sem competição, mas com a cooperação dos que sabiam jogar ajudando os/as amigos/as que não sabiam jogar.

As crianças eram revezadas nos aparelhos para jogar, sempre 1 menino e 1 menina de cada equipe.

No aero hockey, todos jogaram bem, um jogo onde cada um é o atacante e o goleiro ao mesmo tempo na mesa.

Observações da professora

As crianças ficaram empolgadas com as atividades novas, não houve reclamações, pelo contrário, todos participaram de forma que um incentivava o outro.

Nestas atividades não tivemos problemas de participação de nenhuma criança, todos participaram, mas ainda me pergunto o motivo das meninas serem tão desmotivadas em relação a qualquer brincadeira que a professora ensina nas aulas, não se manifestam primeiro em querer aprender algo diferente. Sempre os meninos são os primeiros a querer aprender seja qual for a atividade proposta pela professora.

Data: 06.10.2023
Turma: 120- 2º. Ano Fundamental Anos Iniciais
Horário: 9:20
Atividade: Ball Spot Puzzle (quebra-cabeça de bola)
Objetivo: Incentivar a percepção sobre a cooperação e o esforço conjunto.

Recriei o ball spot puzzle (quebra-cabeça de bola) que é muito jogado na internet. Para construir o jogo utilizei bolas coloridas de piscina e organizador de gavetas. A criança só poderia mover 2 bolas de cada vez, ou seja, uma em cada mão. Não poderia ter 3 bolas nas mãos ao mesmo tempo. Movia de um lado para o outro e não por cima como o jogo original da internet.

Montei 4 organizadores de gavetas com as bolas na cor **amarela**, **verde**, **vermelha** e **azul**. Fiz 4 tabelas de papelão, como modelo a ser seguido, com círculos coloridas em E.V.A. com sequências diferentes das cores para que as crianças copiem as sequências nos organizadores.

Nesta atividade algumas crianças, tanto meninos como meninas, apresentaram dificuldade de raciocínio rápido na primeira vez que fizeram, já outras crianças pensaram rapidamente, fosse menino ou menina. As 4 tabelas

feitas no papelão eram duas de nível fácil (as cores eram na sequência dentro de cada divisão), já as de nível difícil, também duas tabelas, as cores eram misturadas. As crianças escolhiam que nível que gostariam de participar.

Todas as crianças fizeram a atividade sem competição, mas para aprender como se fazia obedecendo as regras, de pegar as bolinhas de 2 em 2, uma em cada mão.

Para a parte competitiva formaram-se 2 equipes mistas, a equipe vencedora era a que formasse o organizador de gavetas primeiro, na sequência da tabela, hora fácil, hora difícil.

Achei esta atividade interessante porque tanto menino como menina tiveram algum tipo de dificuldade e algumas crianças perceberam isso.

Data: 20.10.2023
Turma: 120- 2º. Ano Fundamental Anos Iniciais
Horário: 9:20
Atividade: Não deixe a bola cair (voleibol)
Objetivo: Motivar o trabalho em equipe, com ênfase na execução da tarefa, cooperação e interação.

As crianças foram separadas em 2 equipes mistas na quadra de voleibol. Em cada lado da quadra as crianças eram divididas no ataque e defesa, ambos os lados. Quando todos que estavam na defesa tivessem sacado a troca era feita, quem estava na linha de ataque iria para a de defesa e vice-versa.

As regras:

1-Você poderia sacar do jeito que soubesse, até mesmo arremessar, não precisa ir à linha de fundo, poderia sacar perto da linha de ataque e poderia tentar 2 vezes caso errasse a primeira vez que sacou.

2-A recepção da bola poderia ser através da manchete, toque ou segurar a bola (como é feito no câmbio), mas só era válido 3 pessoas pegarem na bola (3 toques), quem fosse a terceira pessoa que pegasse a bola deveria passar para a quadra adversária, da forma que quisesse, manchete, toque ou arremessando.

Algumas crianças fazem o curso de voleibol que a escola oferece no contraturno e muitas não. Como a intenção era que todos participassem da atividade, cada um fazia à sua maneira, quem sabia recepcionar a bola com manchete passava para os que não sabiam e que a seguravam. Todas gostaram muito da atividade e escolheram para jogar no interclasse.

Esta atividade foi feita com todas as adaptações possíveis mais próxima do esporte Voleibol.

A escola oferece o curso de Voleibol fora do expediente escolar e assim várias “meninas” fazem o curso. Muitas meninas me pediram para jogar Voleibol, por esse motivo criei este jogo para que todos pudessem participar.

Data: 27.10.2023
Turma: 120- 2º. Ano Fundamental Anos Iniciais
Horário: 9:20
Atividade: Brincadeiras aquáticas 1
Objetivo: Fomentar um ambiente de união e cooperação entre os jogadores, incentivando a interação, a participação e a confiança mútua.

Nesta primeira aula de natação como temos algumas crianças que tem medo da água fiz uma atividade para conhecer a piscina, então andamos em volta dela (dentro) para que as crianças que sentem medo (estavam com boia de braço) conhecessem melhor a piscina, a profundidade, não é funda.

Em seguida foi feita uma brincadeira onde coloquei objetos que flutuavam e afundavam por toda a piscina, dividi a classe em 2 turmas, mesclando as crianças que tinham medo com as que não tinham. As que tinham medo pegavam os objetos em cima da água e as que não tinham medo, mergulhavam para pegar. Os objetos tinham várias cores e cada cor tinha uma pontuação, assim elas ajudavam nas somas dos objetos.

Garrafinhas pet transparente- (afundavam)- 10 pontos

Garrafinhas pet verdes- (flutuavam)- 10 pontos

Garrafinhas pet transparente com tampa roxa- (afundavam)- 10 pontos

Garrafinha pet transparente com tampa laranja- (flutuavam)- 10 pontos

Copos plásticos transparentes- (afundavam)- 10 pontos

Bolinhas de piscina branca- (flutuavam)- 10 pontos

Bolinhas de piscina laranja- (flutuavam)- 5 pontos

Bolinhas de piscina amarela- (flutuavam)- 5 pontos

Cones azuis- (afundavam)- 5 pontos

Cones amarelos- (afundavam)- 5 pontos

Cones brancos- (afundavam)- 10 pontos

As equipes jogavam uma de cada vez e ao sinal da professora pegavam os objetos e colocavam na bacia respectiva da cor da sua equipe, e a equipe adversária ficava esperando a vez para jogar.

As crianças que tinham medo não tiraram a boia do braço, mas se movimentaram bem na água e gostaram da brincadeira, se sentiram à vontade no meio líquido.

Data: 10.11.2023
Turma: 120- 2º. Ano Fundamental Anos Iniciais
Horário: 9:20
Atividade: Brincadeira aquática 2
Objetivo: Estimular a autonomia e a cooperação.

Fiz a mesma brincadeira da aula anterior onde coloquei objetos que flutuavam e afundavam por toda a piscina, dividi a classe em 2 turmas, mesclando as crianças que tinham medo com as que não tinham, **porém as crianças que sabiam mergulhar teriam que incentivar as que não sabiam a colocar pelo menos o rosto na água**, pois se conseguissem pegar o objeto com os pés colocando o rosto na água ganhariam 1 ponto a mais. Nesta aula as crianças que **usavam boias deixaram de usar**, pois perceberam que a piscina não era muito funda e poderiam ficar à vontade, também perceberam por si só e resolveram tirar a boia. Deixei que elas se sentissem seguras para deixar as boias de braço.

Continuamos com os mesmos objetos tendo a mesma pontuação da aula anterior, acrescentando 1 ponto as crianças que não sabiam mergulhar colocassem o rosto na água.

As equipes jogavam uma de cada vez, e ao sinal da professora pegavam os objetos e colocavam na bacia respectiva da cor da sua equipe, e a equipe adversária ficava esperando a vez para jogar.

A atividade foi invertida desta vez, quem não mergulhava iria pegar os objetos no fundo e quem mergulhava pegaria primeiramente os objetos em cima da água e depois ajudaria os que não mergulhavam. Os que não mergulhavam começaram a pegar com os pés, mas colocavam o rosto na água para localizar melhor os objetos, isso foi um progresso porque deixaram a boia e colocaram o rosto na água, não mergulhavam a cabeça, mas colocaram o rosto. Desta vez as crianças estavam mais atentas as pontuações dos objetos.

Data: 24.11.2023
Turma: 120- 2º. Ano Fundamental Anos Iniciais
Horário: 9:20
Atividade: Respiração e adaptação ao meio líquido
Objetivo: Fortalecer a cooperação entre as crianças.

Como as crianças estavam mais à vontade na piscina dei iniciação ao nado crawl (pernas e respiração) e foi uma exigência da escola, já que era aula de natação as crianças deveriam aprender o mínimo que pudessem. Comecei separando as crianças de um lado meninas e do outro meninos, pois de um dos lados da piscina tem um filtro que suga a sujeira da água sem uma tela de proteção (já pedi isso para a escola para providenciarem) e como as meninas têm o cabelo comprido (todas), achei mais “seguro” mantê-las do lado oposto do filtro, mesmo todos estando de touca de natação, meninos e meninas, mas muitas meninas vêm com touca menor ou já desgastada porque era do irmão ou da irmã, e com isso basta um mergulho e a touca saía da cabeça.

Separei também quem já tinha uma noção do nado, faziam sozinhos o batimento de pernas e respiração, precisei somente aperfeiçoar a respiração com batimento de pernas, e as crianças que não sabiam nadar faziam somente a respiração. **Eu levava de 2 em 2** (quem não tinha medo com quem ainda tinha um pouco de medo). O batimento de pernas e braços são mais fáceis que a respiração, mas a respiração é essencial para que a criança ou até mesmo o adulto aprenda mais rápido e melhor. Para se sentir seguro(a) na água é preciso aprender e dominar em primeiro lugar a respiração.

Das 24 crianças 3 sabiam fazer o nado crawl com pouca dificuldade na respiração, 5 ainda tinham medo e receio da água, mas já estavam sem boia, e 16 não sabiam nadar, mas não tinham medo da água.

A maior dificuldade de todo aprendiz na natação principalmente em crianças é entender a respiração. Como o processo é puxar o ar pela boca e soltar pelo nariz, a maioria não sabe assoar o nariz e a dificuldade está aí em expelir o ar pelo nariz para que a água não entre. Fizemos a brincadeira de ser o incrível Hulk quando ele está nervoso fazendo um sonoro “**arrrrrrrrr**” só que com a boca fechada, seria como tirar um pigarro da garganta, assim o ar é expelido pelo nariz, funciona! As crianças adoraram, nenhuma menina questionou em fazer igual o incrível Hulk (estava esperando reclamações).

Consegui com que cada um dentro da sua dificuldade fizesse 2 chegadas (ida e volta) na piscina e a aula terminou. As crianças que ficam esperando a sua vez ficam parada na borda lateral da piscina treinando a respiração (o incrível Hulk).

As crianças que não têm dificuldades passam confiança para a amiga ou amigo que têm esta dificuldade, facilitando assim o aprendizado. A cooperação na piscina é bem maior em relação a prática de qualquer atividade na quadra, acredito que por não ser uma aula competitiva e muitos não dominarem bem o corpo na água, a questão de gênero desaparece em aulas assim.

Observei e já percebi nas outras aulas que ministrei, de natação, que quando estamos em um meio que não é o nosso meio rotineiro (piscina), não existe diferenças explícitas como quando estamos em uma quadra, por exemplo, onde os meninos se sentem os donos, dominadores, mas alunos como o Ayrton observou que os meninos são melhores porque treinam muito mais que as meninas e não porque são mais fortes, palavras. Trabalhar com as crianças

várias habilidades é uma excelente ferramenta para que eles percebam que não são bons em tudo, que cada um tem o seu talento a ser valorizado.

Data: 01.12.2023
Turma: 120- 2º. Ano Fundamental Anos Iniciais
Horário: 9:20
Atividade: Aprendizado de um estilo
Objetivo: Promover a autonomia.

Nesta aula iniciei com as mesmas atividades da aula anterior, **exceto** no final da aula (15 minutos) tirar a prancha das crianças, mesmo as que tinham receio da água.

As que já se soltavam na água foram bem até o outro lado. Para os que ainda tinham receio e para que eles tivessem mais segurança levei com as mãos e cada um ao seu tempo “tentava” soltar as minhas mãos. Deixei que as crianças que tinha dificuldade escolhessem uma amiga ou amigo para levá-los ou levá-las até o meio da piscina, segurando as mãos. Esta atividade estimulou bastante as crianças que tinham receio de colocar a cabeça na água. Em todas as aulas na piscina emprestei os óculos de natação para que as crianças com mais receio de colocar os rostos na água pudessem se sair bem. O óculos é um objeto importante nas aulas de natação para quem não domina bem a respiração dentro d’água.

É sempre bom aumentar o nível de dificuldade das crianças nas aulas de natação, principalmente os que tem medo, claro que o/a professor/a tem que sempre ser o suporte para que as crianças entendam que não há perigo.

Data: 08.12.2023
Turma: 120- 2º. Ano Fundamental Anos Iniciais
Horário: 9:20
Atividade: Jogo câmbio adaptado a piscina

Objetivo: Incentivar o trabalho em equipe, visando fomentar a interação e a participação coletiva.

Como era nossa penúltima aula e foram apenas 16 crianças fiz o jogo câmbio com algumas modificações:

1-Saltar para pegar a bola;

2-O arremesso (saque) era feito em várias partes por quem estava no fundo da piscina e mesmo fazendo ponto tinha que trocar para que todos pudessem arremessar;

3-O rodízio era simplesmente trocar do fundo para a frente;

4-Quem arremessava, caso fosse para fora poderia arremessar novamente até que a bola pudesse ficar em jogo;

5-A bola tinha que passar pela mão de todos, ou seja, 8 vezes até arremessar para o outro lado.

6-Não poderia arremessar a bola diretamente na água e sim na mão do adversário para que todos tivessem a possibilidade de manusear a bola.

7-Os lados eram trocados assim que todos de um time arremessassem a bola.

Nesta aula não houve dificuldades ou disputas entre meninos e meninas, estavam gostando tanto de jogar que não se prenderam na pontuação das equipes, inclusive me perguntaram quanto estava o jogo e não soube responder porque estava atenta a performance de cada um, principalmente das crianças que tem medo da água e tudo correu naturalmente. Não quiseram ficar à vontade para brincar na piscina e sim continuar o jogo até o término da aula. Mais uma vez o ambiente aquático não favoreceu ninguém, pois não estávamos fazendo uma disputa de quem nadava mais rápido, ou quem sabia nadar melhor, simplesmente fizemos atividades em que todos participavam de forma em que cada um dava o melhor de si.

As crianças que tinham medo já estavam bem mais à vontade no ambiente aquático e se sentindo mais seguras.

APÊNDICE 6- DIÁRIO DE AULA-2024

Data: 30.01.24
Turma: 130- 3º. Ano Fundamental Anos Iniciais
Horário: 7:10
Atividade: Jogo de conduzir a bola em volta do bambolê
Objetivo: Incentivar o trabalho em equipe, visando fomentar a interação e a participação coletiva.

Neste ano as aulas para os Fundamental Anos Iniciais com as turmas de 3º.s aos 5º.s anos me foram ofertadas. Apesar de estar envolvida com o mestrado aceitei o desafio para que pudesse trabalhar mais algumas atividades com as crianças que iniciei os estudos ano passado. Assim comecei com outras atividades que não fosse nenhuma envolvendo a piscina, pois a partir do 3º. Ano a piscina não pode ser usada pelas crianças, pois fica pequena para atividades aquáticas com crianças com 8 anos ou mais.

A atividade proposta foi formar 3 equipes mistas sentados em círculo, cada time com 1 bola e 1 bambolê no meio do círculo.

Uma criança de cada vez fica em pé e conduz a bola com os pés dando a volta no círculo até chegar no seu lugar e colocar a bola dentro do bambolê que estará no meio do círculo. Assim que a criança colocou a bola no bambolê a próxima a sua direita saía conduzindo a bola dela até que a última criança coloque a bola no bambolê. A equipe que terminar primeiro ganha a brincadeira. As meninas sentiram muita dificuldade em conduzir a bola com os pés.

Data: 06.02.24
Turma: 130- 3º. Ano Fundamental Anos Iniciais
Horário: 7:10
Atividade: Bola na caixa
Objetivo: Estimular o trabalho em equipe para que criem estratégias onde todos possam participar com igualdade.
Material: -Vários bambolês (quantidade maior que alunos)

- Duas (2) caixas de papelão encapadas com cores diferentes para que combinem com coletes, ou qualquer acessório que for usar para separar as equipes.
- 1 bola;
- Coletes para separar as equipes.

Separei 2 equipes e coloquei os bambolês espalhados pelo chão com 1 (um) braço de distância entre um e outro, no limite da quadra de voleibol deixando a zona de ataque (voleibol) sem bambolês. Colocar uma quantidade de bambolês maior que o número de alunos. As caixas de papelão devem ficar no meio da linha de fundo da quadra de voleibol com um bambolê junto a caixa.

Inicia-se o jogo com cada time do lado da caixa de cor oposta ao seu time, ou seja, crianças da equipe azul ficam do lado da caixa vermelha e crianças da equipe vermelha do lado da caixa azul.

Uma das crianças, da equipe que ganhou no “par ou ímpar” iniciou com a posse de bola. Ao sinal do professor a criança que estiver com a posse de bola, arremessa para o/a colega de equipe, e assim que este/esta pegar a bola, todos (das duas equipes) tem que trocar de bambolê

A regra principal desta atividade é que todos sem a posse de bola troquem de bambolê quando alguém pega a bola que foi arremessada ou rolada, seja da sua equipe ou da equipe adversária. A equipe contrária à da criança que arremessou a bola, pode tentar pegar, tirando somente 1 (um) pé do bambolê. Quando todos trocaram de bambolê a criança que está com a posse de bola a arremessa para o colega da equipe, e assim sucessivamente até que consigam colocar a bola na sua respectiva caixa.

É computado 1 (um) ponto quando a bola é colocada na caixa e não arremessada.

Feito o ponto volta ao início da brincadeira (1), sendo que a posse de bola será da equipe contrária a que iniciou;

As bolas que saírem pelas linhas de fundo ou laterais será de posse da equipe contrária à equipe que a lançou para fora.

Este jogo as crianças gostam muito de jogar, por isso não aconteceram cobranças entre meninos e meninas. Por ser uma atividade que não há uma técnica muito específica e difícil as crianças se sentiram mais à vontade para

jogar. Esta atividade pode ser feita em qualquer lugar que não seja a quadra, como por exemplo, em um pátio, onde também fizemos conforme a foto.

Data: 20.02.24
Turma: 130- 3º. Ano Fundamental Anos Iniciais
Horário: 7:10
Atividade: Jogo de arremessar no cone
Objetivo: Promover a colaboração em equipe visando alcançar um esforço conjunto e cooperativo.
Material: 3 bolas, 6 cones, 1 bola, Coletes, 6 bambolês.

A quadra de voleibol dividida em 3 partes (na largura, nos 9 metros), 2 cones colocados no final da quadra de voleibol (largura) dentro do bambolê em uma distância de 1 metro do ponto do término (na lateral) da quadra de voleibol, um de cada lado.

As crianças formaram 2 equipes em cada parte da quadra, ou seja, 6 equipes. O jogo consiste em passar a bola entre os colegas de equipe até que cheguem no seu respectivo cone para derrubá-lo (arremessar no cone). A criança que estiver com a posse de bola não pode andar. **A bola tem que passar pelas mãos de todos antes de ser arremessada no cone. Quem derrubar (arremessando) o cone** não poderá derrubá-lo de novo até que todos da equipe arremessem também, ou seja, cada um tem direito a 1 arremesso. Não há marcação individual, tentar pegar a bola na passagem de uma criança para a outra.

A aula teve início com um sorteio de 3 meninas e 3 meninos para escolherem os times. O jogo aparentemente não teve reclamações sobre ninguém pegar na bola, pois quando isso acontecia de alguma criança não pegar na bola, os outros do time contrário reivindicavam. Alguns meninos reclamaram que tinham meninas que conversavam durante a partida e não conseguiam pegar a bola.

Iniciei a brincadeira colocando 3 meninas para escolher o time e 3 meninos para escolher o time, foi por sorteio. Tinham que escolher 1 menino e 1 menina.

Não houve reclamações sobre ninguém pegar na bola, apesar de ainda algumas crianças ficarem distraídas durante o jogo.

Perguntei o que deu errado em cada time e Ayrton disse que passou a bola para a Cássia e ela estava conversando e não viu. Bernardo falou para o Ayrton que precisa chamar a amiga para depois arremessar a bola, que essa seria uma solução para a amiga “distraída”.

Bernardo perguntou como ele poderia sair rápido da marcação e Paulo disse que tem que ser rápido e mostrou para o amigo como fazer.

Como a bola teria que passar pela mão de todos antes de ser arremessada no cone as crianças começaram a fazer uma corrente entregando a bola para “os menos habilidosos” e se colocando para arremessar no cone. Sempre um aluno ficou como líder e dirigia o jogo, na turma 1 o Júlio César, na turma 2 o Ayrton e na turma 3 o Igor. Nunca nenhuma menina se manifestava a não ser para reclamar comigo que só um menino estava fazendo o gol.

Na segunda etapa da partida coloquei 3 meninas como líderes: Márcia, Regiane e Maria Eduarda.

Data: 27.02.24
Turma: 130- 3º. Ano Fundamental Anos Iniciais
Horário: 7:10
Atividade: Jogo de tirar a fita
Objetivo: Incentivar a percepção sobre o outro colaborando para alcançar um objetivo comum.
Material: 1 bola, várias fitas de TNT de 30 cm para cada criança, de 2 cores diferentes.

Iniciei dividindo a turma em 2 equipes na quadra de handebol e cada equipe teve uma cor de fita que foi colocada pela criança na calça ou shorts, na altura da cintura, na lateral do corpo, nem atrás e nem na frente.

O jogo teve início na área do gol e o objetivo é entrar com a bola no gol adversário, para isso a bola terá que passar pela mão de todos da equipe. **A bola não pode ser arremessada no gol.** Pode correr com a bola na mão, arremessar ou entregar para o colega de equipe, da forma que for mais fácil para

a criança que estiver com a posse de bola. A fita só será tirada se a criança estiver com a bola na mão, quando isso acontecer de tirar a fita a posse de bola passa a ser do time de quem tirou e a partida é iniciada. Nesta atividade não existe goleiro. Será contabilizado os gols feitos por todos desde que não repita a criança que já fez o gol. Não é permitido empurrar, segurar ou derrubar o adversário para obter a posse de bola. A bola tem que passar para 6 crianças do mesmo time 3 meninas e 3 meninos, antes de ser arremessada ao gol.

Durante o jogo Júlio César deu a saída com a bola, ganhou no par ou ímpar, arremessou para Paulo e este para o Bernardo que conseguiu chegar no gol. Eles estavam comemorando e o time adversário gritou que não valeu, pois não tinha passado para nenhuma menina. Confirmei que o gol não valeu, esperei que as crianças se manifestassem. Como a marcação era individual, só quem estava com a posse de bola. Os meninos quando arremessavam para as meninas não confiavam que elas conseguiriam pegar e corriam atrás delas, com isso ficavam todos em cima da bola congestionando o jogo. Parei o jogo e fizemos a roda de conversa no meio da atividade para tentar encontrar soluções para tentar solucionar o problema da confiança na amiga quando da posse de bola. Perguntei o que poderíamos fazer para que todos não corressem atrás da bola quando ela era lançada. Eduardo sugeriu que a marcação fosse 1 a 1. Todos concordaram e voltamos com a marcação 1 a 1. A sugestão foi muito boa, conseguiram fazer gol a partir daí. Ficou como regra fixa a marcação 1 a 1.

Eles ficavam muito eufóricos para jogar. Muitas vezes o amigo não estava com a posse de bola e eles corriam tirar a fita, sem perceber que a bola já saiu da mão do amigo. Com a marcação 1 a 1 o jogo ficou mais fácil para que todos pudessem participar.

Na verdade, quando elaborei o jogo, pensei em fazer a marcação 1 a 1 como regra, mas deixei para que eles pensassem em montar estratégias para que o jogo ficasse mais leve e fácil de jogar e conseguissem perceber que seria mais fácil a marcação 1 a 1.

Data: 05.03.24
Turma: 130- 3º. Ano Fundamental Anos Iniciais

Horário: 7:10
Atividade: Jogo do tecido
Objetivo: Incentivar a confiança, a união em si e nos outros para um esforço em conjunto.
Material: 2 tecidos de TNT com 1 furo no meio em cada um, 12 bolinhas de piscina e 2 caixas de papelão.

Formamos 2 equipes mistas, uma ao lado da outra no meio da quadra de voleibol. Uma caixa de papelão para cada equipe posicionada no final da quadra de voleibol (comprimento). Cada equipe deve levar 4 bolinhas de cada vez até sua respectiva caixa sem que as bolinhas caiam pelo buraco do tecido. Se a bola cair no caminho a criança poderá pegá-la, colocá-la no tecido e recomeçar. A equipe que conseguir completar as caixas com 12 bolinhas será a vencedora.

Ao meu sinal as equipes correram para colocar as bolinhas nas respectivas caixas e no primeiro momento ficaram muito eufóricos e as bolinhas acabaram caindo na metade do caminho das duas equipes. Como não concluíram a atividade achei melhor começar com apenas 1 bola e depois levarem 2 e 3 respectivamente.

Ayrton veio me dizendo que Bernardo balançava muito o pano e as bolas caíam com facilidade e que muitos não prestavam atenção. Outra reclamação foi de que a bola chegando perto do colega ele não levantava o tecido para a bola não cair.

Todos concordaram com o Ayrton e ficou decidido que prestariam mais atenção na atividade.

Júlio César veio perguntar se poderia curvar um pouco o tecido para tentar levar as 4 bolas, disse que não especifiquei na regra como deveria levar, tecido totalmente esticado ou não.

Apesar de acharem uma maneira “mais fácil” para levar as bolas, ainda assim demoraram para concluir a atividade e foi feita até 3 bolas, ou seja, carregaram 1 depois 2 de uma só vez.

Data: 12.03.24
Turma: 130- 3º. Ano Fundamental Anos Iniciais
Horário: 7:10
Atividade: Jogo do coneбол

Objetivo: Incentivar a cooperação em grupo, priorizando a participação de todos.

Material: Vários cones, 20 bolinhas de piscina vermelhas e 20 azuis, 4 caixas de papelão (2 para cada equipe), sendo que 1 caixa ficará dentro da quadra e a outra do lado de fora da quadra.

Esta atividade foi feita em duplas, na quadra de voleibol (no comprimento) um lado da quadra para cada time. Os 2 times são divididos em metade dentro da quadra e metade fora. Os que estão dentro ficam espalhados na lateral da quadra e seguram um cone cada um e a outra metade do lado de fora da quadra segurando as bolinhas que estarão na caixa de papelão com uma distância delimitada pela professora. Ao sinal da professora as crianças que estão do lado de fora da quadra pegam as bolas que estão na caixa de papelão e **arremessam uma a uma** para os colegas que estão segurando os cones dentro da quadra. Cada bola que a criança conseguir segurar no cone deve ser colocada na caixa de dentro da quadra para no final ver qual time conseguiu colocar mais bolas dentro da caixa. As bolinhas devem ser pegadas somente com o cone e não com a mão. Na próxima jogada inverter, quem está dentro e quem está fora.

Foi uma atividade em que ninguém se destacou, nem meninos, nem meninas, por isso não houve reclamações. Todos acharam muito difícil a atividade. Repetimos várias vezes para que todos conseguissem pegar 1 bola no cone pelo menos 1 vez.

Data: 19.03.24

Turma: 130- 3º. Ano Fundamental Anos Iniciais

Horário: 7:10

Atividade: Jogo de badminton adaptado

Objetivo: Estimular o trabalho em grupo para que todos percebam que cada membro da equipe é importante.

Material: Raquetes de plástico, 3 petecas e corda para dividir a quadra ao meio, 2 redes de voleibol.

Quadra de voleibol dividida em 3 partes (na largura), 2 equipes em cada parte e uma corda para dividir a quadra ao meio, no comprimento. A corda (fina) foi presa nas cestas de Corfebol e as 2 redes colocadas sobre a corda.

Diferente do Badminton onde temos 2 a 4 jogadores, nesta atividade tivemos 3 equipes de 4 a 5 jogadores em cada, uma equipe de cada lado da quadra (dividida). Arremessar a peteca de um lado para outro. Todos devem sacar e a cada rodada alternar as posições. Ganha a equipe que menos deixar a peteca cair.

Esta atividade foi novidade para as crianças que não se preocuparam em contar os pontos ganhos ou perdidos, simplesmente queriam acertar a peteca na raquete. Não tivemos discussões entre as equipes como acertar ou errar. Igor disse que gostou da atividade, mas que era difícil e todos concordaram com ele. Perguntei se mudariam alguma coisa na atividade e disseram que não, mas queriam jogar mais vezes para melhorar as tacadas.

Data: 26.03.24
Turma: 130- 3º. Ano Fundamental Anos Iniciais
Horário: 7:10
Atividade: Jogo do maior número de passes
Objetivo: Incentivar a participação de todos e o esforço conjunto.
Material: 1 bola, coletes ou pulseiras para identificação dos times.

Na quadra de Handebol, 2 equipes, uma de cada lado da quadra.

O jogo teve início perto da linha do gol. Uma equipe marca e a outra avança até o centro da quadra, fazendo passes para os colegas sem que a equipe adversária consiga pegar a bola. A equipe que marca se posiciona no início do lado oposto da quadra de quem inicia com a bola, a distância é bem grande. A criança com a posse de bola terá que evoluir dando apenas 3 passos ou arremessar direto para o colega de equipe assim que pegar na bola. A equipe adversária tentará roubar a bola fazendo marcação corpo a corpo. O último que pegou na bola deverá estar no centro da quadra. Caso a equipe adversária consiga pegar a bola a partida reinicia com a posse de bola da equipe que roubou a bola. A equipe que conseguir passar para todos os colegas sem perder a posse de bola chegando no meio da quadra, marca um ponto.

Nesta atividade a participação das meninas foi maior. Nenhuma equipe marcou ponto, pois não conseguiam fazer os passes para todos para chegar até o meio da quadra.

Perguntei o que aconteceu que nenhuma das 2 equipes conseguiram chegar no meio da quadra.

Rodrigo disse que é difícil passar a bola para todos, são muitos colegas, a maioria concordou.

Perguntei qual seria a solução, se alguém teria uma ideia para modificar o jogo. Luísa disse que precisaria diminuir o número de participantes. Disse que todos teriam que participar ao mesmo tempo. Maria Eugênia disse que poderíamos fazer marcação 1 a 1 e não marcação livre.

Reiniciamos com a marcação 1 a 1, mesmo assim não conseguiam chegar no meio da quadra. Alguns alunos/as ainda tem dificuldade em segurar a bola quando arremessada em longa distância.

Data: 02.04.24
Turma: 130- 3º. Ano Fundamental Anos Iniciais
Horário: 7:10
Atividade: Jogo acertar a bola no bambolê
Objetivo: Incentivar o trabalho em equipe, visando fomentar a interação, a participação ativa e a confiança mútua.
Material: 1 bola, coletes ou pulseiras para identificação do time.

Este jogo tem algumas regras do handebol, mas não têm goleiro/a. As crianças são divididas em 2 equipes, cada uma de um lado da quadra de handebol. Ao sinal da professora a criança avançará para a quadra adversária quicando a bola somente 3 vezes no chão com as duas mãos e passará para o/a colega de equipe, terá que passar para 6 crianças (3 meninos e 3 meninas) antes de lançar a bola no bambolê que estará amarrado na trave do gol (ficará no meio do gol). A equipe adversária não poderá roubar a bola tirando, batendo ou marcando frente a frente quem estiver com a posse de bola. A bola só pode ser lançada na linha do gol da quadra de handebol. No lançamento da bola ao bambolê não poderá existir marcação ou bloqueio. A bola poderá ser roubada somente no ar quando for lançada. Ganha a equipe que mais fizer gol no bambolê.

As crianças gostaram muito desta atividade principalmente por não haver marcação, ou seja, cada um fazia à sua maneira o quicar da bola, pois ainda existem crianças, maioria meninas, que não conseguem quicar somente com

uma mão. Por ser uma atividade em que não havia marcação estavam mais relaxados para jogar, sendo assim, não houve reclamações e estavam bem atentos aos passes caso faltasse uma menina ou um menino para passar a bola antes de lançar no bambolê. Pediram para jogar novamente na aula seguinte. Estava programado para fazer a roda de conversa, mas não houve tempo. Antes de saírem da quadra pedi para que trouxessem ideias de jogos para a próxima aula.

Data: 09.04.24
Turma: 130- 3º. Ano Fundamental Anos Iniciais
Horário: 7:10
Atividade: Jogo da rede humana
Objetivo: Estimular a participação de todos incentivando os que não se sentem seguros para jogar.
Material: 2 bolas, coletes ou pulseiras para identificação do time.

As crianças chegaram para a aula pensando que repetiríamos a aula passada do dia 02.04.24, mas disse que faríamos uma atividade nova e que eles também gostariam.

O jogo tem início na quadra de voleibol e são formados 3 times sendo que 1 deles fica no local da rede de voleibol (rede humana), e os outros dois times ficam nos lados opostos da quadra.

Maria Eduarda e Izabel escolheram os times.

O jogo tem início no par ou ímpar para ver quem começa lançando as 2 bolas ao mesmo tempo por cima da rede humana até ser interceptada por algum componente da rede uma (têm que segurar a bola e não rebater). O grupo que perdeu a posse de bola passou à função de rede humana e assim sucessivamente.

As crianças gostaram desta atividade, pois não tiveram dificuldades.

Na aula anterior pedi que trouxessem alguma ideia de jogos, mas ninguém se empenhou em trazer nenhum jogo.

As crianças desta turma preferem que o professor crie jogos, pois quando perguntei se trouxeram alguma ideia Bernardo disse que não sabia como inventar algum jogo e preferia que eu criasse os jogos, as demais crianças concordaram com ele e Márcia disse que era muito difícil criar brincadeiras.

Data: 16.04.24
Turma: 130- 3º. Ano Fundamental Anos Iniciais
Horário: 7:10
Atividade: Jogo de conduzir a bola sentado/a
Objetivo: Incentivar o olhar para aqueles que possuem alguma dificuldade física.
Material: 2 bolas, coletes ou pulseiras para identificação do time.

Quadra de voleibol, 2 equipes sentadas e espalhadas pela quadra de voleibol na área da defesa, cada uma de um lado da quadra e 1 bola para cada equipe de cores diferentes.

Ao sinal da professora um os times iniciam o jogo chutando a bola (sentado no chão) para o colega da equipe até que a bola cruze o meio da quadra. A bola deve passar pelos pés de todos da equipe antes de chegar no meio da quadra. A equipe que chutar a bola, passando do meio da quadra, marca 1 ponto.

As crianças sentiram bastante dificuldade nesta atividade. Os meninos foram os que mais reclamaram porque não tiveram o mesmo domínio com a bola sentados. Bernardo, Júlio César e Ayrton reclamaram muito da atividade, então pedi que poderiam dar sugestões para melhorar a atividade, disseram que se levantassem ficaria melhor.

Expliquei que era importante que eles sentissem a dificuldade que uma pessoa deficiente física sente quando não há acesso para que ela possa se mobilizar em qualquer ambiente que estiver. Maria Eugênia disse que conhece uma pessoa que anda de cadeira de roda e disse que deve ser muito ruim.

Luísa e Cássia gostaram da atividade disseram ser divertida e diferente.

As demais crianças não reclamaram nem elogiaram a atividade.

Data: 23.04.24
Turma: 130- 3º. Ano Fundamental Anos Iniciais
Horário: 7:10
Atividade: Corfebol

Objetivo: Incentivar a importância da participação de todos sem exclusão por gênero.

Material: 1 bolas, coletes ou pulseiras para identificação do time.

O jogo começa com equipes diferentes na mesma zona de jogo, uma ataca e a outra defende. Após dois pontos, as zonas são trocadas entre os jogadores de cada equipe. O jogo começa com uma bola ao alto no centro do campo. Jogadores não podem correr com a bola. A bola deve ser passada de jogador para jogador. Dribles e condução da bola não são permitidos. Após a troca de zonas, os atacantes se tornam defensores e vice-versa.

Como era a última aula das pesquisas preferi encerrar com o Corfebol por ser o único esporte coletivo misto do mundo. A adesão na escola foi incentivada desde o ano de 2022 e vem sendo ensinado por mim nas aulas de Educação Física para que as crianças entendam como é possível jogar juntos, independente de gênero.

Para melhor identificação dos times usamos pulseiras ao invés de coletes. Não seguimos todas as regras do Corfebol, como menina marca menina e menino marca menino. A marcação era livre, mas a bola precisava ser passada para 2 meninas e para 2 meninos antes de ser lançada para a equipe que estava no ataque ou na defesa.

Precisei parar o jogo para pedir para os meninos que não marcassem com tanta agressividade as meninas. A maioria das meninas não têm grandes habilidades com a bola como os meninos, por isso pedi que eles dessem uma solução desde que continuassem com a marcação mista. Deixei que eles pensassem para saber se dariam uma solução para o problema. Ayrton sugeriu que a marcação fosse feita como em alguns jogos que fizemos, ou seja, 1 a 1 e não mais pessoas marcando somente uma menina. Todos concordaram e definiram quem marcaria quem. Júlio César sugeriu também que desce 1 braço de distância de quem a pessoa fosse marcar, todos concordaram. Fiquei feliz com a sugestão dos dois, mas as demais crianças, principalmente meninas não se manifestaram. Retomamos o jogo e não deu certo a marcação mista. As meninas queriam marcar meninas, não conseguiam pegar a bola e quando Bernardo trombou com Marina e ela caiu, resolvi fazer a marcação como é no

esporte, menina marca menina e menino marca menino, só assim o jogo teve continuidade de uma forma mais divertida.

APÊNDICE 7- ENTREVISTAS

A entrevista separei porque as meninas respondiam o que os meninos respondiam, não manifestavam opinião própria, assim a separação por gênero (apesar da crítica em toda pesquisa), na entrevista, foi mais eficiente.

Quadro 1: Entrevistas – Roteiro de questões “meninas”

Qual o seu nome?	Você sempre participa das aulas de Educação Física? Por que?	Durante as atividades que são realizadas em aula você tem as mesmas oportunidades que as demais pessoas?	Em sua opinião, o que poderia ser feito nas atividades durante as aulas para que todos e todas participassem igualmente?
Ana Andrade Silva	Sim, porque eu gosto das atividades e da professora	Não porque os meninos correm mais que as meninas.	Menina jogar com menina.
Amanda Oliveira Santos	Porque eu gosto muito dos esportes também	Não	As meninas deveriam jogar só com as meninas mesmo.
Bárbara Ap. Chagas	Porque a professora é bem engraçada	Não é impossível pegar na bola, dá pra pegar na bola sim!	Os meninos tinham que dar oportunidades para as meninas.
Cássia Rizzo Alves	Sim, porque eu amo os esportes	Ninguém passa a bola pra mim	Os meninos não podem jogar com a gente.
Isabel Cristina Mendes	Sim, porque eu amo a professora	Se jogar com os meninos eles não passam a bola.	A professora pede para os meninos passarem a bola, eles passam só 1 vez e depois não passam mais. Se as meninas jogam sozinhas dá certo.
Luíza Paes Rosenberg	As aulas são legais e eu gosto de participar	Não	Meninas jogarem com as meninas, sem os meninos.
Márcia Regina Castro	Sim, eu amo as atividades que a tia Sônia dá e a professora	Nada é impossível	As meninas precisam correr igual os meninos.

Maria Eduarda Condez	Porque eu gosto de fazer Educação Física	Difícil alguém passar a bola pra mim.	Não sei o que fazer.
Maria Eduarda Gouveia Prado	Sim, porque eu gosto de fazer Ed. Física, é legal	Eu corro atrás da bola, mas se pedir para os meninos eles não passam	A professora faz jogos que todos têm que participar, mas os meninos passam só 1 vez. Querem jogar sozinhos. O Ayrton e o Júlio sempre passam a bola para as meninas.
Maria Eugênia Farias Melo	Porque as aulas são divertidas	Se a gente se esforçar a gente consegue	Eu grito bastante para passar a bola, mas os meninos não passam. Tem que jogar só as meninas com as meninas. O Ayrton e o Júlio que passam as vezes.
Matilde P. Ricardo	Sim, porque eu gosto muito dos esportes.	Na vida, nada é impossível.	Menina jogar com menina e menino com os meninos.
Marina Valente Vieira	Porque eu não fico entediada	Se a menina for melhor que os meninos ela consegue pegar a bola dos meninos	Não sei o que fazer.
Regiane Brito Sanches	Sim, porque amo os esportes	Nada é impossível	A professora pede para os meninos passarem, mas eles não passam.
Susana Toledo Machado	Porque eu adoro os esportes	Todos têm oportunidades que a professora dá	Mesmo, as vezes, o gol valendo 2 pontos a mais os meninos não passam sempre a bola.

Qual o seu nome?	Você sempre participa das aulas de Educação Física? Por que?	Durante as atividades que são realizadas em aula você tem as mesmas oportunidades que as demais pessoas?	Em sua opinião, o que poderia ser feito nas atividades durante as aulas para que todos e todas participassem igualmente?
Flávio Alves Lunardi	Eu gosto de Ed.Física porque eu gosto de correr e é bom demais.	Eu acho que sim porque todos os meninos tem a mesma chance	Todos tem oportunidade de participar, mas as meninas não correm atrás da bola. Não deveria jogar junto, menino e menina.
Higor Armani Andrade	Eu gosto de Ed.Física porque eu acho um esporte muito legal e a minha professora deixa melhor ainda.	Eu não tenho as mesmas oportunidades, porque poucas vezes as pessoas passam pra mim no esporte	Alguns meninos acham que as meninas são piores e não passam a bola para elas, mas deveria sair do jogo se não passar.
Júlio César Menori	Eu gosto da Ed.Física porque é divertida, tem vários esportes e é muito útil pra aprender.	Sim eu tenho a mesma oportunidade que todo mundo, porque se não tiver não é justo	As meninas tem as mesmas oportunidades, mas tem alguns meninos que acham que elas não tem força e nem capacidade de fazer, aí não passam a bola. Não sei o que fazer, a professora pede, mas têm menino que não passa.
Carlos Henrique Oliveira	Gosto muito de Ed. Física porque a gente aprende os esportes e cansa muito, mas é para um motivo que é o esporte e quanto mais Ed. Física melhor pra	Sim eu tenho a mesma oportunidade porque a Ed.Física é muito boa.	Meninos e meninas são habilidosos nos esportes e as vezes tem meninas melhores que os meninos, nunca duvide das meninas. Tem que

	nossa vida.		jogar junto sempre.
Ayrton Barbosa Castro	Eu gosto porque é muito legal e tem vários esportes e a gente pode aprender muito.	Sim eu tenho várias oportunidades pra fazer gol e fazer um monte de coisa	Os meninos, as vezes, não passam a bola para elas, deveria passar sempre, essa é a solução.
Bernardo Gomes Pereira	Eu amo Ed.Física porque tem vários esportes, a gente pode aprender qualquer esporte da vida, a gente pode ser tudo.	Eu tenho toda oportunidade de fazer gols no futebol e de fazer pontuações no volei	Acho que elas tem toda oportunidade igual dos meninos porque as meninas não são diferentes, são iguais na Ed.Física, não precisa mudar nada.
Vitor Ferreira Albano	Eu gosto de fazer Ed.Física porque é uma aula divertida.	Nem sempre eu tenho oportunidade, quando eu jogo futebol ninguém passa a bola pra mim, volei, às vezes eu tenho e às vezes não	Muitos meninos acham que as meninas não são boas, mas têm menina que é mais ágil e rápida. Não sei o que poderia ser feito.
PauloSampaio Fernandes	Eu amo Ed.Física porque é bom para o nosso “cérebro” e também tem muitas coisas bonitas pra gente praticar.	Eu tenho várias oportunidades, porque eu peço a bola, a gente tem que pedir	Sim, só que as meninas ficam desatentas, daí a gente não consegue passar. A gente tem que passar pra quem está atento.
Miguel Sousa Camargo	Eu gosto bastante da Ed.Física porque tem bastante esportes e pode praticando de pouco em pouco e um dia a gente aprende.	Sim, todo mundo tem capacidade para fazer vários esportes não importa se é menino ou menina, sempre algum vai conseguir.	Acho que os meninos devem passar mais a bola para as meninas, confiarem nelas.
Caio Martins Corrêa	Eu gosto da Ed.Física porque é muito divertido e muito legal.	Às vezes eu tenho oportunidade em alguns esportes.	Não sei o que fazer.
Pedro Neves Gonçalves	Eu participo porque eu amo a	Sim, eu tenho, porque eu amo	As meninas estão sempre

	Ed. Física	Ed.Física	desatentas e, às vezes, os meninos acham que as meninas são mais fracas, acho que menino têm que jogar sozinho.
Rodrigo Mendes Ficher	Eu gosto de Ed.Física porque eu acho ela muito divertida.	Sim, eu tenho a mesma oportunidade que todo mundo	Se os meninos conseguem pegar a bola, as meninas também conseguem. Acho que devemos jogar sempre juntos.
Alexandre Gouveia Perez	Eu gosto de fazer aula de Ed.Física porque essa aula é prática e você precisa da prática pra saber mais coisas e saber como jogar o esporte	Sim, eu tenho bastante oportunidade, mas eu não gosto muito de jogar futebol, por isso não gosto tanto de ir pra bola,	As meninas não vão, às vezes, porque alguns meninos acham elas são mais fracas.
Eduardo Negreiros Amparo	Eu gosto de fazer Ed.Física porque eu adoro correr e eu me divirto muito.	Sim, eu tenho as mesmas oportunidades que todo mundo	Alguns meninos não passam para as meninas porque acham as meninas piores, mas têm menina que joga bem, só não o futsal. Acho que a solução é jogar todo mundo junto, só o futsal que não. Os meninos podem machucar as meninas.

ANEXO 1- APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA

UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -
JÚLIO DE MESQUITA FILHO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ESTRATÉGIAS DE INCLUSÃO QUE MOBILIZEM A INTERAÇÃO ENTRE ESTUDANTES NAS PRÁTICAS CORPORAIS EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Pesquisador: Lilian Aparecida Ferreira

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 70601323.0.0000.5398

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.216.746

Apresentação do Projeto:

Atuando como docente em uma escola privada há 13 anos e a vivência com profissionais de Educação Física de outras escolas, constato uma realidade reveladora de comportamentos sociais conflitantes como a exclusão nas aulas de Educação Física, seja por gênero ou por habilidades físicas. Estas questões vêm se destacando como um problema nas aulas, trazendo implicações imediatas e futuras para as oportunidades e possibilidades de vivência por parte das crianças nas práticas corporais. Ao direcionarmos o olhar para a diferença entre meninos e meninas que a sociedade constrói, percebemos que, desde pequenas, as crianças já ouvem falar "o que é de menino e o que é de menina", alimentando uma identidade fixa e delimitada para cada um. Isso vai sendo inserido na educação da criança, de tal forma que passa a ser "natural" e uma verdade assumida. Para Santos (2011, p. 46), no ambiente escolar a relação entre os gêneros tende a se estabelecer por critérios discriminatórios, principalmente dentro das aulas de Educação Física. Tratam-se de construções culturais, reveladas pela sociedade, pelas famílias, as quais: "[...] são reforçadas por regras e práticas que buscam no seu íntimo produzir condutas morais que se consideram apropriadas nos espaços sociais e automaticamente são reproduzidas dentro da escola". Outro fator discriminatório estabelece aproximação com as aulas voltadas somente para incitar a competição e, muitas vezes, detectar talentos esportivos sem nenhuma preocupação inclusiva, tendo sempre alguns poucos alunos considerados "mais habilidosos" com mais destaque

Endereço: Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01
Bairro: CENTRO **CEP:** 17.033-360
UF: SP **Município:** BAURU
Telefone: (14)3103-9400 **Fax:** (14)3103-9400 **E-mail:** cepesquisa.fc@unesp.br

**UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -
JÚLIO DE MESQUITA FILHO**



Continuação do Parecer: 6.216.746

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_2157465.pdf	07/06/2023 09:04:45		Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRostoassinada.pdf	07/06/2023 09:04:07	Lilian Aparecida Ferreira	Aceito
Outros	Carta_AutorizaPesquisa_2023.pdf	06/06/2023 21:08:56	Lilian Aparecida Ferreira	Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	06/06/2023 21:08:16	Lilian Aparecida Ferreira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.pdf	06/06/2023 21:07:42	Lilian Aparecida Ferreira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	06/06/2023 21:07:30	Lilian Aparecida Ferreira	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjDEFINITIVO_SoniaJunho_2023.pdf	06/06/2023 21:06:37	Lilian Aparecida Ferreira	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BAURU, 03 de Agosto de 2023

Assinado por:
Mário Lázaro Camargo
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01
Bairro: CENTRO CEP: 17.033-360
UF: SP Município: BAURU
Telefone: (14)3103-9400 Fax: (14)3103-9400 E-mail: oepesquisa.fc@unesp.br